



ENCANTO RODELAS

Celito Kesting

 Pedro & João
editores



CELITO KESTERING

ENCANTO RODELAS



Copyright © Autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Celito Kesting

Encanto Rodelas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 256p.
14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1951-6 [Digital]

1. Arqueologia. 2. Geologia. 3. Antropologia. 4. História. 5. Autor.
I. Título.

CDD – 930

Capa e Diagramação: Celito Kesting

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajéu – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajéu (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Amigo, vem comigo, a ver minha terra. Entremos.

Aqui é Rodelas:

À frente da igrejinha inacabada, em seu nicho postado,
Manso e despreocupado,
O velho São João Batista abençoando a gente,
Desde cedinho ao sol poente, mansamente, despreocupadamente.
E o rio descendo... O rio cantando...
Descendo, cantando e molhando vazantes.
Bem-vindo, meu caro.

Aqui é Rodelas.

A terra é modesta, é pobre e pequena.
Não tem atrações de grande cidade,
É só fealdade, tristeza e humildade.
Um povo que é um mimo de pobre e bom.
O povo que eu amo, este povo que é meu, de sangue e coração.
Manhãs tão serenas,
Que a gente desperta cedinho somente pra vê-las.
As tardes morenas, as tardes amenas
São meigo convite à saudade
De coisas distantes que a gente nem sabe o que sejam.
As tardes morenas se vão lentamente,
Sorrindo pra gente um riso saudoso na boca da noite.
As noites desertas são meigo convite pra gente dormir.

Aqui é Rodelas.

Domingo é dia de feira, de fazer a barba,
De acertar contas e pagar trabalhador.
Domingo, dia de Nosso Senhor.
Descansar, rezar, beber cachaça e dançar.

Aqui é Rodelas.

Novenas alegres quando é São João,
Que é a festa da terra.
Foguetes subindo, fogueiras queimando...
O bumba zabumba, o sopro do pífano...
Joguinho de rua e baile a valer.
Oh, baile, que bom! Oh, baile, que bom!

E quando é a quaresma, cantando os penitentes
Seus cantos pungentes ao longo das noites,
Às quartas e sextas, se põem a penar com as almas penadas.

Aqui é Rodelas.

Há rua de branco, rua de preto e rua de caboclo.
Há baile de branco e baile de preto,
De preto e caboclo que em festa andam juntos.
Baile a sanfona, rancheira e quadrilha...
Há gente com fome, de todas as cores,
Gemendo na enxada, segunda até sábado.
Gente tuberculosa, de todas as cores,
Gemendo e morrendo por causa da fome.
Não fosse a vazante, não sei o que seria do povo.
Coitado do povo! Não sei o que seria, não fosse o pouquinho
Que espalha nas ilhas o bom São Francisco,
Descendo, cantando e molhando vazantes.

Aqui é Rodelas.

Há vacas de leite pros mais abastados,
Capim de vazante, garapa de cana e batata, que é o pão do caboclo.
Meninos na rua, de dia e de noite,
Correndo, pulando, gritando, jogando poeira na cara da gente.
Fiandeiras no engenho, rendeiras nos bilros,
Rendeiras batendo o tear, o dia inteirinho.
Manhã, bem cedinho, canoas a pano, rumando pras ilhas.
De pote à cabeça, já vão aguadeiras a caminho do rio.
Pouquinho mais tarde, cascalhos coalhados de roupas, quarando.
Tardinha, as canoas velejam, chegando,
Ou vogam os remeiros se o vento falhou.
De noite, a quietude, silêncio profundo, poeira na rua.
Cruzeiro, cemitério, assombração,
As almas do outro mundo, o Lobisomem, o Negro d'Água.
Superstição e mais superstição.
Entanto, meu caro, não cisme de entrar:
Há um povo que é um mimo de pobre e de bom:
O povo que eu amo, este povo que é meu, de sangue e coração.

João Justiniano da Fonseca

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	HISTÓRIA	17
2.1	A Guerra Contra os Holandeses	19
2.2	Portão de Entrada dos Curraleiros	23
2	RODELAS DE MEUS ENCANTOS	29
2.1	O Rio, as Ilhas e as Vazantes	33
2.2	A Cidade	45
2.2.1	A Igreja de São João Batista	52
2.2.2	Avenida Manoel Moura	62
2.2.3	Rua dos Caboclos	64
2.2.3.1	<i>Recomendações de Antônio Conselheiro</i>	75
2.2.4	Reconhecimento Oficial dos Indígenas Tuxá	82
2.2.5	Rua de Cima	88
2.2.6	Praça Dr. José Lima	93
2.2.6.1	<i>Monumento a Florêncio de Almeida Lima</i>	102
2.2.6.2	<i>O Sobrado da Professora Dulcina Cruz Lima</i>	105
2.2.6.3	<i>Residência de Manoel dos Santos</i>	112
2.2.6.4	<i>Casa de Domingos José de Almeida</i>	115
2.2.6.5	<i>Outras Casas Residenciais e Bodegas</i>	117
2.2.7	Rua do Garguelo	127
2.2.8	Rua Dom Bosco	130
2.2.9	Rua Firmina Ramos	132
2.2.10	Rua Domingos Almeida ou do Cais	134
2.2.11	Ruas Alto do Sabará e Miguel Soares	136
2.2.12	Os Becos	137
2.2.12.1	<i>Beco de Alcino</i>	137
2.2.12.2	<i>Beco da Igreja</i>	137
2.2.12.3	<i>Beco de Laura</i>	138
2.2.12.4	<i>Beco do Sobrado</i>	139
2.2.12.5	<i>Beco de Alexandra</i>	140
2.2.12.6	<i>Beco de Cícero Lúcio</i>	141
2.2.12.7	<i>Beco do Garguelo</i>	141
2.2.12.8	<i>Beco do Funrural</i>	142
2.2.12.9	<i>Oitão de Florzinho</i>	143

2.2.12.10	<i>Beco de Dora</i>	143
2.2.12.11	<i>Beco de Afra</i>	144
2.2.12.12	<i>Beco de Artur</i>	145
2.2.13	A Várzea	146
2.2.14	Os Educandários	149
2.2.14.1	<i>Escola Rural de Rodelas</i>	150
2.2.14.2	<i>Centro Integrado Governador Luiz Viana Filho</i>	151
2.2.14.3	<i>Escola Normal Nossa Senhora do Rosário</i>	153
2.2.14.4	<i>Escola Estadual Dulcina Cruz Lima</i>	155
2.2.15	Os Postos de Saúde	157
2.2.16	O Cemitério Municipal	158
2.2.17	Os Clubes	159
2.3	A Caatinga	161
2.3.1	Geologia	162
2.3.2	Vegetação	173
3	HÁ MEIO SÉCULO	179
4	AGORA RODELAS, EM ESPÍRITO E VERDADE	183
4.1	Parceiro na Reconquista de Zorobabé	191
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
	REFERÊNCIAS	229
	APÊNDICES	241
	ANEXOS	253

1 INTRODUÇÃO

Sinalizaria apreço à inconsistência factual se principiasse o relato que ora faço, a confessar haver preservado ínfima fagulha de saudade da enchente que, em março 1974 ocorreu nos municípios do Sul do Estado de Santa Catarina. Cidades inteiras amargaram os efeitos catastróficos das águas que, na calada da noite, sem piedade alguma, silenciosa e traiçoeiramente invadiram casas, destruíram plantações, deslizaram encostas, arrasaram ruas, danificaram estradas, removeram pontes e retorceram até mesmo os trilhos de aço da centenária Ferrovia Theresa Cristina. Em Tubarão, cidade onde eu estudava, morreu gente às miríades.

No primeiro andar do Seminário Nossa Senhora de Fátima, de domingo à noite (23/03) até terça feira de manhã (25/03), nada se podia fazer que não fosse contemplar o que se passava no entorno e temer que desmoronassem as paredes do edifício e ruísse nossa esperança de sobrevivermos ao episódio. Preenchia-se o tempo com apressadas confissões, em preparação à quase certa viagem definitiva à eternidade, e a idealizar projetos pessoais, em forma de promessas que se pagariam ao longo da vida se, por muita sorte, subsistíssemos àquela catástrofe climática.

Nas intermináveis horas da circunstancial e compulsória angústia existencial, eu cozinhava a sugestão que, dias antes, um colega me propusera: a de viver dois anos no Nordeste do Brasil, com o propósito de compartilhar o que aprendera no educandário religioso e estava a conhecer no Curso de Filosofia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Nas entranhas daquela proposta gestava-se a ideia de agregarem-se as horas de experiência pastoral junto às comunidades da gente sofrida do Sertão Semiárido, à carga horária teórica do curso de Teologia que, no ano seguinte, eu iniciaria em Florianópolis.

Por oportuno, lembro que, por aqueles dias, nas salas de aula da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), então conhecida como Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC), estava em voga o Estruturalismo. Tanto era que os professores do curso de Filosofia, ao invés de enfatizarem o estudo da lógica clássica, aristotélica ou tomista, preferiam incentivar a adoção daquela inovação filosófica como referência básica para compreensão e ordenamento da realidade material e espiritual dos estudantes e da sociedade. Nessa época, com ambos os pés fixos nos estribos do sistema binário estruturalista, eu ensaiava pensar, compreender o mundo tangível e gerar conhecimentos novos.

Na academia estudavam-se, com sofreguidão, Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, também Gilles Deleuze, Michel Foucault e, singularmente, Claude Lévi-Strauss. Desse antropólogo francês fiz-me herdeiro, na compreensão de que, em posse de estrutura mental única, essencialmente binária, o *Homo sapiens*, independentemente de ser pré-histórico, antigo, medieval, moderno, contemporâneo ou pós-moderno, para orientar-se na vida, elabora conhecimentos míticos e/ou científicos, com parâmetros conceituais diametralmente antagônicos. Para nortear-se, ele precisa ter a noção precisa dos conceitos opostos, leste e oeste. Para orientar-se, a ideia clara dos polos ártico e antártico.

Exemplificava-se com o evidente antagonismo que se dizia haver entre os regionais Nordeste III, excessivamente pobre, e Sul IV, razoavelmente rico. Com dados estatísticos e sociológicos, comprovava-se a gritante disparidade econômica e social dos habitantes desses dois territórios brasis. Com convicção dogmática, dizia-se: *Contra facta nullae essent argumenta* (contra os fatos não haveria argumentos). Para compreensão da evidente dessemelhança entre as áreas, destacavam-se dois modelos explicativos interdependentes e complementares, quais eram, fenômenos climáticos (seca) e

razões histórico-culturais (ancestralidade nativa e/ou africana). Sequer imaginávamos que, em assim raciocinar, atapulhávamos a caserna dos preconceituosos.

É bastante recorrente, no âmbito do senso comum e dos meios de comunicação, o ato de entender a região Nordeste como sinônimo da seca, da miséria e da pobreza. Isso cria um estereótipo sobre a população nordestina, estimulando preconceitos e discriminações de toda ordem e reduzindo toda pluralidade étnica dessa população a uma única representação. Na verdade, essa construção é uma visão muito simplista da realidade. O que realmente existe, podemos dizer, é a existência de vários “nordestes” dentro de um mesmo Nordeste. Isso é representativo não somente das questões climáticas e naturais, mas também das relações culturais, econômicas, sociais e étnicas, representando uma elevada gama de riquezas naturais e humanas. Por isso, podemos dizer: Nordeste não é só seca, é diversidade.

Além disso, sempre houve um exagero sobre a dimensão do problema da seca no Nordeste. Sabemos que esse problema existe e que ele é uma das questões mais sérias a serem enfrentadas no Brasil. No entanto, em função da chamada “indústria das secas”, muitas vezes, há um dimensionamento exagerado tanto geograficamente quanto semanticamente do problema, a fim de se angariar mais recursos para a realização de investimentos em meios privados. (...) o Nordeste não se resume apenas à região da seca, sendo essa apenas uma de suas inúmeras espacialidades. A região do Polígono das Secas, inúmeras vezes ampliada cartograficamente, transformou-se em uma verdadeira fantasia, uma vez que as regiões com reais problemas de déficit hídrico (quando os índices de evaporação são maiores que os índices de chuvas) não totalizam toda a área apontada.

Além do mais, conforme apontam alguns críticos da imagem que se construiu no Nordeste nos últimos anos, o problema da seca na região do Semiárido nordestino não se resume apenas à falta de água, mas sim à ausência de interesse político. As acusações giram em torno de outra questão que se junta à indústria das secas: a indústria dos votos, uma vez que muitos

políticos, em tese, beneficiam-se das condições de miséria de parte da população, para lhe conceder bens materiais de breve duração – como cestas básicas – em troca de apoio eleitoral. (PENA, 2022).

Quando a água baixou, na terça feira de manhã (25/03), alguns colegas foram à casa das freiras, buscar um pouco de comida que no primeiro andar daquele edifício se havia guardado. No liceu eclesial não havia a mínima condição de continuarmos. Faltava água potável, energia elétrica, comida e salubridade. Tinha-se que buscar guarida para os estudantes, junto às próprias famílias que moravam relativamente distante daquele ateneu religioso. Parti, assim, a São Ludgero, minha paróquia natal, com o propósito de revelar ao vigário e aos familiares a decisão que parecia apropriada a meu contexto existencial. Pesava grandemente, em favor dela, haver perdido meu pai ainda jovem, por enfarto fulminante do miocárdio, e sentir-me pesado fardo à genitora que, além de mim, tinha nove outros rebentos a criar, nas lides agrícolas, e educá-los em colégio que distava seis quilômetros do Morro do Gato, onde moravam.

À noite do mesmo dia, durante a ceia, enquanto minha mãe, meus nove irmãos e eu estávamos em torno à mesa de jantar de nossa casa, para nos alimentar, planejar as atividades do dia seguinte e rezar um terço do *Rosenkrans* (rosário), comuniquei a decisão de interromper meus estudos. Disse-lhes que, ao concluir o Curso de Filosofia, vincular-me-ia ao Projeto Igrejas Irmãs, elaborado e assumido pelas dioceses dos regionais Sul IV e Nordeste III, para trabalhar durante dois anos em comunidade, ainda incógnita, do sertão nordestino.

Por nada entenderem do que se tratava, meus irmãos mais novos sequer percebiam que eu estava a solicitar endosso familiar à missão que me propusera realizar, longe da companhia e do afago deles. Minha genitora, por sua vez, em nome de toda parentela, com voz embargada pela contenção

de uma lágrima rebelde, disse preferir ter-me a seu lado, na tarefa de criar meus irmãos mais novos. *Aber* (mas, em alemão), arrematou, se você entende que é bom para você, será bom para nós. Dois anos passam rápido como um sopra.

Em assembleia que, no mês de junho do mesmo ano, realizou-se em Florianópolis, selecionaram-se mais de duas dezenas de candidatos, dispostos a viver a mesma experiência a que eu decidira aplicar-me. Entre eles figuravam oito jovens outros, em condições semelhantes as minhas. Decidiu-se, nessa oportunidade, que até a primeira quinzena de março do ano seguinte, por ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade, nos apresentássemos todos às comunidades nas quais partilharíamos teoria e prática religiosa cristã, durante o biênio 1975-1976. Antes, porém, de pormo-nos a caminho da Bahia, recomendou-se expormos nossos propósitos pessoais, às paróquias sul-catarinenses, para receber delas a devida aprovação, em ritual religioso específico, caracterizado como **mandato**.

Em homilias proferidas por autoridades eclesiais que, por estribarem-se no modelo explicativo histórico-cultural, pensavam representar o pensamento dos paroquianos, destilou-se o supassumo do preconceito e da discriminação às comunidades nordestinas. Em alto, bizarro e péssimo som, sem pejo, rubor e/ou embaraço qualquer, reiteradas vezes recomendou-se que não nos deixássemos contaminar pelas águas impregnadas da indolência dos varões nordestinos e sedução das mulheres baianas, de ancestralidade negra e/ou indígena. Em clássico humor sarcástico, sugeriu-se até que, à semelhança de antigos tropeiros, se preciso fosse, sacrificasse-se um boi às piranhas, que fosse o mais fraco dos mandatários, para salvarem-se os mais fortes. Como estratégia para garantir-se a sobrevivência cultural e religiosa propôs-se que toda a ação missionária se fizesse, destarte, em equipes muito

bem estruturadas, a contar com a experiência comprovada de idosos (*virī probatī*) nelas imiscuídos.

Diferentemente dos demais colegas que viajaram em equipes muito bem constituídas, no dia 2 de março de 1975, às 20 horas, eu parti atrasado e solitário, de Tubarão a São Paulo onde, na manhã do mesmo dia, pela Empresa Bonfinense, segui viagem a Salvador. Lá cheguei no dia 5, pela manhã. À noite do mesmo dia prossegui viagem a Paulo Afonso onde cheguei à madrugada do dia 6 de março. Seria eu o boi de piranha, destinado a sucumbir nas águas nordestinas, para salvar os componentes mais fortes do rebanho missionário que, em pequenos e bem estruturados magotes, haviam-me antecedido?

Dirigi-me ao Centro de Coordenação Pastoral da Diocese de Paulo Afonso onde Manoel Alcides Modesto Coelho, então vigário geral, esperava-me com uma Kombi, já abastecida, para conduzir-me à velha cidade de Rodelas, distante mais de cem quilômetros rio acima. Lá se programara fazer, naquele mesmo dia, o lançamento da Campanha da Fraternidade do ano 1975 e a concomitante apresentação do recém-formado filósofo catarinense, disposto a contribuir na conscientização e organização dos trabalhadores rurais daquele sertão bravo.

Por sinuosas e empoeiradas estradas, seguimos rumo à pré-histórica e histórica terra de Francisco Pereira Rodelas, herói maior do exército de Felipe Camarão na guerra contra os holandeses. Passamos pelas ruínas da velha cidade de Santo Antônio da Glória, destruída para dar lugar às águas que, com brevidade, represar-se-iam pela Barragem de Moxotó. Naquele cenário desolador, iniciou-se com o coordenador geral da pastoral diocesana um profícuo diálogo que nos fez benéfica companhia durante as quatro horas de relógio que se seguiram até chegarmos ao destino pretendido, escoltados até os dias de hoje e conduzir-nos-á, por certo, até o fim de nossos dias. Naquela viagem partilharam-se e compartilharam-se, em caráter definitivo e irrevogável, dois

sistemas simbólicos recheados de sonhos e utopias, edificados sobre consistentes estruturas familiares matriarcais. (KESTERING, 2019a, p. 27).

Aquela cidade, incrustada no Sertão Semiárido, originou-se de um aldeamento indígena Tuxá, organizado por missionários franciscanos que, na sobretarde do século XVII, haviam iniciado a catequização concomitante de vários grupos nativos do Submédio São Francisco para cujos territórios estava-se naquele momento a planejar a implantação do Lago de Itaparica. Perguntava a meus botões se estava eu habilitado a prosseguir o trabalho que aqueles intrépidos e destemidos evangelizadores, três séculos antes do Projeto Igrejas Irmãs haviam começado.

O vocábulo Rodela provém do formato de um escudo circular usado pelos tapuias [indígenas de etnia desconhecida] como arma de guerra. Foi este instrumento bélico que deu nome a um dos mais valorosos combatentes da tribo – o índio Francisco que, a seu prenome acrescentou-se o nome Rodela, passando a chamar-se Francisco Rodela. Porém, como a tribo era substantivo coletivo, passou-se a utilizar no plural seu atributo identitário. Dessa forma, o índio guerreiro ficou conhecido como Francisco Rodelas. (BARBALHO, 1982 *apud* FONSECA, 1996).

Discordantemente da equipe missionária que se deslocara a Sobradinho, distante 300 km rio acima, alojada dentro do acampamento da empresa que estava a exigir traumática relocação de 72 mil pessoas, encontrei abrigo na casa de uma família que, pela construção da Barragem de Itaparica, estava na iminência de compulsoriamente transferir-se. De imediato integrei-me à equipe local de catequese e evangelização. A ela devo infinita gratidão pela calorosa receptividade, generosa hospitalidade, pródiga amabilidade e, sobretudo, pelo eficiente repasse de informações históricas e dados antropológicos que fizeram encantar-me pelo jeito de ser das famílias em geral e, especificamente pela parentela de

Ducilene, a mulher que escolhi para ser minha vitalícia companheira.

Como desdenhar meu encanto pelo jeito de ser e pela estrutura do sistema simbólico das índias e dos índios, das negras e dos negros, das mestiças e dos mestiços, das brancas e dos brancos do Sertão Semiárido nordestino? Na companhia dos indígenas Tuxá de Francisco Pereira Rodelas e das ramas da cepa nativa Massacará de Uauá eu aprendi a ser feliz.

Sou eu o esquivo mandatário catarinense que, por ignorar recomendações eivadas de preconceito e menoscabar fazer-se boi de piranha, no Sertão de Francisco Pereira Rodelas, encontrou fartas razões históricas, antropológicas, genéticas, religiosas, sociológicas, políticas e culturais para nele aprender a ser feliz, casar-se e constituir família.

Para que, na esteira do tempo não se perca essa benfazeja história pessoal, registro e público meu encanto pelos negros, morenos e brancos que, ao longo dos séculos, o sistema colonialista empobreceu no Nordeste e, por isso, marginalizam-se ainda hoje e discriminam-se no Sul e Sudeste do Brasil. Enfatiza-se o desvendar do contexto histórico, antropológico e arqueológico da Doce Lua, de nascença Massacará e herança cultural Tuxá, a iluminar as noites até então tenebrosas de minha existência.

Morei dois anos em Rodelas. No relato que ora faço registro preferencialmente o que vi e ouvi. Outras informações que acrescento são o resultado da pesquisa que, em função do que me contaram os indígenas, morenos e brancos, eu fui provocado a fazer.

2 HISTÓRIA

Desde tempos imemoriais da pré-história, indígenas do Povo Procá, de raiz Kariri, habitavam a Ilha de Zorobabé¹, formada pela deposição de conglomerado, areia, silte e argila que, durante o Cenozoico (Pleistoceno e Holoceno), na porção submédica do Vale, o Rio Pajeú ofertava com prodigalidade ao Rio São Francisco. Por situar-se à montante de uma grande curva que o rio fazia, o lugar era propício à acumulação dos sedimentos que, nos períodos de chuva sazonal, aquele tributário intermitente do território pernambucano carregava.

Pelas condições ambientais favoráveis, era notória a fertilidade dos solos daquele ípuã fluvial. Nele os indígenas agricultavam nos moldes do que faziam outros grupos nativos das regiões litorâneas e interioranas justafluviais. Eram, portanto, afeiçoados à prática da agricultura de subsistência, com a qual, em concomitância com a coleta, caça e pesca, mantinham suas famílias.

Havia entre eles, principalmente nos grupos ligados ao tronco Tupinambá, o milenar costume de cultivarem pequenas

¹ O nome da ilha devia-se ao reconhecimento dos indígenas locais à coragem e aos feitos de Zorobabé, nativo Potiguar que, em 1603, por solicitação do Governador Geral do Brasil, deslocou-se da Serra de Capaóba, na Paraíba, com 1500 homens de guerra, para combater os Aimoré que haviam destruído Ilhéus e Porto Seguro. Ameaçados, porém, de ficarem cativos na Bahia, os nativos Potiguar se puseram em guerra contra os colonizadores portugueses. Informado do que estava ocorrendo, o recém-chegado Governador Geral Diogo Botelho, ordenou que os deixassem retornar à Paraíba. “A recepção que teve na Paraíba foi de fazer inveja a qualquer chefe de Estado. Os potiguaras da terra, avisados por mensageiros que de longe lhes trazia a boa nova, foram esperá-lo, à distância de dez e até vinte léguas, abrindo e limpando o caminho por onde havia de passar o valoroso chefe. Na chegada, todos corriam a vê-lo como a um rei poderoso que volta a seus domínios, coberto de glórias.” (ALMEIDA, 2025).

caixaras onde empregavam rudimentares práticas agrícolas tradicionais. Cultivavam mandioca, milho, batata-doce, cará, feijão, amendoim, tabaco, abóbora, urucum, algodão, cuia, cabaça, pimenta, abacaxi, mamão, erva-mate, guaraná, caju e pequi. (RIBEIRO, 1995, p. 32 *apud* KESTERING, 2021, p. 137-138).

Figura 1 – Ilha de Zorobabé



Fonte: Google Earth (2025), adaptada pelo autor

Naquela ilha ou nas adjacências, em data incógnita, nasceu o *kurumim*² que, na Guerra contra a Companhia das Índias Ocidentais, em 1939, celebrizou-se como Rodela³. Com tal distintivo, passou a ser respeitado em todo Nordeste do Brasil.

Lembra-se que os indígenas de raiz Kariri e Tupinambá, distribuídos pela região Nordeste do Brasil, atribuíam nome ao *kurumim*, somente depois que ele renascia para o Encanto,

² “Calmon atribui a reunião do “gentio rodela” para o combate contra os holandeses a Garcia d’Ávila, e descreve o Chefe Francisco Rodela como valoroso Cariri, que teria se tornado capitão da aldeia porque seu trisavô tinha investido contra os temíveis Caetés.” (CALMON, s/d, p. 82 *ss apud* SALOMÃO, 2020, p. 76).

³ “O nome da etnia era devido ao nome do primeiro chefe. Eles se afastavam e reivindicavam uma nova identidade, mesmo carregando muitos aspectos culturais do povo de origem.” (MUYPURÁ, 2020b *apud* KESTERING, 2021, p. 18).

o Espírito ou a Identidade. Tinha ele que revelar sua personalidade, pela realização de um feito significativo à comunidade. Se o respectivo acontecimento fosse inédito ou extraordinariamente relevante, seu nome representava todo grupo. A significância do epíteto que a eles se atribuía, media-se pela extensão do território de sua influência. (KESTERING, 2025, p. 18-19).

Os indígenas da ilha de Zorobabé faziam parte dos nativos aliados que mantiveram bom relacionamento com os portugueses. Eles foram, por isso, importantes para o projeto de colonização do Sertão Semiárido.

(...) tanto pelos conhecimentos que possuem da terra e da língua quanto pelo exemplo que podem dar. Serão eles, também, os principais defensores da colônia, constituindo o grosso dos contingentes de tropas de guerra contra inimigos tanto indígenas como europeus. (PERRONE-MOISÉS, 1992, 118 *apud* SALOMÃO, 2020, p. 78).

2.1 A Guerra contra os Holandeses

Em relativa tranquilidade viviam os indígenas do Submédio São Francisco conquanto, pela ocupação colonizadora portuguesa, desde 1500, estava-se a desestabilizar a vida dos grupos litorâneos da Província de Pernambuco a que pertencia a ilha de Zorobabé.

No Velho Mundo, porém, com o surgimento do protestantismo de Lutero, em 1517, e de Calvino, em 1536, começava-se a desmoronar o Sagrado Império Romano Germânico que, no ano 800 da Era Cristã, Carlos Magno havia fundado⁴. O conflito que, no campo das ideias, inaugurou-se

⁴ Ao território do Sacro Império Romano Germânico integravam-se: Norte da Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda, Alemanha, Leste da França, Áustria, Suíça, Bélgica, Oeste da Polônia, Hungria, República Checa, República Eslovaca, Eslovênia e Luxemburgo.

no início do Século XVI, na esfera operacional manifestou-se na primeira metade da Centúria XVII quando, em 1618, deflagrou-se a Guerra dos 30 anos, de protestantes contra os católicos.

Dentro do Sacro Império, em 1517, o monge **Martinho Lutero** apresentou 95 críticas relacionadas às práticas existentes no catolicismo, religião predominante na Europa. A publicação desse material ficou conhecida como as **95 teses** de Lutero, o que deu início à **Reforma Protestante** e gerou uma divisão entre povos e monarquias na Europa. Existiam aqueles, portanto, que seguiam apoiando o catolicismo, e aqueles que defendiam o protestantismo.

Essa divisão religiosa, entretanto, gerou uma situação conflituosa entre os habitantes do Sacro Império Romano-Germânico. Para amenizar a situação, o Sacro Imperador Carlos V estabeleceu a chamada **Paz de Augsburg**.

A Paz de Augsburg foi um tratado de paz, assinado em 1555, baseado no seguinte princípio: “**Cuius regno, eius religio**”. A tradução dessa frase seria algo como “De quem [é] a região, dele [se siga] a religião”. Ou seja, a religião a ser seguida por aqueles que habitam um território deveria ser a religião que o governante deste território segue. Com isso, os luteranos (protestantes) passaram a ser intolerados oficialmente no Sacro Império.

Na Boêmia, entretanto, a situação era um pouco mais complicada. Havendo nessa região uma maioria protestante que era governada por uma autoridade católica, a solução encontrada para manter a ordem nesse território foi a criação de uma “**Carta de Majestade**”. O documento, que foi assinado pelo Imperador Romano-Germânico Rodolfo II em 1609, garantia liberdade religiosa para os protestantes dentro do território boêmio.

A partir de 1617, contudo, o então imperador romano-germânico era Fernando II, que além de carregar a fama de fervoroso católico, revogou a Carta de Majestade e fez questão de não autorizar a construção de duas igrejas protestantes. A situação ocasionou a prisão de indivíduos que protestaram contra essa decisão e, posteriormente, foi

convocada uma assembleia para discutir o descumprimento do documento assinado por Rodolfo II.

Essa assembleia, que aconteceu no dia 23 de maio de 1618, contou com a participação de quatro autoridades católicas e aconteceu em uma pequena sala no interior do Castelo de Praga. Como forma de retaliação, em resposta à revogação da Carta de Majestade, dois desses representantes católicos presentes foram **jogados pela janela** desta sala, caindo de uma altura de aproximadamente 9 metros. Este evento, que foi o estopim para a Guerra dos 30 Anos, ficou conhecido como a **Segunda Defenestração de Praga**. (REIS, 2022).

A Guerra dos Trinta Anos já completara quatro invernos quando, em julho de 1622, com apoio do exército católico da Espanha, na Batalha de *Fleurus*, impôs-se fragorosa derrota aos protestantes que pretendiam invadir a região Sul da Holanda, onde hoje se localiza a Bélgica. Lembra-se que João Maurício de Nassau, que anos depois (1637-1643) esteve à frente do Brasil Holandês, em Pernambuco, lutava ao lado de seu primo, o príncipe de Orange Moritz von Nassau, naquela luta contra os espanhóis. (SILVA, 2025). Por oportuno, observo que, em 1622, na cidade de Metelen, junto à atual fronteira da Alemanha com a Holanda, nasceu Bernhard (Urso Forte) Kesting, meu octavô paterno, cuja família era Católica Apostólica Romana, desafeta destarte, do exército em que pugnavam os dois rebentos da parentela Nassau.

Em 29 de agosto de 1622, os terços espanhóis impuseram-se na Batalha de *Fleurus* contra os protestantes do Sacro Império. A batalha ocorreu no âmbito da Guerra dos Trinta Anos, uma luta que acabou levando toda Europa às armas. Nela se disputavam duas formas de entender o mundo, ou seja, **duas civilizações opostas, a sociedade burguesa, capitalista e protestante, contra a sociedade tradicionalista e católica** (grifo nosso). (LUACES, 2011 *apud* KESTERING, 2023a, p. 43-44).

Limitados os espaços comerciais na Europa, os protestantes decidiram-se por ampliar seus negócios nas colônias americanas e africanas. Para isso haviam criado a Companhia das Índias Ocidentais⁵. Assim, no dia 9 de maio de 1624, invadiram a Bahia de Todos os Santos.

No dia 9 de 1624, chega a Salvador, na Bahia, uma forte esquadra de guerra holandesa (26 navios e mais de 3 mil homens) comandada por Jacob Willekens e Piet Heyen. Era a primeira invasão holandesa ao Brasil. A certeza da vitória era tamanha que a esquadra já trazia o primeiro governador holandês Johan van Dorth. A escolha de Salvador não se devia apenas à riqueza da Capitania (a mais lucrativa depois de Pernambuco), mas também a sua privilegiada posição geográfica. A cidade contava com um excelente porto e serviria de base para futuras expansões a outras regiões do Brasil. Além disso, sendo capital da colônia, era a chave para um controle eficiente do território. (DOMINGUES, 2025).

Malograda a tentativa de ocupação holandesa permanente, em virtude da excessiva confiança manifesta pelos protestantes capitalistas do Velho Mundo e graças à providencial armada católica (luso-espanhola) constituída de 52 navios e mais de 12 mil homens de guerra, no dia 1º de maio de 1625, reconquistou-se Salvador. Não desistiram de seu intento, contudo, os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais. Cinco anos depois, retornaram à América, para invadir a província de Pernambuco onde foram bem sucedidos e, por conta disso, nela permaneceram de 1630 a 1654.

⁵ “A Companhia das Índias Ocidentais, DutchWest-IndischeCompagnie, foi uma empresa de comércio holandês, **fundada em 1621**, com o objetivo de promover uma guerra econômica contra a Espanha e Portugal. O monopólio ibérico no comércio entre a Europa e Américas era um incômodo político e econômico e a empresa foi fundada pelos holandeses como maneira de promover negócios entre as colônias americanas e africanas.” (TODA MATÉRIA, 2023 *apud* KESTERING, 2023a, p. 44).

Em 1637, ainda no contexto da Guerra dos 30 Anos, as forças protestantes holandesas, lideradas por Maurício de Nassau, invadiram as terras da Ribeira das Alagoas do São Francisco, então pertencentes à província de Pernambuco, e expulsaram a população nativa e portuguesa, majoritariamente católica, em direção à Bahia.

A migração compulsória da população nativa e dos colonos portugueses da Ribeira das Alagoas do São Francisco, com o conseqüente abandono das atividades agrícolas de subsistência, da pecuária e da pesca, foi enormemente impactante para as comunidades nordestinas. Ela provocou interrupção no abastecimento de gêneros alimentícios, o que se fez sentir mormente no comércio de Recife, e suscitou revolta massiva dos donos de engenhos, negros quilombolas e indígenas do litoral e do Vale do São Francisco entre os quais destacavam-se os ancestrais do povo Tuxá.

Foi de Rodelas e vizinhança, quero dizer, da gente [do povo] Procá, que em 1639 partiu um reforço de 200 guerreiros sob o comando de um moço índio que se imortalizaria com o nome de Rodela, para, ao lado do índio Felipe Camarão, pôr a correr os holandeses da ribeira das Alagoas do São Francisco. Voltou herói o chefe guerreiro e seria batizado com o nome de Francisco – Francisco Rodela ou Francisco Pereira Rodela. (...) Aliás, está escrito em Serafim Leite, que o índio Rodela “matara 80 holandeses, favorecendo um português que se lhe acolheu para o sertão”. (FONSECA, 1996, p. 12 e 24).

2.2 Portão de Entrada dos Curraleiros

É muito provável que o indígena Rodela tenha sido batizado por Padre Antônio Pereira, capelão da Casa da Torre e cérebro da Família d'Ávila, que, em alusão ao rio onde aquele sacerdote alimentava a pretensão de implantar a pioneiras fazendas de gado, atribuiu-lhe o nome de Francisco. Ao

prenome cresceu, por isso, o nome da família Pereira, com o objetivo de agregar o reconhecimento de sua fama e respectivo respeito político dos grupos nativos à mercadização de seu plano de conquistar as sesmarias que, nas décadas seguintes, celebrizariam o São Francisco como Rio dos Currais.

Aí, em Rodelas, situaram-se os primeiros curraleiros da Sesmaria, que seriam possivelmente os primeiros das corredeiras do São Francisco para, em seguida, alcançar a margem esquerda do rio e penetrar Piauí a dentro até as terras da Paraíba e Rio Grande do Norte. Subindo o Rio até Carinhanha. (FONSECA, 1996, p. 24).

Assim, integrou-se o Sertão do São Francisco ao plano de colonização da Coroa Portuguesa cujos capítulos primeiros foram levados a efeito por Tomé de Sousa, pioneiro na governança Geral do Brasil. Sabe-se que, com ele, chegou Garcia d'Ávila a quem, em 1552, o dito gerenciador da Terra das Palmeiras, concedeu uma sesmaria cujo território estendia-se da foz do Rio Vermelho, em Salvador, com 200 km em direção norte, até alcançar o Rio Real, atual fronteira da Bahia com o estado de Sergipe. Ao neto do pioneiro Garcia d'Ávila que, para diferenciar do avô reconhecia-se como Garcia d'Ávila II, e ao Padre Antônio Pereira, em 1651, concedeu-se o latifúndio que se prolongava, de Xingó, na atual fronteira oeste do Estado de Sergipe, Rio São Francisco acima, até alcançar o Rio Salitre. (Fig. 2). Na verdade, naquele ano reconheceu-se oficialmente a ocupação que, à sombra da fama de Francisco Pereira Rodela começa a efetivar-se dez anos antes e, em 1646, se lavrara o requerimento⁶.

⁶ “Dizem o Capitão Garcia d'Ávila e o Padre Antônio Pereira que eles têm descoberto o Rio de São Francisco lá em cima no sertão, onde chamam aldeias de Rodelas, a qual terra descobriram eles suplicantes com muitos trabalhos que passaram de fomes e sedes, por ser todo aquele sertão falto de águas e mantimentos, abrindo novos caminhos por paragens onde nunca os houve e com muito risco de suas vidas e dispêndio de muita fazenda, resgates que deram ao gentio para o poder obrigar ao conhecimento e

Aliás, não foi nesse ano de 1646 senão o requerimento da sesmaria, eis que **estando as terras já então “povoadas de gados”** (grifo nosso), como aí se anotou, seu descobrimento se dera anteriormente. Recebendo em 1641, o título de capitão de ordenança, esse segundo Garcia, percorria, a partir de então, os caminhos sertanejos, a seu lado o tio Padre que, no ano seguinte, casá-lo-ia com sua irmã Leonor. Pouco antes, em 1639, um moço indígena que se fez célebre com o nome de Índio Rodela, capitaneava duas centenas de seus irmãos na luta contra o invasor holandês. (FONSECA, 1996, p. 24).

Figura 2 – Sesmaria doada a Garcia d’Ávila II e Pe. Antônio Pereira



Fonte: Kesting (2023, p. 158)

Os trabalhos de adequação da cultura dos indígenas da ilha de Zorobabé aos interesses da Coroa portuguesa e às ambições curraleiras orquestraram-se por Garcia d’Ávila II e o padre Antônio Pereira que tinham interesse em capacitá-los na arte

povoação das ditas terras em que dispenderam mais de dois mil cruzados de fazendas e roupas com todas aquelas aldeias, que são muitas, e por meio das ditas dádivas os ditos índios como naturais e senhores das ditas terras lhas entregaram, e como tais as povoaram de gado.” (FONSECA, 1996, p. 25).

da vaqueirama. Com Frei Francisco de Domfront, lá chegado em 1670 ou 1671, os capuchinhos franceses fundaram a missão, para sua efetiva catequese e evangelização. Para isso, promoveram a construção de uma capela devotada a Nossa Senhora do Ó.

[Construiu-se] a igrejinha da missão, na extremidade meridional da ilha, e orientada para o mesmo lado. Esta Capela que não era de tão pequenas dimensões, tinha característica interessante, talvez própria das edificações missionárias: uma cerca de pedra ao redor.

Com a construção da Capela, coube àquele missionário a implantação, ali, do culto a Nossa senhora do Ó e a ser dotada, a igrejinha, de uma linda imagem da santa em madeira, imagem que guarda características de origem francesa da era de transição do século XVII para o século XVIII, segundo a opinião de um técnico em assuntos de arte religiosa. (IBGE, 2025).

Por serem mais tolerantes que os jesuítas, interessavam-se os capuchos muito mais por civilizá-los do que convertê-los ao catolicismo. Para disseminar com sutileza as ideias religiosas, serviam-se de seus costumes, sem a eles frontalmente se contraporem. Pouco ou quase nada de rendimento obtinham. Não se inibiam com isso, porém, porque o objetivo maior deles era viver a pobreza recomendada por Francisco de Assis, nos moldes do que faziam os primeiros cristãos.

Em 1702, os Barbadinhos italianos assumiram os destinos daquela missão que perdurou até 1862 quando parcela significativa dos indígenas Rodelas não mais se encontrava nela. Sua migração compulsória acontecera em 1792, na maior cheia histórica do Rio São Francisco. Nessa tragédia climática, a ilha de Zorobabé foi totalmente inundada⁷.

⁷ Destruiu-se a capela. A imagem de Nossa Senhora do Ó foi arrastada pelas águas. Pescadores a encontraram na Fazenda Várzea Redonda, próximo a Petrolândia. Levaram-na à igreja da Freguesia de Tacaratu onde permaneceu por 97 anos. (IBGE, 2025).

Nós saímos da Ilha de Dzorobabé em [1792]. Eu digo que fomos nós porque foram nossos antepassados. Eles moravam lá onde uma enchente destruiu tudo. Quando a enchente veio e acabou com tudo, eles atravessaram o Rio em ajoujo de bananeira e mamoeiro, árvores verdes que boiavam. Foi assim que seiscentos índios primitivos saíram da ilha de Zorobabé, a procura de um lugar alto. [Assim] chegaram a Rodelas. Acharam isso aqui, um lugar alto, de areia. Aqui ficaram. (VIEIRA *apud* MARQUES, 2004).

É bastante provável que, ao chegarem ao local que deu origem à antiga cidade de Rodelas houvesse já um núcleo residencial de famílias portuguesas, a viver com os préstimos de vaqueiros indígenas que na época se reconheciam como negros da terra⁸. Lembra-se que, 56 anos antes do assentamento das famílias nativas que emigravam da ilha de Zorobabé, ao requererem a sesmaria no Submédio São Francisco, em 1646, o Padre Antônio Pereira e Garcia d'Ávila II mencionavam haver “povoado de gado” as terras descobertas. Se haviam fazendas e currais, é certo que havia vaqueiros nativos naquele núcleo residencial do qual se originou a Vila dos Rodelas. (FONSECA, 1976 *apud* CUNHA, 2019).

Pelo que por tradição oral se sabe, por ser capelão da Casa da Torre, o Padre Antônio Pereira, dificilmente se ausentava daquela edificação de arquitetura medieval, e Garcia d'Ávila II, sozinho não teria a mínima condição de povoar de gado a sesmaria conquistada. Para levar a efeito o plano de enchê-la com fazendas utilizou-se, por isso, do artifício de dividi-la em porções que se arrendavam a abastadas famílias de origem portuguesa, muitas das quais recém-chegadas ao Brasil⁹. “Foi

⁸ “Missão de Rodelas ou Rodela foi o primeiro nome do povoado que nasceu com a Aldeia (FONSECA, 1996, p. 171).

⁹ “A ostentação da fortuna apresentava-se no número de escravos e cabeças de gado, nos bons cavalos de montaria, sela e carona bem trabalhadas e tacheadas à prata, gridas (sic), estribos, rebenque, esporas de prata, um cadeirão na sala e a rede no alpendre, os cordões de ouro apresentados à missa, pela patroa.” (FONSECA, 1996 *apud* CUNHA, 2019).

assim que a colonização nas terras dos Ávilas se efetuou pelos rendeiros, seus verdadeiros povoadores – curraleiros e povoadores.” (FONSECA, 1996, p. 138).

As primeiras fazendas plantaram-se à margem do São Francisco, cobrindo áreas extensas. E nem toda margem se apropriava aos currais. Em seguida vieram as margens dos rios secos e até dos pequenos riachos onde se encontrasse um veio de água aflorada ou local viável para a cacimba. (FONSECA, 1996 *apud* CUNHA, 2019).

Assim, foram pioneiros os ancestrais de algumas famílias que ainda hoje habitam Rodelas e municípios pernambucanos e/ou baianos adjacentes. Citam-se: Gomes, Sá, Rodrigues, de Carvalho, Pereira, Ramos, de Assunção, Fernandes, de Rezende, da Rocha, de Sousa, Lima, da Fonseca, Azevedo e Barbosa. (FONSECA, 1996, p. 141-142).

2 RODELAS DE MEUS ENCANTOS

Ao entardecer do dia 6 de março de 1975, em companhia de Alcides Modesto, então Vigário Geral da Diocese de Paulo Afonso, e Salésio Siebert, conterrâneo do estado de Santa Catarina, pela Avenida Manoel Moura, eu cheguei à cidade de Rodelas. Estava a assomar àquela comunidade de memorável história, com o propósito de contribuir na organização dos trabalhadores rurais, para o enfrentamento conjunto de problemas que a construção da Barragem de Itaparica traria, quando se inundassem as terras ribeirinhas do Rio São Francisco¹⁰. (Fig. 3 a 9).

Figura 3 – Recém-chegado a Rodelas



Fonte: Kesting (2023, p. 36)

¹⁰ Junto à Cachoeira de Santana do Sobrado, estava-se a transferir 72 mil pessoas das terras húmicas da margem do Rio São Francisco, para os estêreis terraços fluviais arcaicos da borda do que seria o maior lago artificial do mundo em espelho de água. No alto do sertão semiárido de Rodelas, havia-se planejado acumular 34,1 bilhões de m³ de água doce, para formar um Lago regulador do fluxo hídrico do Rio dos Currais e implantar usinas que gerariam energia elétrica e desenvolvimento para a região Nordeste do Brasil. KESTERING, p. 147).

Figura 4 – Recém-chegado a Rodelas



Fonte: Kesting (2023, p. 36)

Figura 5 – Recém-chegado a Rodelas



Fonte: Kesting (2023, p. 37)

Encanto Rodelas

Lá se pretendia evitar, pela conscientização e organização dos trabalhadores rurais, que se repetissem os impactos sociais e traumas da relocação que se estava a impor a parcela significativa da população ribeirinha, na região de Sobradinho que, no Século XVII, integrava-se ao mesmo Sertão de Rodelas. (KESTERING, 2019a, p. 147).

Figura 6 – Recém-chegado a Rodelas



Fonte: Kesting (2023, p. 37)

Figura 7 – A contribuir na organização dos trabalhadores rurais



Fonte: Kesting (2023, p. 38)

Figura 8 – Levantamento socioeconômico das comunidades



Fonte: Kesting (2023, p. 38)

Figura 9 – Levantamento socioeconômico das comunidades



Fonte: Kesting (2023, p 46)

2.1 O Rio, as Ilhas e as Vazantes

A poucos metros da cidade, fluía o Rio São Francisco. (Fig. 10). Nele havia muitas ilhas nas quais a população local cultivava plantas de ciclo curto e/ou perene. (Fig. 11). Entre as primeiras, destacavam-se: feijão, mandioca, arroz, milho, batata doce, melancia, jerimum, abóbora e capim¹¹. Entre as demais, sobressaíam-se: manga, caju, banana, coco e cana de açúcar¹².

Seu papel na vida regional é de grande relevância. Suas cheias sazonais umedecem os solos e carreiam o aluvião necessário a sua fertilização. (...) Também a perenidade do rio oferece condições ideais para a irrigação, permitindo que a atividade agrícola não fique limitada apenas às estações chuvosas, como acontecia antes da introdução dessas técnicas. Por outro lado, as águas piscosas permitem a pesca e conseqüentemente o suprimento de proteína animal às populações menos favorecidas. (NÁSSER, 1975, p. 28 *apud* FLECHIÁ TUXÁ; CRUZ TUXÁ, 2020, p. 24).

Em outros tempos, segundo a tradição oral dos nativos, todas as ilhas, de Zorobabé a Assunção, pertenciam aos Rodela (Tuxá)¹³. Entre elas destacavam-se as do Jatobá, da Porta, do

¹¹ “No comprido da margem do rio, ficavam os que se dedicaram à lavoura, aproveitando as nesgas de vazante para a cultura anual de mandioca, batata, feijão de corda, milho e melancia, e mais que isso, para a criação de algum bode.” (FONSECA, 1996, p. 183).

¹² “Até 1931, em Rodelas [havia] o grupo indígena e pessoas outras que viviam em função das ilhas e dos terrenos de vazante da beira do rio, alguns lavrando terra própria, outros na condição de meeiros ou trabalhadores diaristas da lavoura, gente pobre, em geral descendentes de escravos, agregados e vaqueiros.” (FONSECA, 1996, p. 171).

¹³ “A anotação histórica mais antiga e a documentação e papéis que lhe dão apoio, situam os índios Rodela, que são o ramo “beradeiro” e “ilhéu” dos tapuias, nos terrenos férteis e irrigados naturalmente pela enchente anual do rio São Francisco dos dois lados e suas ilhas, entre a foz do Pajeú e Cabrobó de um lado, do outro entre Zorobabé e Pambu, não mais que isso.” FONSECA, 1996, p. 52).

Meio, de João Boa e do Serrote. Em 1975 e 1976, quando entre eles eu missionava, somente a Ilha da Viúva lhes pertencia ainda¹⁴. (Fig. 12).

Figura 10 – Rio São Francisco



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 11 – Ilha da Porta, vista do Sobrado da Professora Dulcina



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

¹⁴ “Com dupla morada, no povoado baiano e na Ilha da Viúva onde tinham roça e passavam a temporada entre a semeadura e a colheita, viviam os Tuxá na oportunidade da instalação do Posto Indígena e assim continuaram até o evento da Barragem de Itaparica. A Ilha da Viúva (...) tinha três quilômetros de comprimento por 150 metros de largura. O espaço era suficiente e para seu melhor aproveitamento a FUNAI fez irrigar a ilha, inicialmente por meio de rodas d’água, mais adiante, com o evento da eletrificação nas ilhas, por meio de eletrobombas.” (FONSECA, 1996, p. 185).

Figura 12 – Ilha da Viúva



Fonte: Martins (1955 *apud* Kesting, 2023b, p. 31)

Quem examinar com atenção o mapa do Estado da Bahia encontrará o nome de uma cidade, na margem direita do Rio São Francisco, no trecho em que ele serve de limite entre a Bahia e o Pernambuco. Naquele trecho, o São Francisco se alarga o suficiente para abraçar várias pequenas ilhas. A cidade em questão tem o nome de Rodelas. Na outra margem do rio ficam as localidades pernambucanas de Belém do São Francisco e Itacuruba. (CALMON, 1996, p. 7).

Pela exuberante beleza cênica e por haver-se postado um cruzeiro no topo dele, em razão de que, para pagamento de promessas que se faziam a Senhor do Bonfim, tornara-se centro de visitação, das muitas ipuãs que havia, destacava-se a do Serrote que da cidade se via¹⁵. Quando se soube da notícia de que se construiria a barragem nas corredeiras de Itaparica, os caboclos, morenos e brancos ardentemente suspiravam

¹⁵ “Havia nas proximidades de Rodelas, no sentido de quem desce o rio, um pico isolado que se chamava Serrote, cujas bordas se prestavam a agricultura – Serrote de Mestre Néu. Aliás, entre as ilhas reivindicadas e não conseguidas no após a instalação da Aldeia dos Tuxá de Rodelas está o Serrote, o que deixa a pensar que essa poderia ser a ilha da Pedra. Há, no documento de sinalização de terras, uma referência a ilhas alcantiladas. E ilha em alcantil, única na região era o Serrote.” (FONSECA, 1996, p. 41).

para que a ele não sucumbisse, quando lhe abordassem as sicárias águas do lago assassino. (Fig. 13 a 19).

Figura 13 – Ilha do Serrote



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 14 – Ilha do Serrote



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 15 – Vista aproximada do Serrote



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 16 – O Serrote hoje, parcialmente inundado



Fonte: Charles Northrup *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 17 – O Serrote hoje, parcialmente inundado



Fonte: Mapas Brasil 2006 *in* Idalina Fonseca (2013)

Figura 18 – O Serrote hoje, parcialmente inundado



Fonte: Eduarda Arfer Jurum Juntá Tuxá *in* Idalina Fonseca (2013)

Figura 19 – O Serrote hoje, parcialmente inundado



Fonte: Idalina Fonseca (2023)

Pelo Rio São Francisco chegavam os principais produtos de consumo e exportavam-se os excedentes da produção local. Em pequenos barcos transportavam-se as mercadorias que se compravam ou vendiam-se as colheitas, respectivamente, em Juazeiro – BA, a 200 km de distância e/ou Jatobá – PE, a 65 km¹⁶. (Fig. 20 e 21).

Figura 20 – Barco para transporte de mercadorias



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

¹⁶ “Nossos índios eram canoieiros experimentados, conhecedores de seu rio, cachoeira por cachoeira, pedra por pedra (...) Ao iniciar-se a era do transporte fluvial de Rodelas a Jatobá e a Juazeiro, os índios foram em regra os remeiros. E bons remeiros. No curso Juazeiro a Pirapora, destacou-se o índio rodelense Manoel de Souza – Caboclinho, como prático, se não erro, do Vapor Barão do Cotegipe. Antes do exercício de prático de vapor, Caboclinho foi piloto de uma barca no percurso Jatobá – Juazeiro.” (FONSECA, 1996, p. 40).

Encanto Rodelas

Era o tempo do transporte fluvial, através de barcaças, que navegavam até Juazeiro e até Jatobá e do transporte cargueiro - tropas de muares. Em Jatobá e Juazeiro estavam os terminais de estrada de ferro que partiam de Piranhas e de Salvador. Piranhas é um porto fluvial que se entronca com o porto marítimo de Propriá, este, interligado aos portos de Aracaju, Maceió e Recife, que, a esse tempo, se faziam ligar a Jatobá por aquele pequeno trecho ferroviário. As barcas levavam os produtos locais, traziam os de fora. Vinham de Jatobá especialmente o sal do mar - sal grosso, ensacado - e filtros de arenito, artefato de produção daquela povoação altamente requisitado na região beradeira do São Francisco - alguns outros produtos procedentes do comércio do litoral norte. Vinham de Juazeiro os tecidos, a bebida, instrumentos agrícolas, outros produtos, em parte adquiridos aí, em parte comprados na praça de Salvador por via dos caixeiros-viajantes, que representavam o comércio grossista. Não se importavam farinha, arroz e outros cereais, nem açúcar, salvo em escassa quantidade. (...)

Os barqueiros não se limitavam à prestação do serviço de transporte de mercadorias. Antes, ao lado do fretamento de mercadorias, exerciam o comércio de porto em porto. Vendiam e compravam tudo que fosse objeto de comércio na região. Saíam de Jatobá carregados de sal e pedras de filtro e paravam de porto em porto, vendendo-os. Voltavam carregados de rapadura e quanto produto fosse requisitado no rio de baixo, igualmente vendendo o produto de porto em porto. (FONSECA, 1996, p. 172).

Figura 21 – Rodelas em relação a Juazeiro - BA e Jatobá - PE



Fonte: Google Earth (2025), adaptado pelo autor

Quando o rio estava em seu leito normal, como rituais da identidade local, lavavam-se as louças e roupas na superfície das rochas margeantes ou nas que dele afloravam e realizavam-se banhos regulares¹⁷. Quando enchia, alvejavam-se as vestimentas, ao pé da escada, junto à porta dos fundos do muro das casas, e evitava-se mergulhar em sua água barrenta. (Fig. 22 a 35).

Figura 22 – Lavação de louças no rio



Fonte: Ângela Nunes *apud* Tuxá (2023)

Figura 23 – Lavação de roupas com o rio, em tempo normal



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

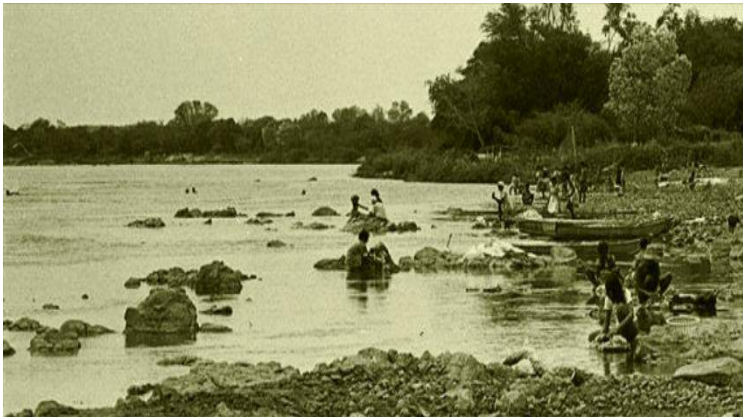
¹⁷ “Logo cedo a aldeia começa a se movimentar. (...) Se não se faz necessária a ida da mulher [à ilha], ela logo cedo começa a sua labuta. Alimenta as crianças e segue para o rio onde vai lavar roupa, pratos panelas, tratar o peixe ou a caça, dar banho nos meninos e levar água para casa.” (NÁSSER, 1975, p. 65 *apud* FLECHIÁ TUXÁ; CRUZ TUXÁ, 2020, p. 24-25).

Figura 24 – Lavação de roupas com o rio, em tempo normal



Fonte: Maria Lourdes Almeida Rodrigues *in* Idalina Fonseca (2013)

Figura 25 – Lavação de roupas



Fonte: Kesting (2014a, p. 163)

Figura 26 – Lavação de roupas na margem



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 27 – Lavação de roupas nas rochas emersas



Fonte: Idalina Fonseca (2022)

Figura 28 – Lavação de roupas, em tempo de cheia, ao pé da escada



Fonte: Vera Lúcia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 29 – Banhos regulares no rio



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 30 – Banhos regulares no rio



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1975)

Figura 31 – Banhos regulares no rio



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1975)

Figura 32 – Banho no rio



Fonte: Prestes (1989)

Figura 33 – Banho na praia da Ingazeira, à foz do Riacho do Amarim



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1976)

Figura 34 – Banho no rio



Fonte: Idalina Fonseca (2013)

Figura 35 – Banho no rio



Fonte: Idalina Fonseca (2013)

2.2 A cidade

Originalmente se conhecia Rodelas como Aldeia Curumbabá¹⁸. Ao lado dela havia uma missão que, em 1714 se subordinava à Comarca de Jacobina e à Freguesia de Pambu. Aquela paróquia fundara-se na segunda metade do Século XVII, para atendimento espiritual da população das Corredeiras do São Francisco.

Em 1835, Rodelas integrou-se à Comarca de Sento Sé, em 1850, à de Monte Santo, em 1853, à de Capim Grosso (atual Curaçá) e, em 1857, à de Juazeiro (a oeste do Riacho Amarim) e à de Monte Santo, termo de Jeremoabo (a leste do mesmo riacho). (FONSECA, 1996, p. 225).

Em 1842, quando o povoado de Curral dos Bois¹⁹ se elevou à categoria de vila e freguesia, com o nome de Santo Antônio da Glória do Curral de Bois, Rodelas a ela se vinculou²⁰.

Freguesia de S. Antônio do Curral de Bois. Pela lei de 8 de abril de 1842 foi criada essa freguesia, desmembrada de Pambu, tendo por limites ao poente o riacho de Rodelas [mais tarde chamado riacho do Amarim], à nascente Propriá, ao norte o

¹⁸ “O padroeiro desse Curumbabá era São João Batista, o mesmo da Aldeia do Rodela, hoje cidade de Rodelas, à qual correspondem, igualmente, as indicações de localização. Não parece haver dúvida sobre a dupla denominação. Além de serem os mesmos, o orago e a localização, é a mesma nação – Procá.” (FONSECA, 1996, p. 37).

¹⁹ “Data deste período [1705] o topônimo 'Curral dos Bois' com que os seus habitantes o denominaram em decorrência do avultado número de boiadas que para ali afluíam à procura de pouso. Esses rebanhos se destinavam a outras localidades, porém, contribuíram de maneira decisiva para o desenvolvimento do comércio local.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA, 2025).

²⁰ “A lei de 13 de março de 1846 alterava a divisão da freguesia, levando-a para o Riacho do Tarrachil, passando Rodelas, então, a pertencer à Paróquia de Glória em toda a extensão de seu atual território.” (FREIRE, 1906, p. 230 *apud* FONSECA, 1996, p. 225).

rio S. Francisco, ao sul S. João Batista de Jeremoabo. (FREIRE, 1906, p. 230 *apud* FONSECA, 1996, p. 157-158).

Para atribuir cobertura legal às terras que haviam arrendado à Casa da Torres, em 1857, membros da família Fonseca compraram a Fazenda Rodelas cuja sede localizava-se junto à foz do Riacho do Amarim²¹. Ela media uma légua na margem do Rio São Francisco, com três léguas para o centro da caatinga. A leste, ela divisava com terrenos dos herdeiros da Casa da Torre, ocupados por legatários de Francisco Xavier e José Gomes da Silva. A oeste, estremava com a Fazenda Araticum, em uma lagoa que havia, mais ou menos confronte ao centro da ilha Jatinã. (FONSECA, 1996, p. 168).

Em 1886²², quando por desmembramento de Jeremoabo, o Município de Santo Antônio da Glória²³ conquistou sua independência política e administrativa, o território de Rodelas a ele se integrava. Em 1933 reconheceu-se a ela como um de seus distritos²⁴.

No dia 30 de julho de 1962, com área de 2.823 km², Rodelas se emancipou politicamente²⁵. Seu primeiro prefeito foi Manoel

²¹ “Foram compradores, conjuntamente: Domingos da Fonseca e Azevedo, Manoel Siríaco da Fonseca, Zacarias Gomes de Sá, José Soares da Fonseca, Simplício Gomes de Sá, Lucas Fernandes da Fonseca, Aleixo Gonçalves da Fonseca, Miguel Gomes da Fonseca, Francisco Rodrigues Lima, Antônio Rodrigues Lima, Manoel Gomes da Fonseca, Cipriano Francisco da Fonseca e Francisco Tolentino da Fonseca.” (FONSECA, 1996, p. 168).

²² “Sua instalação verificou-se a 7 de janeiro de 1887.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA, 2025).

²³ “Em 1931, o referido município teve seu topônimo simplificado para Glória.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA, 2025).

²⁴ “Na divisão administrativa do Brasil concernente ao ano de 1933, (...) o município de Glória figura com os seguintes Distritos: Glória, Rodelas e Bonfim (Macururé). (PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA, 2025).

²⁵ “Continuaria sob a jurisdição da Comarca de Glória, onde vinha desde que ela fora criada, por desmembramento da Comarca de Jeremoabo, (...) em 19 de junho de 1945. A cargo de Glória, continuaria também a jurisdição

Moura. O início de sua gestão ocorreu no dia 7 de abril de 1963, quando também se empossaram os vereadores pioneiros que haviam sido eleitos no ano anterior. Seu mandato estendeu-se até o dia 6 de abril de 1967. (Fig. 36).

Manoel Moura, filho de Merandolina Maria de Almeida e Vasco Oscar de Moura, nascido em Rodelas a 10 de setembro de 1930, falecido em Salvador a 13 de novembro de 1992. (...) Aluno de Dulcina Lima na sua primeira turma, estava nos 13 anos quando entrou para a escola. De inteligência viva e fluência no falar, tinha o dom de animar a palavra e prender o ouvinte, quer na palestra entre amigos, quer na tribuna, sobretudo a tribuna popular. Era fogoso, quase brilhante no palanque, em frente ao povo. Ensaçou uns passos literários, publicando no Jornal da Bahia, na boa fase de seu Concurso Permanente de Contos e foi membro do Clube da Ficção, entidade de vida efêmera em Salvador. Pena que não prosseguisse nos caminhos da literatura.

Sendo o seu pai contratado como sargento de polícia para comandar o destacamento policial de Rodelas na era Lampião, talvez a título de complementação da renda familiar, foi ele, quase menino, contratado como soldado. Ao deixar a escola embarcaria para Salvador, onde se fez praça, especializando-se em radiotelegrafia. Não teve amor à crespada vida da caserna, por isso não fez carreira. Ao invés, partiu para o serviço público civil, ingressando no Ministério da Fazenda como Escrivão de Coletoria, com exercício na cidade de Mucugê. Interino no cargo, habilitou-se em concurso público e conquistou a efetivação. Sem muita demora, participou de novo concurso, agora para o cargo de Fiscal de Rendas do Estado. Realizava-se, no governo de Otávio Mangabeira, o primeiro concurso desse gênero. Moura alcançou uma das primeiras classificações, sendo nomeado em seguida. Iniciou-se na região do São Francisco, Juazeiro. E logo participava da

eclesiástica. [Quando se criou a Comarca de Paulo Afonso, em 1966, transferiu-se Rodelas a sua jurisdição a que pertenceu] até a recente criação e instalação de sua comarca." (PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA, 2025).

política, o seu fraco. Com bom relacionamento e influência regional, não pretendeu mais que Rodelas. Era, decididamente, o seu amor político. Entrou na primeira linha da luta pela emancipação de sua terra. Queria ser o primeiro prefeito de Rodelas e o foi. (FONSECA, 1996, p. 256-257).

Figura 36 – Manoel Moura, primeiro prefeito de Rodelas



Fonte: Galdino (2022)

Atualmente Rodelas se limita com os municípios de Glória, Paulo Afonso, Jeremoabo, Macururé e Chorrochó, na Bahia, e

com as municipalidades de Belém do São Francisco, Itacuruba, Floresta e Petrolândia, em Pernambuco. (Fig. 37 a 40).

Figura 37 – Rodelas e municípios vizinhos



Fonte: ResearchGate (2025), adaptado pelo autor

[Quando se emancipou, a cidade de] Rodelas se espremia para os lados entre o rio e uma depressão sujeita a alagamento em oportunidade de enchente mais elevada, no comprido entre a igreja e uma propriedade rural. A rua era bastante larga, tinha, pode-se dizer, largura de praça. Mais ou menos na parte central do povoado, posto bem no meio da rua, existia um barracão, onde funcionavam dois estabelecimentos comerciais - lojas, se dizia, reservando-se uma área alpendrada em toda a extensão do imóvel, correspondente a dois terços da edificação, para a realização da feira semanal. Lojistas aí eram Domingos Almeida e Manoel dos Santos. Em 1968, essa rua foi mesmo transformada em praça - Praça Dr. José Lima - recebendo um jardim central em toda a sua extensão. (FONSECA, 1996, p. 180).

Encanto Rodelas

Figura 38 – Vista parcial, a partir da Pedra do Boi, no Rio São Francisco



Fonte: Idalina Fonseca (2016)

Figura 39 – Vista geral da cidade, a partir da caixa d'água



Fonte: ANÁ *in* TV Ribeirinhos do São Francisco (2021)

Figura 40 – Prefeitura Municipal



Fonte: Secretaria de Educação e Cultura de Rodelas *in* Edinho (2011)

A Manoel Moura sucedeu João Justiniano da Fonseca que administrou o município no período de 7 de abril de 1967 a 31 de dezembro de 1970. Depois dele foi prefeito Estevam Freire da Fonseca cujo mandato transcorreu no período de 1º de janeiro de 1971 a 31 de janeiro de 1973. (Fig. 41 e 42).

Figura 41 – João Justiniano da Fonseca



Fonte: Fonseca (2016)

Figura 42 – Estevam Freire da Fonseca



Fonte: Idalina Fonseca (2013), adaptada pelo autor

Quando cheguei a Rodelas, era gestor público Francisco Sales Maniçoba de Moura. Seu mandato, que havia iniciado em 1º de fevereiro de 1973, estendeu-se até 31 de dezembro de 1976. (Fig. 43). Deixei Rodelas em março de 1977.

Figura 43 – Francisco Sales Maniçoba de Moura



Fonte: Meus Sertões (2018)

2.2.1 A Igreja de São João Batista

Em data incógnita construiu-se uma capela simples, com orientação leste – oeste, sem torre, com fachada voltada à cabeceira do rio. Destituía-se ela de qualquer ornamentação ou destaque que não fosse o pedestal à entrada. Sobre ele havia uma imagem de São João Batista, esculpida em granito²⁶.

²⁶ “Reza a tradição que [São João Batista] foi aparecido na cachoeira de Rodelas, pouco acima da aldeia, descoberto pelos índios canoieiros. Avisados do aparecimento, os padres foram vê-lo. Em seguida organizaram uma procissão fluvial, muitas canoas, trazendo-o para a igreja, onde foi posto no altar. Dia seguinte havia desaparecido. Voltara para seu lugar, no rio. A procissão se repetiu e, segunda vez, o santo retornou a seu pedestal, na cachoeira, olhar voltado para as nascentes. Alguém teve a ideia de colocá-lo à frente da igreja.” (FONSECA 1996, p. 177-178).

(Fig. 44 e 45). No adro, frente a ela, havia um jardim onde, em tempo antigo, era o cemitério da Missão de Rodelas. (Fig. 46).

Figura 44 – Imagem no pedestal do frontispício da antiga capela



Fonte: Prestes (1989)

Era uma edificação modesta, sem beleza, mas sólida, construída a pedra e cal, grossas paredes para resistir aos séculos. Na enchente as águas do rio batiam-lhe quase no topo do cais, até que, um dia levaram-no, em parte. Um alto cais sobre o qual vinha o muro do cemitério. Em seguida a este, a 10 ou 12 metros, a parede lateral da igreja cuja frente dava para as cabeceiras do rio. Ficava, assim, o cemitério rente ao oitão da igreja, tomando todo seu comprimento e indo uns metros além, para o lado de cima. (FONSECA, 1996, p. 177).

Figura 45 – Vista da capela, com destaque ao cais



Fonte: ASCOMRodelas (2019 *apud* KESTERING, 2024a, p. 160)

Figura 46 – Jardim onde outrora era o cemitério da Missão de Rodelas



Fonte: Kesting (2023a, p. 189)

É provável que a construção da capela original tenha sido iniciada e concluída por Frei Francisco de Domfront que, em 1670 ou 1671 iniciou a catequese dos nativos da Ilha de Zorobabé e, pela proximidade, devia prestar atendimento espiritual à comunidade curraleira de Curumbabá.

Em 1672 o Capuchinho francês Martinho de Nantes inicia, como já foi dito, seu apostolado no São Francisco. Na passagem pela Aldeia do Rodela, encontra aí, seu irmão de hábito, também francês, Fr. Francisco de Domfront, que se iniciara na catequese por volta de 1671, quem sabe, 1670 ou até 1669. (FONSECA, 1996, p. 49).

Em data ignota, expandiu-se o modesto santuário, com apêndice que se agregou a ele, em sentido norte-sul e fachada que se voltava à Rua de Cima. (Fig. 47 e 48). “Ampliou-se à proporção que, pela prosperidade da aldeia que se tornou freguesia, vila e cidade, fizeram-se necessários alargamentos.” (KESTERING, 2024a, p. 159). Apesar das modificações que se fez no templo, não se demoliu a antiga casa dos missionários²⁷ que dele era vizinha.

²⁷ “A Aldeia do Rodela era o centro, alguma coisa como a sede da missão, tanto que aí estava o Superior. Havia na aldeia uma casa – e eu a alcancei –

Figura 47 – Igreja de São João Batista



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 48 – Ampliação da igreja de São João Batista



Fonte: João Bosco Soares dos Santos *in* Idalina Fonseca (2014)

De volta à igreja, para continuar o retrato da terra. Para o lado de baixo, o convento. Havia um convento ou assim chamávamos, copiando o nome transmitido pela tradição. Uma comprida e baixa casa de taipa construída sobre alto alicerce que lhe servia de cais, a antiga morada dos padres missionários. Quando o conheci, aí morava uma família de índios. Por esse tempo, os frades haviam ido mais de setenta anos antes. (FONSECA, 1996, p. 178).

que se chamava de convento e era a residência dos padres. Não consta que nenhuma das demais aldeias fosse dotada de uma edificação tal, salvo a de Aracapé.” (FONSECA, 1996, p. 38).

Sem o mínimo do respeito que se devia à memória dos ancestrais, em 1988 inundou-se aquele templo onde se teciam os mais significativos eventos relacionados com a vida dos indígenas, morenos e brancos da velha cidade. Citam-se: a celebração de batismos, missas, confissões, primeiras comunhões, colações de grau, formaturas, casamentos, rituais funerários, vias sacras, início e conclusão das procissões, novenários e assembleias em que se buscavam soluções aos ocasionais problemas sociais. (Fig. 49 a 63).

Figura 49 – Igreja de São João Batista



Fonte: Idalina Fonseca (2016)

Figura 50 – Igreja de São João Batista



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 51 – Celebração de batismos



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1980)

Figura 52 – Colação de grau de Ducilene na Igreja de São João Batista



Fonte: Kesting (2023a, p. 185)

Figura 53 – Formatura da turma de Ducilene



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1977)

Figura 54 – Formatura de Ducilene



Fonte: Kesting (2023a, p. 202)

Figura 55 – Nosso casamento



Fonte: Kesting (2024a, p. 168)

Figura 56 – Nosso casamento



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1977)

Figura 57 – Nosso casamento



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1977)

Figura 58 – Ritual comum, para vários casais



Fonte: Kesting (2023a, p. 203)

Figura 59 – Casamento sem pompa



Fonte: Kesting (2023a, p. 205)

Figura 60 – Início da inundação



Fonte: Kesterling (2024a, p. 167)

Figura 61 – Inundação



Fonte: Cláudia *in* Idalina Fonseca (2019)

Figura 62 – Inundação



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 63 – Inundação



Fonte: Cláudia *in* Idalina Fonseca (2019)

2.2.2 Avenida Manoel Moura

A Avenida Manoel Moura era a porta de entrada da velha cidade. (Fig. 64 a 67). Ela se fez em 1963, graças ao cais que Manoel Moura edificou na Várzea e do aterro que também ele fez na área que, na grande enchente do Rio São Francisco, em março de 1960, ficou completamente alagada.

“Estou imaginando aqui, chegando na cidade, na praça de entrada. Pronto, cheguei.” (MAZÉ RODRIGUES *in* FONSECA, 2021).

Figura 64 – Vista parcial



Fonte: Daniela Moura *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 65 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2022)

Figura 66 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 67 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

2.2.3 Rua dos Caboclos

Em Rodelas, conhecia-se a Aldeia Tuxá como Rua dos Caboclos. Nela, a maioria das casas originais era de taipa²⁸. Na entrada, entre a casa de José Quelé, ao sul, e o lado de baixo da residência de José Brune de Assis, ao norte, em 1963 pôs-se uma cerca de arame, com placa indicativa junto a rústica cancela divisória. (Fig. 68 a 74).

Figura 68 – Entrada da aldeia



Fonte: Carlos Oliveira *in* Cruz (2017 *apud* Kesting, 2023b, p. 25)

Essa aldeia que conheci na década de 1930, era a mesma dos primeiros tempos, certamente com alguma alteração. As modificações se davam muito lentamente, ora crescendo, ora diminuindo o fluxo populacional, em um aglomerado humano que, na antiguidade, ia de 130 para 600 pessoas e retornava, de 600 para 130, em razão de perseguição, guerra e fuga, desentendimento entre currais e missões. Isso é histórico. A partir de 1929, ampliar-se-ia em número de casas no correr dos anos até à inundação de 1988, sem perder nunca o aspecto. Sempre a mesma coisa, casas enfileiradas uma ao lado da outra, duas alas, frente a frente, já agora algumas de alvenaria, rebocadas e caiadas. (FONSECA, 1996, p. 179).

²⁸ “Para cima a aldeia. Pequenas casas de taipa, baixas, unidas [por] parede e parede, aliás, parede-meia, em duas filas, uma do “lado do rio”, outra do “lado do mato”, salvo a separação por becos que facilitavam a movimentação.” (FONSECA, 1996, p. 178).

Figura 69 – Entrada da aldeia, ainda sem a cerca divisória



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 70 – Entrada da Aldeia Tuxá, com cerca divisória desde 1963



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 71 – A Rua dos Caboclos, vista do alto da caixa d'água



Fonte: Arfer (2023).

Figura 72 – Residências dos caboclos



Fonte: Anaí *in* Cruz (2018 *apud* Kesting, 2023, p. 26b)

Figura 73 – Casa de Corina



Fonte: Anaí *in* Cruz (2018 *apud* Kesting, 2023b, p. 26)

Figura 74 – Antônio Vítor, Socorro, Dazia e Peta em frente a sua casa



Fonte: Anaí *in* Cruz (2018 *apud* Kesting, 2023b)

Era notório que os Tuxá nunca se afeiçoaram muito ao ofício da vaqueirama. Sempre se soube que eram exímios canoieiros,

agricultores de lameiro e pescadores²⁹. Na Rua dos Caboclos normalmente encontravam-se, destarte, as mulheres e as crianças porque os homens, antes de nascer o sol, rumavam em direção às ilhas, para cuidar de suas roças. (Fig. 75 a 77).

Figura 75 – Antes de nascer o sol, os indígenas rumavam para as ilhas



Fonte: Hohenthal (1952 *apud* Tuxá, 2023)

Figura 76 – Antes de o sol nascer, rumavam para as ilhas



Fonte: Prestes (1989)

²⁹ “Missão de S. João Baptista de Rodelas, com uma povoação de 33 casas de mui inferior construção, e cobertas de palha de coqueiro de Carnaúba, com cerca de 140 habitantes que são índios pela maior parte mestiçados com europeus, e que vivem miseravelmente do plantio de mandioca, arroz, abóbora, feijão, algodão, alguma pesca e **tratam em ponto insignificante da criação de gado** (grifo nosso), e ajustam-se para o serviço das embarcações. (HALFELD, 1860, p. 41 *apud* DURAZZO, 2018, p. 88).

Figura 77 – Antes de nascer o sol, rumavam para as ilhas



Fonte: Carlos Estêvão de Oliveira *in* Idalina Fonseca (2013)

Das ilhas retornavam somente ao anoitecer, às vezes com os barcos abarrotados de mandioca, feijão, batata, arroz, melancia, peixe e até jacaré³⁰. (Fig. 78). Alguns havia que permaneciam nas ilhas, por dias, semanas ou meses.

Figura 78 – Ao entardecer retornavam com os barcos abarrotados



Fonte: Junior Vieira Jurum Tuxá (1983 *in* Idalina Fonseca, 2013)

Ali, muitos deles construíam ranchos e permaneciam dias, meses, no período da “cultura de vazante” entre a sementeira e a colheita, correspondendo à fase de baixa do rio, retornando à aldeia na enchente. (...) É provável que antes da descoberta já fosse assim, alguma coisa como a dupla morada.

³⁰ “Entre dezesseis e dezessete horas, chegam todos os barcos. As mulheres logo começam a preparar a última refeição do dia.” (NÁSSER, 1975, p. 65 *apud* FLECHIÁ TUXÁ; CRUZ TUXÁ, 2020, p. 25).

Era-o certamente na época das missões. (FONSECA, 1996, p. 39-40).

Quando eu morava em Rodelas, reconheciam-se os indígenas pelos traços fisionômicos e pela resiliência cultural. Muito embora houvesse quem dizia terem-se adaptado à cultura portuguesa, saltava aos olhos seus peculiares trejeitos e os milenares costumes que herdaram dos ancestrais, a exemplo do Toré³¹, dos Particulares³², das ceias, dos quartinhos e dos rituais que Antônio Conselheiro lhes havia recomendado preservar. (Fig. 79).

O Toré é uma dança indígena, com ritualística normalmente circular, que se efetiva como brincadeira, celebração e fortalecimento da identidade grupal. Os Tuxá, por influência das missões talvez, preferem realizá-lo, porém, com duas filas paralelas, ao estilo das rodas de São Gonçalo. Ritualizam-no regularmente, de 15 em 15 dias, aos sábados, à noite.

Os particulares, conhecidos como rituais ocultos, realizam-se também de 15 em 15 dias³³. (Fig. 80 a 82). Têm início à meia noite e findam, normalmente, ao amanhecer. Nesses eventos

³¹ “O Toré é importante para nós mostrarmos que somos índios. Quem é índio dança o Toré. Negro e moreno não dançam Toré. Não me envergonho de ser índio.” (BIDU *in* MARBACK, 1989 *apud* KESTERING, 2023b, p. 32).

³² “O Particular é uma prática ritual Tuxá bastante restrita e importante para o meu povo. É no particular que os índios adultos se reúnem para ‘trabalhar no segmento’ que diz respeito a cumprir com a nossa ‘obrigação’ de se manter conectados com nossos ancestrais e com as entidades chamadas ‘encantados’ que guiam a nossa experiência do presente e do futuro. O particular pode durar uma noite inteira, e envolve os participantes em uma série de prescrições que devem ser observadas pelos participantes no período que antecede o seu acontecimento.” (CRUZ, 2017, p. 56 *apud* DURAZZO, 2018, p. 86).

³³ “O ‘Particular’ constitui uma cerimônia mais fechada, realizada fora dos limites da cidade, vedado a qualquer participação de pessoas não envolvidas com o ritual, restrito aos adultos Tuxá casados, homens e mulheres. A utilização de jurema e fumo é bem mais intensa nestas ocasiões, que ocorrem regularmente a cada duas semanas.” (ANAÍ, 1981).

sagrados, consome-se a juremada, bebida fermentada que se prepara com a entrecasca da jurema (*Mimosa hostilis*), e inala-se o fumo, para induzirem-se os participantes a entrarem em transe, condição física necessária para receberem-se as mensagens dos ancestrais encantados³⁴.

Prepara-se o fumo com várias ervas, como a umburana, o alecrim o jatobá, a amescla, entre outros. Nos ocultos, nos enramamos, recebemos a força de nossos antepassados, índios antigos que voltam para orientar a aldeia. (SANDRO TUXÁ; UILTON TUXÁ, 2008 *apud* MARQUES, 2008, p. 325).

Figura 79 – Indígenas Tuxá a dançarem o Toré



Fonte: Marques (2008, p. 324)

As ceias se constituem de ofertas de alimentos que se cozinham aos encantados, em agradecimento por graças alcançadas. Correspondem à tradição que no Nordeste se caracteriza como ex-voto.

³⁴ “Entre os Tuxá se encontravam mestres, curandeiros e curandeiras juremeiros. Eram os únicos, no povoado, que praticavam rituais, onde ingeriam uma bebida feita da entrecasca da jurema, e eram procurados, tanto pela população indígena como não-indígena, para realizarem “trabalhos espirituais” que visavam a cura de enfermidades.” (SALOMÃO, 2020, p. 102).

Figura 80 – Casa dos rituais ocultos



Fonte: Marques (2008, p. 325)

Figura 81 – Consumo de Jurema em ritual oculto



Fonte: Centro de Trabalho Indígena (2018)

Figura 82 – Ritual oculto



Fonte: Centro de Trabalho Indígena (2018)

Quartinho é um espaço pouco iluminado que se reserva nas casas residenciais. (Fig. 83). Destina-se a orações e cultos aos encantados, mestres³⁵ e santos³⁶.

Em 1862 o último missionário, Frei Luiz de Gúbio, capuchinho italiano, deixava a Missão de Rodelas. A aldeia havia sido entregue ao padre da freguesia de Glória, nove anos antes,

³⁵ Os mestres podem estar relacionados tanto a índios encantados a lideranças espirituais, curandeiros e pajés, quanto a índios ainda vivos que, de alguma forma, nos rituais se relacionam com os encantados. (MARQUES, 2008, p. 327).

³⁶ Os Tuxá consideram o mestre São João Batista como o mito fundador da Aldeia de Rodelas. Reconhecem-no como Mestre Cá Neném, um índio encantado. Além desse, eles se relacionam com diversos outros santos, alguns trazidos pelos missionários, outros pelos próprios indígenas, que se incorporam em seus rituais mágicos e/ou- espirituais. (MARQUES, 2008, p. 328).

em 1853. Logo dois anos depois, em 1855, denúncias de furto e dilapidação do patrimônio da tribo, envolviam o administrador da aldeia, o pároco de Glória e o juiz municipal de Jeremoabo. A gente índia de Rodelas era uma tribo de tradições e renome e mereceu a atenção do governo. Em 1857 designava-se Fr. Luiz de Gúbio para reorganizá-la. Este, ao cabo de cinco anos, dava por finda sua tarefa. Achava que já não havia espaço para a permanência da missão, os índios, cerca de 130, contados adultos e crianças, estavam aculturados. A Missão de Rodelas era a última que saía do centenário projeto missionário do São Francisco. As outras já não existiam. Os caboclos haviam-se dispersado ou permanecia algum resto deles em aglomerados, sem qualquer organização.

A partir daí, ia-se também a velha aldeia do herói Francisco Rodela, sua gente entregue à própria sorte. O que se salvara de índios, buscou, a partir de então, manter-se agregado para salvar-se, e assim foi durante mais de oitenta anos, sem dispersar-se. Extraordinário exemplo de crença no próprio destino e de persistência na luta, esse, do nosso caboclo, que soube manter o espírito de corpo e a solidariedade entre as pessoas. Simples intuição, vontade de ser, valores espirituais aprendidos dos missionários em dois séculos de catequese, resquício da cultura nativa. Eram uma família e uma família continuaram sendo, todos juntos, um por todos, todos por um. Seu patrimônio em terras, tudo que restava da avalanche anterior, se resumia a algumas ilhas, isso mesmo sem o título oficial de propriedade. E iria encurtando dia a dia, ano a ano, ou porque as ilhas, integradas ao patrimônio do Estado de Pernambuco, fossem sendo arrendadas a outras pessoas pela autoridade que as administrava, ou porque, na parte apossada pelos indígenas, fossem sendo vendidas, pedaço aqui, pedaço ali, individualmente, pelos seus ocupantes, para cobrir necessidades pessoais ou familiares prementes. Tudo, de todos os pobres, em todos os lugares, com todos os povos é assim. A necessidade obriga a vender o patrimônio para matar a fome e em seguida, quando não há mais o que vender, a fome sempre mata. (FONSECA 1996, p. 182-183).

Figura 83 – Altar posto no quartinho



Fonte: Marques (2008, p. 326)

Conheciam-se regionalmente os indígenas por serem profundamente conhecedores das águas do Rio São Francisco. Sobre eles se dizia serem, indiscutivelmente, os melhores canoeiros e pescadores da região. (Fig. 84).

Eram os Tuxá que abasteciam e vendiam pescado no povoado. Também eram conhecidos por terem alguns costumes culturais específicos, como caçarem capivara e embiaras com arco e flechas, que chamam de “batim”, nas margens do rio e das ilhas. (...) Também eram conhecidos por consumirem alguns alimentos, só por eles apreciados, como o camaleão e um peixe chamado de cari (...) que habitava as corredeiras do rio São Francisco. (SALOMÃO, 2020, p. 102 e 104).

Figura 84 – Hábeis pescadores



Fonte: Flickr (2025)

Em Rodelas, os descendentes de índio salvos da hecatombe, porque dispunham da única terra boa para a lavoura, aquela que não dependia de chuva - as ilhas irrigadas e adubadas naturalmente pela enchente anual do rio, chegavam a ser a gente de melhor condição de vida. A cobiça e mesmo a luta pela sobrevivência, ingredientes da economia em todos os tempos e em todos os lugares, com todas as raças, representadas nas pessoas de maior posse, procuraram apossar-se das ilhas. E os remanescentes do índio, desprevenidos do futuro, iam vendendo pedaço a pedaço, e, assim, empobrecendo em igualdade de condições com os remanescentes do vaqueiro e do escravo. Mas, sempre unidos especialmente na revivência de suas tradições culturais, os caboclos mantinham o espírito tribal e jamais deixaram de ter-se como índios e índios dizer-se, não obstante os muitos cruzamentos negros e brancos, mais frequentes nos tempos pós-missão. (FONSECA, 1996, p. 183).

2.2.3.1 Recomendações de Antônio Conselheiro

Pela história e tradição oral, quando morava em Rodelas, eu soube que, antes de estabelecer-se no Arraial de Canudos, à semelhança do que faziam **os índios da santidade**, Antônio Conselheiro peregrinava pelo sertão do Nordeste. (Fig. 85). Sua ação missionária assemelhava-se à dos pajé-açu, líderes nativos itinerantes que, desde épocas remotas, visitavam as aldeias. Exortavam os indígenas a preservarem suas tradições e lutarem pela conquista da Terra sem Males. Fatigado das renitentes mudanças, resolveu construir um templo, 100 km ao sul de Rodelas, onde pudesse professar sua crença e viver livremente, longe das perseguições da Igreja Católica tridentina e do governo republicano presidencialista que o consideravam séria ameaça à ordem vigente. Seus ensinamentos não se afinavam com a ortodoxia heleno-judaica e as tradições do Velho Mundo. Suas orientações políticas

desarmonizavam com os ideais da República Velha, militar e golpista.

Figura 85 – Antônio Conselheiro



Fonte: Prestes (1989)

Lembra-se que, no lugar em que se implantou o projeto conselheirista mantinham-se os traços culturais nativos e a espiritualidade que, desde o Século XVII, nos redutos missionários se praticava. Nele se consolidaram as procissões e as penitências que em toda quaresma se repetiam.

Procissões: Em Rodelas, com ou sem padre a coordenar, habituara-se o povo (indígenas, morenos e brancos) a realizar procissões anuais, na festa do padroeiro São João Batista e na Sexta Feira Santa³⁷. A iniciar em frente à igreja, na Rua de Cima, em duas filas indianas, uma constituída de mulheres e outra

³⁷ “A multidão guerreira avançava para Uauá, derivando à toada vagarosa dos kyries, rezando. Parecia uma procissão de penitência, dessas a que há muito se afeiçoaram os matutos crendeiros para abrandarem os céus quando os estios longos geram os flagícios das secas. (...) Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro.” (CUNHA, 1901 *apud* KESTERING, 2024a, p. 260).

composta de homens, a cantar hinos e benditos tridentinos, desfilava o cortejo por todas as ruas da cidade. Findava-se também na Rua de Cima, em frente ao Posto de Saúde dos Caboclos, aos pés da escadaria de acesso à igreja. (Fig. 86 a 91).

Figura 86 – Início da procissão, na Rua de Cima



Fonte: Idalina Fonseca (2020)

Figura 87 – Procissão ao estilo de Antônio Conselheiro



Fonte: Kesting (2023a, p. 167)

Figura 88 – Na Praça Dr. José Lima



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 89 – Na Rua dos Caboclos



Fonte: Idalina Fonseca (2020)

Figura 90 – Na Rua dos Caboclos



Fonte: Idalina Fonseca (2020)

Figura 91 – Ao findar, na Rua de Cima



Fonte: TV Ribeirinhos do São Francisco (2021)

Penitências: Em Rodelas e nas cidades influenciadas por Antônio Conselheiro preservou-se a genuína forma de vivenciar rituais vinculados à Cristandade Tridentina. Nas quartas e sextas feiras da quaresma, especialmente na Sexta Feira Santa, à noite, um grupo de morenos e indígenas encapuzados reunia-se em frente a modesta capela, próximo ao cemitério, para cantar hinos de contrição. De lá saía, em procissão, por dentro dos matos, a penitenciar-se e, às vezes chicotear-se, para expiar seus pecados³⁸. Ao estilo da estrutura do exército romano, guiava-se pelas ordens de Alexandre Luiz a quem o povo reconhecia como decurião do grupo penitente. (Fig. 92 a 95).

No exército romano, um grupo de oficiais ocupava um lugar central no comando das tropas da cavalaria. Eles eram chamados de decuriões. Eram responsáveis por comandar esquadrões de cavaleiros e demonstrar compromisso inabalável com o Império Romano e com as legiões. Com sua designação diretamente ligada ao comando de dez homens, o

³⁸ “Hohenthal (1954, p. 61), que visitou os Tuxá em meados do século anterior, comenta: ‘Embora dizendo-se católicos, alguns deles pertencem ao culto dos penitentes – os que se flagelam’.” (SALOMÃO, 2020, p. 103).

decurião assumia uma posição vital como oficial subalterno, responsável por comandar uma tropa de cavalaria nas legiões e também nas unidades auxiliares que eram montadas. (YOUTUBE, 2025).

Figura 92 – Capela dos Penitentes



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Próxima parada a capelinha dos penitentes que, com suas vozes graves, entoam seus cânticos, com o cuidado de não permitir que as pessoas se aproximem muito, porque querem preservar suas identidades. Seu Alexandre Luiz ameaça a todos com sua disciplina nunca usada, a não ser nele mesmo, nos momentos de purificação espiritual. (ARFER, 2017).

Figura 93 – Penitentes encapuzados, adjunto à capela



Fonte: Prestes (1989)

Figura 94 – Penitentes encapuzados



Fonte: Prestes (1989)

Figura 95 – Alexandre Luiz



Fonte: TV Ribeirinhos do São Francisco (2021)

É notório que no Norte e Nordeste da Bahia, onde Antônio Conselheiro atuou com maior denodo, havia muitas aldeias indígenas. Eram suas terras o que havia sobrado da luta que,

com o auxílio de missionários ao longo dos anos haviam travado contra os colonizadores. Seus mais fiéis escudeiros eram os nativos das aldeias de Mirandela, Natuba e Rodelas.

Ao tomar o rumo de Chorrochó e Canudos, o Conselheiro esvaziou a aldeia. Os índios eram seus adeptos e muitos o seguiram. Uns retornaram, outros foram sepultados no Alto do Bom Jesus. (FONSECA, 1996, p. 161).

2.2.4 Reconhecimento Oficial dos Indígenas Tuxá

Não convém esquecer que, em 1944, um grupo de indígenas Tuxá, sob o comando do Capitão João Gomes, partiu a pé, de Rodelas com destino ao Rio de Janeiro que então era a capital do Brasil. Ele foi reivindicar a implantação da Coordenação Técnica Local (CTL). Para se alimentar, durante a caminhada, dançava o Toré. Assim conseguia ajuda dos prefeitos e fazendeiros. Lembra-se que, além de João Gomes, dessa equipe participaram: Maria Libânia, Noêmia Dias, Maria Inácia, Maria Clara, José Luiz da Cruz, Manoel Dias, Águeda Dias, Joana Dias, Eduardo Luiz da Cruz, Antônio Brune de Assis, José Brune de Assis e Manoel Jovino.

E porque se consideravam índios, aprenderam a entender que o Governo tinha o dever de apoiá-los contra os que exploravam. De tanto pleitear, reclamar e lutar por seus direitos preteridos alcançaram ser atendidos pela FUNAI, que criou um Posto Indígena em Rodelas. Era 1944 e se haviam passado 82 anos do último missionário. Dos velhos tempos não devia restar ninguém, talvez um ou outro macróbio que fosse criança em 1862. Nesse 1944, de suas ilhas, tradicionalmente ocupadas desde antes das missões, restava aos caboclos a ilha da Viúva, e nem toda, parte dela já fora vendida. Reagrupados os remanescentes dos índios Rodelas e organizada a aldeia, sob a direção da FUNAI, a ilha da Viúva, e só essa, foi despejada de algum ocupante estranho à raça e

entregue a eles para seu trabalho. (FONSECA 1996, p. 183-184).

Em 1975 e 1976, na aldeia, os indígenas tratavam-me como se eu fosse filho dos mais velhos, irmão dos jovens e tio dos *kurumim*. Lembro-me dos bons tratos de Noêmia Dias, Esteclina, Cordolina Batista, Carmelita Josefa Cruz, Maria Libânia, Izabelzinha, Bidu, Armando, Antônio Vieira, Lourdes Maria, Primitiva, Maria Anunciada, Expedita e Marina. (Fig. 96 a 107).

Figura 96 – Noêmia e Esteclina



Fonte: Anaí *in* Cruz (2018 *apud* Kesting, 2023b)

Figura 97 – Cordolina Batista



Fonte: Cruz (2016 *apud* Kesting, 2023b, p. 25)

Figura 98 – Carmelita Josefa Cruz



Fonte: TV Caatinga (2018)

Figura 99 – Maria Libânia



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 100 – Isabelzinha



Fonte: Cruz (2016 *apud* Kesting, 2023b, p. 31)

Figura 101 – Cacique Bidu



Fonte: Marques (2008)

Figura 102 – Pajé Armando



Fonte: Marques (2008)

Figura 103 – Antônio Vieira



Fonte: NECTAS (2008 *apud* Kesting, 2023b, p. 34)

Figura 104 – Lourdes Maria da Conceição



Fonte: Acervo de Inácia Maria Soares (2025)

Figura 105 – Primitiva



Fonte: Acervo de Inácia Maria Soares (2025)

Figura 106 – Maria Anunciada



Fonte: Acervo de Inácia Maria Soares (2025)

Figura 107 - Expedita



Fonte: Acervo de Inácia Maria Soares (2025)

2.2.5 Rua de Cima

A Rua de Cima era o prolongamento da Rua dos Caboclos em direção leste. Iniciava na entrada da aldeia e estendia-se até a Praça Dr. José Lima, junto ao Beco de Artur. (Fig. 108 a 112).

Figura 108 – Rua de Cima, prolongamento da Rua dos Caboclos



Fonte: Ely Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 109 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Figura 110 – Vista parcial



Fonte: Daniela Moura *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 111 – Vista parcial



Fonte: Ely Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 112 – Casas das famílias de Cícero e Ricardo



Fonte: João Bosco Soares Santos *in* Idalina Fonseca (1976)

Entre as pessoas que moravam à Rua de Cima, por suas habilidades profissionais destacava-se Domingos Eloy Soares, filho de Antônio Eloy Soares e Maria Felismina da Fonseca³⁹. Ele nasceu no dia 2 de outubro de 1895, em Rodelas mesmo, então pertencente ao município e à freguesia de Santo Antônio da Glória. Casou-se com Maria Emília Gomes de Sá, rama provável do sargento-mor Antônio Gomes de Sá que, em 1696 era procurador da Casa da Torre. (FONSECA, 1996 *apud* CUNHA, 2019). De seus feitos o mais notável foi a casa de farinha que edificou à margem do Rio São Francisco, encostado ao cais da Igreja de São João Batista. (Fig. 113 a 116).

[Domingos Eloy Soares] era carpinteiro, marceneiro, pedreiro, agricultor, criador e canoieiro. Como testemunho de suas habilidades profissionais, a todos causava admiração a casa de farinha que edificou sobre embasamento rochoso cristalino, junto ao jardim da Igreja São João Batista, a resistir por décadas as periódicas enchentes do Rio São Francisco.

Diferentemente das famílias brancas tradicionais que, na caatinga, durante séculos, dedicavam-se à criação extensiva de gado e outros animais domésticos, Domingos Eloy, à semelhança e em companhia dos indígenas Tuxá, cultivava terras de vazante, na margem pernambucana e nas fartas ilhas daquele trecho do velho Rio dos Currais. Com os nativos mantinha permanente e sólida relação de amizade e estreitos vínculos comerciais e culturais. Em sua casa de farinha, em frequência regular, os caboclos chegavam com barcos

³⁹ “Em sua roça, na Fazenda Saco, no lado pernambucano do Rio São Francisco, Domingos Eloy (Pai Velho) implantou um sistema vernáculo de irrigação cuja água inicialmente bombeava-se com um cata vento artesanal que ele próprio confeccionou e depois, com uma roda d’água, também construída por ele. Para transportar a produção agrícola que partilhava com todos os membros de sua grande família (filhos, noras, genros e netos) construiu um espaçoso barco a vela, o maior que se dizia haver em Rodelas. Era tão grande que ele colocava dez jumentos de cada vez, com carga e tudo, para levar da Bahia para o Pernambuco e do Pernambuco para a Bahia. (SOARES, 2022 *apud* KESTERING, 2023a, p. 166-167)

abarrotaados de mandioca para, em parceria com ele, fazerem muita farinha e abundante tapioca destinada ao consumo diário de suas parentelas. (KESTERING, 2023a, p. 165-166).

Figura 113 - Casa de Domingos Eloy e Maria Emília, à Rua de Cima



Fonte: Kesting (2023, p. 169)

Figura 114 - Casa de farinha edificada junto ao cais da igreja



Fonte: Prefeitura de Rodelas (2019 *apud* Kesting, 2023a, p. 166)

Figura 115 – Barcos chegavam com mandioca para a farinhada



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2019 *apud* Kesting, 2023a, p. 166)

Figura 116 – Domingos Eloy Soares e Maria Emília Gomes de Sá



Fonte: Kesting (2023a, p. 169)

Com muita saudade eu lembro da casa onde morava a família de Matias Ribeiro da Silva e Maria Anunciada Soares. (Fig. 117). Ficava bem à frente da Igreja de São João Batista. Como esquecer o alpendre onde ocorreu o primeiro beijo e a sala de estar onde Ducilene e eu ensaiávamos nossos carinhos preliminares? Como deixar que, na esteira do tempo, apague-se a lembrança dos bons tratos de Mãe Noquinha? Ao estilo da tradição Rodelas, ela estava sempre por perto, a fiscalizar procedimentos compatíveis à fase pré-nupcial, e recomendar que ao longo da vida não deixássemos apagar a chama do recíproco magnetismo. Por oportuno lembro que, na terra dos Tuxá, as indígenas e as curreleiras não eram subservientes aos homens como das nordestinas alguns cronistas e historiadores eurocêntricos ao longo da história descreveram.

As mulheres tinham um papel importantíssimo na escolha dos genros, aprovando ou vetando o pretendente, que se tornaria futuramente um dos guerreiros da tribo, uma vez que o noivo deixava o núcleo de origem para juntar-se à noiva na casa de seus pais. (...) Encarregadas das atividades agrícolas e do preparo dos alimentos, as mulheres confeccionavam também potes de cerâmica para armazená-los e eram as únicas

responsáveis pela produção do cauim, bebida fermentada à base de mandioca, fundamental para as práticas rituais indígenas e que precediam as cerimônias religiosas e demais celebrações. Em suma, na divisão de papéis atribuídos ao masculino e ao feminino (...), as mulheres expressavam ou representavam o trabalho, a cultura; enquanto os homens estavam relacionados à caça e à natureza, em uma relação distinta e inversa daquela dos europeus na época da colonização e que justificava, no outro lado do Atlântico, a submissão feminina. (FERNANDES, 2003 *apud* KESTERING, 2025a, p. 30).

Figura 117 – Família de Matias Ribeiro e Maria Anunciada Soares



Fonte: Dilma Soares Lima (2014, *in* Idalina Fonseca, 2014)

2.2.6 Praça Dr. José Lima

A Praça Dr. José Lima iniciava nos becos da Igreja e de Artur, a oeste, e terminava no Beco de Cícero, a leste. Ela era o resultado da evolução do povoado que os pioneiros curraleiros

e seus porvindouros herdeiros edificaram ao lado da Aldeia e era conhecida como Missão de Rodela⁴⁰. Nela e nas demais ruas dos brancos, predominavam as casas caiadas. Não eram ricas. Algumas, porém, eram mais espaçosas que outras e ostentavam florais na fachada.

Para baixo da igreja, a partir de um pequeno beco de separação com o convento, vinha a "povoação dos brancos", os descendentes dos colonizadores. Eram também casas coladas umas às outras, muitas de meia parede, com a diferença única, para as da aldeia, de serem de alvenaria e caiadas, algumas de beira-bica trabalhada. Uma ou outra com um floral na fachada. Isso se modificaria totalmente a partir de 1935, 1936, quando nos chegou um pedreiro de nome João Batista, um mestre no polimento à colher - cimento queimado - Depois de reconstruída a primeira frente de casa, com parapeito e reboco a cimento branco polido e salpicado de variada cor, houve uma febre, todos queriam aquela beleza. E a velha beira-bica de cornija e os raros floreios trabalhados carinhosamente por mestre João Gualberto Freire, o artista dos florais, ou pelo seu mestre ou o mestre deste e outros na sucessão dos tempos, cederam lugar à platibanda, e, não raro, à fachada polida. (FONSECA, 1996, p. 179-180).

Na década de 1930, havia nela não mais que 40 casas a circundar uma rua bastante larga, com centenários tamarindeiros, umbuzeiros e cajazeiras a imprimirem nostalgia àquela bucólica paisagem sertaneja. (Fig. 118). Em 1968, cinco anos depois que Rodelas se emancipou, arrancaram-se as árvores, para transformar-se completamente aquela mimosa praça⁴¹. Em toda sua extensão, de leste a oeste, implantou-se

⁴⁰ "Aí moravam também os homens de comércio, que podiam ser ao mesmo tempo fazendeiros e proprietários de terra, utilizando-se, para o trabalho da lavoura, de meeiros ou de diaristas, também chamados de trabalhadores de aluguel." (FONSECA, 1996, p. 171).

⁴¹ "Levados por sonhos gerados por vaidades exageradas, jamais se lembraram, refletiram ou consideraram, sequer por instantes, que poderiam, e muito bem, concretizarem esses seus projetos, aproveitando

um jardim central, com destaque à moderna fonte luminosa que no centro dela se fez e nunca funcionou. Apesar do impacto ambiental, patrimonial e paisagístico, o nome que se atribuiu àquele logradouro foi justa homenagem ao médico filho de Rodelas que, no período de 1935 a 1965, prestou relevantes serviços a sua terra natal e aos municípios vizinhos da Bahia (Chorrochó, Macururé e Abaré) e de Pernambuco (Belém do São Francisco, Itacuruba e Floresta). (Fig. 119 a 131).

Figura 118 – Rodelas antes de implantar-se a praça Dr. José Lima



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

[No dia 6 de dezembro de 1935] ele estava vitorioso e feliz em sua terra, por ter conquistado o diploma de médico pela tradicional Faculdade Federal de Medicina da Bahia. Foi recebido à margem do caudaloso São Francisco, com girândolas e muita vibração por seus parentes e amigos, tendo D. Senhorinha Soares Fonseca feito uma entusiasmada saudação ao primeiro filho de Rodelas que se formava, ao primeiro médico de toda essa região sertaneja. (...)

O Dr. José Lima iniciou sua vida profissional em Floresta, vindo sempre a Rodelas, terra que ele amava entusiasmadamente, para dar assistência gratuita aos necessitados e amigos. Era edificante a paciência com que ele atendia às consultas de todo instante, até mesmo à mesa de refeição.

todas, ou parte das centenárias árvores da praça, irmanando o belo, apazível e antigo existente com o belo-novo desejado.” (SANTOS, 2013, p. 29).

Em 1937 foi médico da polícia, no setor de perseguição a Lampião com sede na cidade de Jeremoabo, onde ele se tornou estimado, mas, era impossível continuar vencendo tão grande distância em transporte precário. (...)

Trabalhador incansável, ele dividia seu tempo entre Belém do São Francisco, Rodelas e Floresta, indo muitas vezes a Itacuruba, Chorrochó e Macururé a cavalo e em altas horas da noite de barco a vela, a Abaré, a fim de salvar alguém das garras da morte. Não se negava a qualquer chamado, pois o seu coração generoso e humanitário não media sacrifícios nem visava lucros para curar um doente. Revoltava-se quando o chamavam para atender a um doente que já não tinha possibilidade de cura. (...)

Infelizmente, vitimado por mal traçoeiro e ingrato, faleceu o Dr. José Alventino Lima, em plena maturidade, a 12 de agosto de 1965, deixando à família além de imorredoura saudade, a falta de sua sábia orientação. (FONSECA, 1996, p. 252-255).

Figura 119 – Dr. José Alventino Lima



Fonte: Fonseca (1996, p. 290), adaptada pelo autor

Figura 120 – Vista geral da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Figura 121 – Vista geral



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 122 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 123 – Vista geral



Fonte: Idalina Fonseca (2016)

Figura 124 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 125 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Encanto Rodelas

Figura 126 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 127 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Figura 128 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2019)

Encanto Rodelas

Figura 129 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 130 – Vista parcial



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 131 – Vista parcial



Fonte: Secretaria de Educação e Cultura de Rodelas *in* Edinho (2011)

Ao lado sul daquela praça, no encontro dela com a Rua de Cima, localizavam-se as principais casas de comércio. Nelas se comprava peles de bode, ovelha e animais silvestres, para mercadejá-las em Juazeiro onde havia um curtume. Vendiam-se tecidos, bebidas, sal, fumo, instrumentos agrícolas (machado, enxada, facão), rapadura e miudezas em geral. (FONSECA, 1996, p. 171). No início da Praça Dr. José Lima, em frente às casas comerciais, ocorriam as feiras. (Fig. 132 e 133).

Havia uma feira semanal, no Domingo, que reunia as gentes da redondeza, abrigando-se os feirantes em barracas montadas e desmontadas toda semana. Somente na segunda década do Século XX se construiria um barracão para a feira. (FONSECA, 1996, p. 171).

Figura 132 – Dia de feira, na entrada da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 133 – Dia de feira, na entrada da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2019)

2.2.6.1 *Monumento a Florêncio de Almeida Lima*

No início da Praça Dr. José Lima, próximo à Igreja de São João Batista, em 1976, postou-se um busto que se fez em homenagem a Florêncio de Almeida Lima que, na arte da música, se destacou nacional e internacionalmente. Lembra-se que outrora ele era membro da primeira Banda Musical de Rodelas⁴². Ao renomado artista eu tive a honra de proferir modesto discurso. Com José Rezende, eu toquei também algumas músicas que Josefa Soares, Dedé de Madrinha Neném, com sua maviosa, inconfundível e inesquecível voz, acompanhou. (Fig. 134 a 137).

Figura 134 – Florêncio de Almeida Lima



Fonte: Academia Brasileira de Música (2025), adaptado pelo autor

⁴² “Banda esta que estreou em 1925, no casamento de Alexandre Ferreira e Rosinha Lima. Desta mesma banda musical saiu, em fevereiro de 1926, ainda com 16 anos, o adolescente prodígio Florêncio de Almeida Lima, para brilhar no Rio de Janeiro como maestro, catedrático, autor de livros e de peças musicais e cofundar a Academia Brasileira de Música.” (SANTOS, 2013, p. 19).

Figura 135 – Discurso em homenagem a Florêncio de Almeida Lima



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1976)

Figura 136 – José Rezende, Josefa Soares e eu a prestar homenagem



Fonte: Idalina Fonseca (2023)

Figura 137 – Monumento a Florêncio de Almeida Lima



Fonte: Cláudia *in* Idalina Fonseca (2019)

O professor Florêncio de Almeida Lima é filho de Lúcio José de Almeida e Rosa Fonseca de Almeida – Rosinha. Nasceu em 1909, a 26 de fevereiro e leva seus dias finais no Rio de Janeiro, portador de uma arteriosclerose, que o afasta totalmente da atividade a que dedicou toda sua vida. Músico, maestro, regente, compositor, com diplomas da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro

e outras escolas, começou suas atividades profissionais no Exército Nacional, de onde saiu reformado como mestre. Foi professor de diversas escolas, destacando-se a Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Brasil, onde estudara, regendo as cadeiras de Organologia e Organografia. Foi diretor e reorganizador da Banda de Música do Departamento de Vigilância da Prefeitura do antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro e, a convite do Maestro Vilas Lobo, diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, onde regeu, ainda, a cadeira de Organologia e Organografia, na qual se destacou como um dos mais autorizados mestres de seu tempo no Rio de Janeiro. Também compôs diversas peças do gênero sinfônico, que o confirmaram na categoria de compositor de rara sensibilidade e amplos recursos artístico-musicais. (LIMA; LIMA, 1976 *apud* FONSECA, 1996, p. 255-256).

2.2.6.2 *O Sobrado da Professora Dulcina Cruz Lima*

Junto à Praça Dr. José Lima, no lado norte, destacava-se o Sobrado da Professora Dulcina Cruz Lima⁴³, único na cidade. (Fig. 138 a 140). Ele foi edificado pelo memorável Major João Alventino Lima que, em seu tempo havia sido comerciante, senhor de engenho, pecuarista, e proprietário de barca. (FONSECA, 1996, p. 173).

⁴³ Até 1933 Rodelas não contava senão com o mestre-escola, simpática figura de leigo que, como se costumava dizer, desasnava. Em 1933, ancorou em nosso porto fluvial, a professora e mestra Dulcina Cruz Lima. Chegava a tempo de realizar a matrícula para o ano escolar, incorporando uma turma de 60 alunos. Deus faz todas as coisas boas e certas da vida; as más devem ser artes do diabo, como ensinaram os missionários. Para Rodelas jamais traria nada igual a Dulcina. Não apenas ensinou abnegadamente até quase o dia de morrer, mas construiu uma civilização entre caboclos de sangue e caboclos de hábito. Quando dormiu, Rodelas tinha duas escolas de segundo grau, a nível de formação de professor e contabilista, graças à semente de seu amor e o adubo do seu estímulo. (FONSECA, 1996, p. 223-224).

Figura 138 – O Sobrado da Professora Dulcina



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Major João Alventino Lima [era] filho de Francisco Rodrigues Lima e Senhorinha Maria de Sá, neto, pelo lado materno, de Domingos da Fonseca. Seguramente este exerceu a liderança de Rodelas, sendo, em seu tempo, um dos homens de maior posse. Era um empresário de múltiplas atividades: pecuarista, transportador fluvial, senhor de engenho, comerciante estabelecido na praça, com mercadorias diversas e gêneros alimentícios. Major da Guarda Nacional, com ativa presença na vida comunitária, era um homem dinâmico e influente, tinha boa leitura e capacidade de decisão. Casou-se quatro vezes e, sem nenhuma dúvida, as três primeiras mulheres, que morreram muito moças, não lhe deixaram filhos. Também ele faleceu moço, aos 48 anos de idade, em 1905. Deixou cinco filhos, dos quais, os três mais velhos, que assumiu e criou, vinham de seus tempos de solteiro, ou viúvo. (...) Os dois últimos nasceram do quarto consórcio, com Idalina Maria de Sá, viúva, que, por este segundo casamento receberia o nome de Idalina Maria Lima: José Alventino Lima, médico e empresário, casado com Durvalina Cruz Lima, e João Alventino Lima Filho – Joãozinho, protético que se casou e se domiciliou em Juazeiro, onde deixou descendência. (FONSECA 1996, p. 247).

Figura 139 – Dulcina Cruz Lima



Fonte: Pautas do Tempo (2025)

Nele ministravam-se as aulas rotineiras e organizavam-se os eventos cívicos. (Fig. 141 a 145). Com ela morava Elisa a quem competia todos os afazeres domésticos, de governanta a zeladora do edifício. (Fig. 146).

Em 1933 seria a professora Dulcina Cruz Lima, a grande educadora de Rodelas, de quem terei oportunidade de falar longamente. Recém-formada em Recife, veio como professora pública de sua terra, nomeada pelo Governo do

Encanto Rodelas

Estado da Bahia. Tinha 20 anos de idade. Dedicaria toda a vida à sua terra e a sua gente. Não se casou para ter dedicação a filhos; só a Rodelas, à escola e aos alunos se dedicava. Por longos anos, o único destaque de Rodelas, a única boa referência, foi a escola de Dulcina, alguma coisa como uma pequena universidade, de titular único, atendendo com amor, sem distinção de índios, morenos e brancos, matrícula rodando os sessenta alunos. Dulcina deu vida nova a Rodelas, preparou os caminhos não só para a educação, hoje bem desenvolvida, com duas escolas de formação de professoras, mas para o desenvolvimento. (FONSECA, 1996, p. 177).

Figura 140 – O Sobrado da Professora Dulcina



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 141 – Evento de Sete de Setembro em frente ao Sobrado



Fonte: João Bosco Soares dos Santos *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 142 – Evento de Sete de Setembro no Sobrado



Fonte: João Bosco Soares dos Santos *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 143 – Desfile de Sete de Setembro na Rua de Cima



Fonte: Ely Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 144 – Desfile de Sete de Setembro na Praça Dr. José Lima



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 145 – Desfile de Sete de Setembro na Praça Dr. José Lima



Fonte: João Bosco Soares dos Santos *in* Idalina Fonseca (2015)

Figura 146 – Elisa com sua mãe, Dona França



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Em Rodelas, dizia-se que era mal assombrada uma das dependências do pavimento superior daquele casarão, onde a Professora Dulcina guardava um velho confessionário. Tinha aquele abandonado cômodo pouca iluminação e exalava sutil graveolência da urina que se volatilizava nos resíduos morceguais, em montículos lá acumulados. Falava-se que, vez por outra, um daqueles indesejados inquilinos deixava seu esconderijo, junto ao teto do velho edifício, para revoltear pela sala de aula, em frenético desatino, a alvoroçar a criançada.

Se quisesse, poderia seguir carreira em Olinda, onde se formou professora, ou no Recife. Mas Dulcina Cruz Lima optou por voltar à vila do Rudela para, em 1933, comandar uma das primeiras escolas do lado baiano do médio São Francisco.

Por décadas a Escola Estadual Felipe dos Santos funcionou no primeiro andar do mítico sobrado amarelo construído por João Alventino, tio dela, e comandada com doçura e rigor. É uma casa cravada na memória coletiva dos rudelenses e respeitada e lembrada pelos rodelenses, mesmo aqueles que nunca a viram.

O espaço era democrático. Não se têm notícias de discriminação na sua única sala, onde a professora se desdobrava para atender a todos, não raro mais de 40. Por lá passaram muitos rudelenses. A sala era dividida por brancos, negros e índios da tribo Tuxá. Meninas e meninos. Filhos das poucas famílias abastadas na época e das muitas pobres. Todos recebiam a mesma atenção da jovem, como ainda atestam os estudantes da época – os da primeira turma já chegaram aos 90 anos.

Dona Dulcina, que nasceu numa fazenda na área de influência da vila, distribuía carinho e corretivos a quem os merecessem. Que os ousados não pensassem que aquela figura franzina era de amolecer diante da indisciplina, de quem quer que fosse.

Naquela época era permitida a aplicação de castigos físicos nas salas de aulas, tido como uma ferramenta à boa educação. Ao bom comportamento. Uma palmatória foi levada por um ex-aluno na homenagem prestada à mestra, quando do centenário do seu nascimento. Arrancou risos e histórias sobre o seu uso foram contadas ou relembradas. Lembraram que o temido instrumento apenas era usado em caso de indisciplina e não por problemas de aprendizado. Nesses casos, a professora era por demais paciente. (...)

A escola tinha até o quarto ano. A partir daí ou o aluno saía para outras cidades, para continuar seus estudos ou parava (...)

Parar de estudar era o destino da grande maioria dos seus alunos. Naquela época, ler e escrever eram meio caminho andado para o sucesso na vida. Muitos ganhavam o mundo,

com o peito inflado de orgulho de ter estudado na escola. E de ter sido aluno de dona Dulcina.

E o sobrado não abria as portas e oferecia suas vagas apenas para os rudelenses. Meninos e meninas de cidades e povoados próximos, que tinham parentes no Rudela, vinham aprender o ABC e a fazer contas, conhecer geografia e ciências na escola do sobrado. Virou uma referência em toda a região, pela qualidade e empenho. (ARFER, 2017 *apud* KESTERING, 2023a, p. 182-183).

2.2.6.3 Residência de Manoel dos Santos

Na extremidade leste da Praça Dr. José Lima situava-se a residência de Manoel dos Santos, um dos comerciantes mais bem sucedidos em Rodelas⁴⁴. Ele nasceu em 1884, no Alto dos Santos onde viveu sua infância e juventude. (Fig. 147 a 149).

Figura 147 – Casa de Manoel dos Santos



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2019)

⁴⁴ “O Coronel Manoel dos Santos, já estabilizado com os comércios de gado, tecidos, peles, transportes fluviais, além de continuar ampliando sua pecuária, ousou implantar e, de fato e de direito, por em total e efetivo funcionamento, a primeira e até agora única indústria, além do Complexo Industrial implantado por Delmiro Gouveia, movida mecanicamente, impulsionada que era por força-vapor, nos Sertões do Rodelas de Baixo.” (SANTOS, 2013, p. 52).

Figura 148 – Casa de Manoel dos Santos



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

[Manoel dos Santos] era filho de Miguel Joaquim de Moura e Martinha Maria da Conceição Soares Sá. Seus avós paternos eram Manoel Joaquim de Moura, que veio ainda jovem da hoje cidade de Moura, Sul de Portugal, e Ana Rosa da Conceição Soares de Sá. Seus avós maternos eram Francisco Soares do Nascimento e Alexandra Ana de Jesus Soares de Sá. (...)

Manoel dos Santos não era descendente de quaisquer das tradicionais famílias rodenses. Somente frequentou escola pelo período de três meses. Ficou órfão de pai aos cinco anos e foi um autodidata bem sucedido (...).

Sendo o mais novo dos filhos do segundo casamento de meu avô materno, que morreu quando ele tinha cinco anos, foi criado pelo padrasto, também Manoel dos Santos, de quem herdou nome e sobrenome, deixando de usar os sobrenomes das duas famílias: Soares Sá (materna) e Moura (paterna).

Aos 24 anos, em 1909 ou 1910, Manoel dos Santos estabeleceu-se como comerciante fixo no povoado de Rodelas, no melhor ponto comercial, em frente do local onde funcionou, por longos anos, a feira de Rodelas. Depois, quando um outro rodense pôs em funcionamento seu iniciante comércio de peles caprinas e ovinas, e depois tecidos, forças políticas relocaram a feira para um local em

frente à esta iniciante casa comercial, e isto já em meados da década de 1950.

Aos 27 anos, Manoel dos Santos casou-se com Mariana Soares Fonseca, a mais jovem e mais bela das filhas de Manoel Soares do Nascimento, o primeiro intendente que Rodelas teve, e de sua esposa Francelina Ramos de Sá e Assunção Fonseca, neta do patriarca Boaventura Gonçalves da Fonseca e de sua esposa Vitória Ângela de Sá e Assunção, da tradicionalíssima e abastada casta familiar local.

Aos 36 anos, a partir de 1920, e daí até sete de julho de 1961 [quando faleceu], Manoel dos Santos montou e pôs em plena produção o maior e até agora único complexo industrial desta nossa região baiana, movido a vapor, com capital próprio, sem nenhum sócio e sem qualquer empréstimo ou qualquer ajuda, importando todos os equipamentos da Inglaterra e contratando, trazendo de Recife, um técnico em montagem e mantendo-o em Rodelas por algum tempo. (...)

[Começou produzindo algodão descaroçado. Depois] decidiu acrescentar a seu complexo industrial os beneficiamentos de cana e de mandioca, para produzir rapadura, mel, batida, alfenim, farinha, tapioca, beiju e cuscuz de crueira, doce ou salgado (...). (SANTOS, 2013, p. 15, 19, 48 e 81).

Figura 149 – Mariana Soares Fonseca e Manoel dos Santos



Fonte: Santos (2013, p. 183)

2.2.6.4 *Casa de Domingos José de Almeida*

À Praça Dr. José Lima residia Domingos José de Almeida, filho de José Saturnino de Almeida e Firmina Ramos de Sá. Ele nasceu no dia 12 de outubro de 1891 e faleceu no dia 21 de outubro de 1966. (Fig. 150 a 152).

Era filho de Saturnino José de Almeida e Firmina Ramos de Sá. Do lado paterno, neto de José Pedro de Almeida; do lado materno, bisneto de Domingos da Fonseca e Azevedo, neto de Lucas Fernandes da Fonseca e Josefa Maria de Sá, bisneto de Lucas Fernandes de Rezende. Muito cedo perdeu o pai e foi criado pobremente. Vivo e inteligente, voluntarioso, rebelde e inconformado com a pobreza, começaria cedo a luta por um lugar ao sol. O Major João Alventino tinha um curral dentro do povoado, ao lado de seu sobrado, onde prendia o gado para todos fins, desde o desleite à venda das boiadas. Quando faleceu, veio para Rodelas o seu cunhado Frontino de Sá, que se encarregava de administrar os negócios da irmã viúva. Diz-se que um dia Frontino vendia uma boiada e Domingos Almeida acompanhava o negócio. Lá uma hora, comentou: - Quando eu estarei vendendo uma boiada dessa! – Nunca, Domingos, nunca, não casou com moça rica, não tem dinheiro para comprar garrote, foi a resposta, com o reforçado – nunca! Ele guardou a mágoa e a comentaria mais tarde, quando vendeu seus primeiros bois.

Começou a vida como negociante ambulante nas fazendas. Vendia tecidos e comprava pele de bode. Ou trocava metros de pano por peles. Mais tarde se estabeleceria no povoado com uma loja de tecidos e todas as coisas, conforme o hábito do comércio local. A loja só não negociava com bebidas, que era comércio de bodega, mas vendia mercados de fumo em corda e remédios, por exemplo. Na mesma loja comprava pele de bode. Sua primeira loja foi no barracão. Muito adiante derrubado este, já era um homem de posses e construiu uma casa especialmente para a loja. Foi comerciante, pecuarista, lavrador em terrenos de ilha e, cultivando cana, montou o seu engenho. Ao lado disso, foi político, sempre político vitorioso,

desde sua nomeação para o cargo de subdelegado do distrito, até o dia de morrer. Foi o último líder protecionista, de características nitidamente familiares: para os amigos, todos os favores; para o adversário, a troca de favores. (FONSECA, 1996, p. 249).

Figura 150 – José Saturnino de Almeida



Fonte: Fonseca (1996, p. 293), adaptada pelo autor

Figura 151 – Casa de Domingos José de Almeida



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2019)

Figura 152 – Domingos José de Almeida



Fonte: Fonseca (1996, p. 287), adaptada pelo autor

2.2.6.5 Outras Casas Residenciais e Bodegas

À Praça Dr. José Lima, próximo à residência da família de Manoel dos Santos, na casa de Manoel Moura de Sá, conhecido como Manoel Miguel, durante os dois anos que vivi em Rodelas, eu fui tratado como um de seus filhos, irmão de José, Gezilda, Gilvany, Gizelda, Gildete, Gizélia e Manoel (Nezinho). Manoel Miguel era filho de João Miguel de Moura e Ana Maria de Sá, sobrinho do Coronel Manoel dos Santos. Ele nasceu em 1910, no então povoado de Rodelas. No dia 04 de agosto de 1937, com 27 anos de idade, na Igreja de São João

Batista, casou-se com sua prima Josefa Soares de Moura, filha de Elias Lino de Moura e Luciana de Rezende. A eles eu sou infinitamente grato pela calorosa hospitalidade e extrema gentileza em apresentar-me as famílias daquele núcleo habitacional com quem, ao longo dos dias, exercitei-me na arte de bem relacionar-me e em cuja companhia eu aprendi a ser feliz. (Fig. 153 a 174).

Discordantemente da equipe missionária que se deslocara a Sobradinho, distante 300 km rio acima, e se alojara dentro do acampamento da empresa que estava a exigir traumática relocação de 72 mil pessoas, encontrei abrigo na casa de uma família, na iminência de transferir-se compulsoriamente, pela construção da Barragem de Itaparica. De imediato integrei-me à equipe local de catequese e evangelização. A ela devo infinita gratidão pela calorosa receptividade, generosa hospitalidade, pródiga amabilidade e, sobretudo, pelo eficiente repasse de informações históricas e dados antropológicos que fizeram encantar-me pelo jeito de ser das famílias em geral e, especificamente pela parentela de Ducilene, a mulher que escolhi para ser minha vitalícia companheira. (KESTERING, 2023A, p. 145).

Figura 153 – Casa de Manoel Miguel onde me receberam como filho



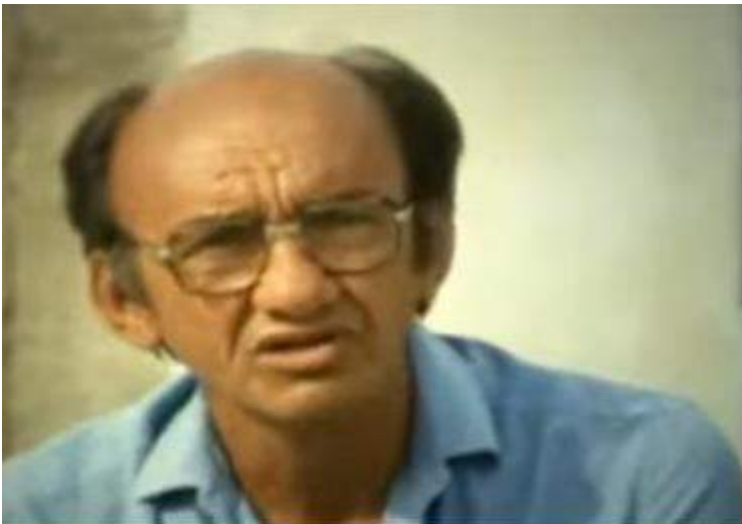
Fonte: Socorro Melo M. Fonseca *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 154 – Memorável Manoel Miguel



Fonte: Gizélia Soares de Moura (2025)

Figura 155 – Memorável José Moura



Fonte: TV Ribeirinhos (1998), adaptada pelo autor

Figura 156 – Memorável Gezilda



Fonte: Acervo fotográfico da família (2025)

Figura 157 – Memorável Gilvany



Fonte: Acervo fotográfico da família (2025)

Figura 158 – Professora Gildete



Fonte: Idalina Fonseca (2023)

Com eles, eu aprendi a seguir a estrela Tatauí, de forma semelhante a que fizeram os reis magos, para encontrar o menino Deus, em uma manjedoura, na periferia dos palácios herodianos. Foi no convívio com essas pessoas de boa vontade, do Sertão de Rodelas, que eu ensaiei adorar a Deus que se fez carne, para habitar entre nós. No coração do Semiárido, eu compreendi ser verdade a máxima suprema, onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, estarei eu no meio deles. O prodígio da vida, com felicidade plena aos viventes, acontece na observância da partilha que, há dois mil anos, ele próprio propôs e sugere ao contexto existencial de cada cristão, nos dias de hoje. (KESTERING, 2023a, p. 26).

Figura 159 – Casas residenciais junto ao Beco da Igreja



Fonte: Idalina Fonseca (2013)

Figura 160 – Bodega de Guilherme, ao centro, e casas residenciais



Fonte: Carlos Henrique Soares *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 161 – Casas do lado norte da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Encanto Rodelas

Figura 162 – Residência da família de Osvaldo Fonseca e Joana Rezende



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 163 – Osvaldo ao Clarinete



Fonte: Idalina Fonseca (2016), adaptada pelo autor

Figura 164 – Casa dos pais de João Justiniano da Fonseca



Fonte: Lima (2017)

Figura 165 – Casas de Mirando e Estela, Teté e Celina e de Jolinda



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 166 – Casas de Durval Barbosa (azul) e Eustáquio Rezende (amarela)



Fonte: Idalina Fonseca (2013)

Figura 167 – Vista parcial da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 168 – Casa residencial de João da Mata Fonseca e Carmusina



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima

Figura 169 – Vista parcial da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Figura 170 – Casa de Eustáquio e Deolinda



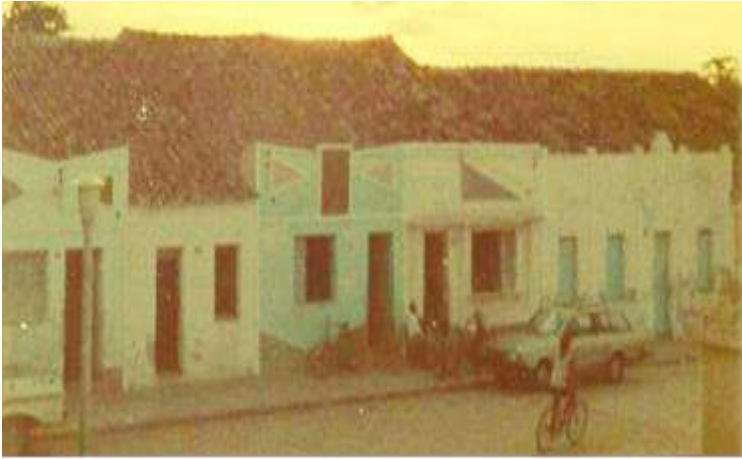
Fonte: Ely Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 171 – Casa de Sinharinha e Honorinda



Fonte: Vera Lúcia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2013)

Figura 172 – Casas residenciais ao lado sul da praça



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 173 – Casa de Vasco Oscar de Moura e Merandolina Maria de Almeida



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

Figura 174 – Casa de Antônio de Amélia, com Castulina na Calçada



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

2.2.7 Rua do Garguelo

Ao alongamento rua sul da Praça Dr. José Lima reconhecia-se como Rua do Garguelo. Ele tinha início no Beco de Cícero, a oeste, e finalizava na Subestação da COELBA⁴⁵, a leste. (Fig. 175 a 177). “Nela morava Dindinha, minha avó Belinha”. (DARLENE ALMEIDA *in* FONSECA, 2020).

⁴⁵ Quando se construiu o cais e se fez o aterro nas áreas até então alagadiças, ampliou-se a rede de eletricidade, ainda com postes de madeira, para iluminar a Rua Domingos Almeida e a Avenida Manoel Moura. Em 1967, com material igualmente modesto, ampliou-se a rede para o Sabará de Cima e a Rua Miguel Soares, alcançando os colégios Nossa Senhora do Rosário e Dulcina Cruz Lima. No Governo Luiz Viana Filho (1967 e 1971), construiu-se a rede de distribuição que cobria toda a cidade, parte da margem do rio e trechos da área rural ribeirinha. (FONSECA, 1996, p. 227-228).

Figura 175 – Vista geral da Rua do Garguelo



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Figura 176 – Vista aproximada da Rua do Garguelo



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima (2025)

Figura 177 – Subestação da COELBA, no final da Rua do Garguelo



Fonte: Idalina Fonseca (2022)

2.2.8 Rua Dom Bosco

Na Rua Dom Bosco moravam os morenos que em tempos antigos habitavam no Alto do Sabará ou à Praça Dr. José Lima. Por venderem suas casas aos brancos, decidiram-se por construir novas residências na área alagadiça que, em tempos idos, identificava-se como mato. (Fig. 178 a 182).

Figura 178 – Vista Geral



Fonte: Idalina Fonseca (2022)

Figura 179 – Vista geral



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

O agrupamento de morenos moradores em frente à igreja, um agora, outro depois, cederia espaço aos brancos, por venda de suas casas, indo construir novas residências mais para o fundo - por detrás da Rua, se dizia -, mais ou menos confronte

Encanto Rodelas

às residências anteriores, chamando-se ao novo agrupamento, inicialmente, de Rua dos Morenos ou dos Raposos. Diversos morenos que antes de 1930 residiam fora da povoação, em casas espalhadas no Alto do Sabará, talvez como os fazendeiros, por medo a Lampião, foram-se agrupando, aos poucos, nessa nova rua. A partir desse agrupamento residencial, nasceria a Rua Dom Bosco, em frente aos muros das residências dos primeiros tempos, em toda sua extensão. Os chamados morenos ou "raposos" eram, em regra, descendentes de branco e negro. Os descendentes de branco ou de negro com índios, quase sempre se integravam à aldeia e aí residiam. (FONSECA, 1996, p. 180-181).

Figura 180 – Vista Geral



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 181 – Padaria de João Eudes



Fonte: Luiz Gomes *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 182 – Final da Rua Dom Bosco



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

2.2.9 Rua Firmina Ramos

A Rua Firmina Ramos originou-se quando Manoel Moura implantou a obra do cais, a permitir a construção de casas no espaço onde antes, nas cheias do Rio São Francisco também se alagava. (Fig. 183 a 186). O nome que a ela se atribuiu foi homenagem à esposa de Saturnino José de Almeida, mãe de Lucas Evangelista, Claudolino José, **Domingos José**, Ana Maria, Alexandra Maria, Antônia Rosa, Eufrosina Maria e Merandolina Maria.

Figura 183 – Rua Firmina Ramos



Fonte: Vera Lúcia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 184 – Vista Geral



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima (2025)

Figura 185 – Final da Rua Firmina Ramos



Fonte: Ely Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 186 - Firmina Ramos de Sá



Fonte: Fonseca (1996, p. 289), adaptada pelo autor

2.2.10 Rua Domingos Almeida ou do Cais

Em Rodelas, ouvia-se com frequência alguém relatar a inundação que a enchente de 1960 provocou nas ruas próximas à vargem. Ninguém esqueceu, também, o benefício que o cais, edificado pelo prefeito Manoel Mora, trouxe à cidade⁴⁶. (Fig. 187 a 191). “Imaginemos uma construção desse tamanho. Naquela época todos os materiais foram transportados nas costas de animais.” (CARLOS VALTER SOARES *in* IDALINA FONSECA, 2014).

Figura 187 – Vista Geral



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 188 – Vista geral



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

⁴⁶ “Com a emancipação, uma das primeiras obras do Prefeito Manuel Moura, foi a construção de um aterro em parte da várzea inundável e um cais, possibilitando a abertura de mais duas artérias - a **Rua Domingos Almeida e a Rua Manoel Moura** (grifo nosso), que receberam placas nominativas na gestão seguinte.” (FONSECA, 1996, p. 227).

Figura 189 – Vista parcial



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 190 – Açogue Municipal João Marques



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 191 – Biblioteca Municipal Ministro Oliveira Brito



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2019)

2.2.11 Ruas Alto do Sabará e Miguel Soares

Após a construção do colégio que se destinaria à educação rural, edificaram-se algumas casas no Alto do Sabará e Miguel Soares⁴⁷. Eram logradouros que se estavam a formar entre a Escola Rural que se edificou em 1948 e, em 1968, transformou-se em Centro Integrado Governador Luiz Viana Filho. Edificaram-se, também, o Colégio Dulcina Cruz Lima e o Colégio Nossa Senhora do Rosário. Nelas a iluminação pública chegou, com material modesto (postes de madeira), quando João Justiniano da Fonseca era prefeito. (FONSECA, 1996, p. 227-228).

No Alto do Sabará já moravam algumas pessoas... e muitas crianças que nunca sofreram qualquer maldição ou perigo pela distância. O Alto do Sabará se situava a menos de um quilômetro da rua principal. E a construção desta escola [rural] começou a atrair para bem perto dela, a família que residia em lugares mais distantes. E, de repente, mais de 15 famílias construíram suas casas em torno da Escola. (SANTOS, 2013, p. 73).

2.2.12 Os Becos

Por influência dos colonizadores portugueses, a maior parte das cidades brasileiras caracteriza-se pela existência de becos. Em Rodelas não era diferente. Destacavam-se: o de Alcino, da

⁴⁷ No início do Século XX, já havia o Alto do Sabará. “Diversos morenos que antes de 1930 residiam fora da povoação, em casas espalhadas no Alto do Sabará, talvez como os fazendeiros, por medo a Lampião, foram-se agrupando, aos poucos, nessa nova rua. A partir desse agrupamento residencial, nasceria a Rua Dom Bosco, em frente aos muros das residências dos primeiros tempos, em toda sua extensão.” (FONSECA, 1996, p. 181).

Igreja, de Laura, do Sobrado, de Alexandra, de Cícero Lúcio, do Garguelo, do Funrural, de Florzinho, de Dora, de Afra e de Artur.

O beco enfeixa significados de transgressão. (...) Com um imaginário próprio, quebra o antagonismo entre a casa e a rua. Constitui-se uma espécie de respiradouro da cidade. (CAMARGO *apud* FONSECA, 2020).

2.2.12.1 Beco de Alcino

O Beco de Alcino permitia acesso da Rua de Cima ao Rio São Francisco. “Esse beco era fantástico. Por ele passavam criaturas interessantes que, até hoje, tenho vivas na memória.” (MÁRCIA FREIRE FONSECA *in* FONSECA, 2021). (Fig. 192).

Figura 192 – Beco de Alcino com a lateral da casa de Milinha



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

2.2.12.2 Beco da Igreja

O Beco da Igreja era também conhecido como Beco de Maria de Rosinha. “Quando o rio enchia, era nele que a turma pulava do cais”. (EUGÊNIO PACHELLI *in* FONSECA, 2020). (Fig. 193).

Figura 193 – Beco da Igreja



Fonte: Idalina Fonseca (1976)

2.2.12.3 Beco de Laura

O Beco de Laura facultava acesso da Praça Dr. José Lima ao Rio São Francisco. Localizava-se entre as casas de Laura e João Justiniano da Fonseca. (Fig. 194 e 195).

Figura 194 – Beco de Laura



Fonte: Vera Lúcia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2014)

Figura 195 – Esquina da Casa de Laura



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima (2025)

2.2.12.4 Beco do Sobrado

O Beco do Sobrado facultava acesso ao Rio São Francisco. Localizava-se no lado norte da Praça Dr. José Lima, entre a casa de Josefa de João e o prédio da Professora Dulcina Cruz Lima. (Fig. 196).

Figura 196 – Beco do Sobrado



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2021)

Era a porta do paraíso. Era mais largo no espaço que tinha essas paradinhas, onde brincávamos de pega-pega. Ficava mais estreito onde começava a sala de jantar da casa de Dona Dulcina. (MÁRCIA FREIRE FONSECA; WANDERLEA PEIXOTO *in* FONSECA, 2021).

2.2.12.5 Beco de Alexandra

O Beco de Alexandra facultava acesso da Praça Dr. José Lima ao Rio São Francisco. Situava-se entre sua casa, a oeste, e a de Manoel dos Santos, a leste. (Fig. 197 e 198).

Figura 197 – Casa de Alexandra e de Manoel dos santos



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 198 – Beco de Alexandra



Fonte: Siri Produções Cinematográficas *in* Arfer (2017)

2.2.12.6 Beco de Cícero Lúcio

O Beco de Cícero Lúcio facultava acesso ao Rio São Francisco. Situava-se entre as casas de Cícero Lúcio e Rosa, a leste, e Manoel dos Santos e Mariana, a oeste. (Fig. 199).

Figura 199 – Casa de Cícero Lúcio e Rosa



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

2.2.12.7 Beco do Garguelo

O Beco do Garguelo facultava acesso do Rio São Francisco à rua homônima onde se chegava à casa de Zeli. Encontrava-se entre as residências de Gracinha de Flodomar e Zé de Chico. (Fig. 200). “Sendo moradora à Rua do Garguelo, passei muitas vezes por esse beco”. (RAIMUNDA SOARES *in* FONSECA, 2020).

Figura 200 – Beco do Garguelo



Fonte: Vera Lúcia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

2.2.12.8 Beco do Funrural

O Beco do Funrural localizava-se entre a sede do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL), onde antes houvera uma escola a que sucedera uma Difusora, e a casa comercial de Manoel dos Santos. (Fig. 201 e 202). Por destituir-se de qualquer iluminação, era um dos lugares mais fantasmagóricos para a criançada.

Figura 201 – Beco do Funrural



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 202 – De um lado, o FUNRURAL e do outro, Manoel dos Santos



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima (2025)

Era muito escuro. Em uma esquina, Manoel dos Santos. Na outra, Zeca Juvi. Em uma extremidade, o dito Zeca Juvi e, em outra, Zé Rosas. À noite, era uma carreira retada. Na carreira, se aparecesse alguém, derrubava-se. (GRACINHA ALMEIDA SOARES; FONSECA *IN* FONSECA, 2020).

2.2.12.9 Oitão de Florzinho

O Oitão de Florzinho situava-se próximo à casa de Manoel Moura. Ele ligava a Praça Dr. José Lima à Rua Dom Bosco. (Fig. 203).

Figura 203 – Casa de Florzinho, na esquina do beco



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

2.2.12.10 Beco de Dora

O Beco de Dora era mais uma das passagens estreitas que havia entre a Praça Dr. José Lima e a Rua Dom Bosco. (Fig. 204)

e 205). “Do lado desse beco, ficava o bar de meu irmão Manoel e, na frente, a loja de meu irmão Zé de Cícero.” (MARIA DO SOCORRO *in* FONSECA, 2021).

Figura 204 – Esquina do Beco de Dora, à Praça Dr. José Lima



Fonte: Josélia Soares *in* Idalina Fonseca (2013)

Figura 205 – A doceira Dora



Fonte: Nascimento (2023), adaptada pelo autor

2.2.12.11 *Beco de Afra*

O Beco de Afra possibilitava acesso da Rua Dom Bosco à Firmina Ramos. Era caminho para a casa de Alípio e Rosinha. Afra era avó de Regina Fonseca. (Fig. 206).

Figura 206 – Beco de Afra



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

2.2.12.12 *Beco de Artur*

O Beco de Artur era uma passagem estreita que havia entre a Praça Dr. José Lima e a Rua Dom Bosco. (Fig. 207 e 208). Por ele, chegava-se à casa de Alvino e Marluce, em uma esquina, e à bodega de João de Néu, na outra. Nele ficava a barbearia de Amando e o bar de Zé Bibi. (FONSECA; JOSÉLIA SOARES *in* FONSECA, 2020).

Figura 207 – Beco de Artur



Fonte: Vera Lucia Rezende de Almeida *in* Idalina Fonseca (2020)

Figura 208 – Beco de Artur



Fonte: Acervo de Dilma Soares Lima (2025)

2.2.13 – A Várzea

Entre o cais e o Alto do Sabará, havia um baixio inundável pelas cheias sazonais do Rio São Francisco. (Fig. 209 e 210). Adjunto a ele havia pequenos cercados onde se cultivavam plantas de ciclo curto e permanente. Havia também modestos currais onde se prendiam vacas paridas. À noite, suplementava-se a alimentação delas, com vagens de algaroba, palma forrageira e capim de vazante. Desleitavam-se no amanhecer do dia.

O fato mais marcante de minha vida estudantil era, sem dúvida, o desafio de passar pela Várzea para chegar ao Centro Educacional Luiz Viana Filho. Para alcançar ao destino, atravessava um estreito beco entre duas roças. Apelava à sorte para não me deparar com bois e vacas que nele, por vezes ficavam soltos, a perambular em típica pachorra de bovinos domesticados. Quando a sorte não me era solidária, contudo, ao deparar-me com esses animais à solta, jogava meus materiais escolares dentro de um dos cercados adjacentes. Mais que depressa transpunha uma das cercas e

lá ficava até eles passarem. A adrenalina agitava meu coração infante, a ponto de aparentar-me querer evadir-se pela boca. Depois do susto, muitas gargalhadas eu compartilhava com meus colegas e professores. O episódio, por vezes, virava tema de redação. (SILVA KESTERING, 2023, *apud* KESTERING, 2023, p. 184-185).

Figura 209 – A Várzea em tempo de vazante



Fonte: João Bosco Soares Santos *in* Idalina Fonseca (2021)

Figura 210 – A Várzea em tempo de rio cheio



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Por ser um lugar plano, na várzea implantou-se um campo de futebol de areia onde aconteciam regulares competições esportivas. Destacavam-se, contudo, as anuais disputas entre os simpatizantes das cores Verde e Amarelo, estampadas na bandeira republicana. (Fig. 211). À Professora Dulcina Cruz Lima devia-se essa tradição que anualmente se integrava à

programação das comemorações alusivas à independência do Brasil⁴⁸.

Figura 211 – Ducilene e eu, integrantes do Partido Verde



Fonte: Kesting (2023b, p. 49)

Um dos mais longevos clássicos do futebol do interior nordestino é disputado há quase 70 anos em Rodelas, na região norte da Bahia, a 550 km de Salvador. No dia 7 de setembro, e apenas naquele dia, os times do Verde e do Amarelo entram em campo para alimentar uma rivalidade iniciada em meados dos anos 1950. E a cidade se divide entre torcedores das duas cores. Ou torce pelo Verde ou pelo Amarelo. Não existe meio-termo – a não ser que se tenha chegado muito recentemente e ainda não tenha tido tempo para posicionar-se.

⁴⁸ “À Professora Dulcina deve-se a tradição de, no dia sete de setembro de todos os anos, postarem-se em campo de futebol dois times a representarem, em acirrado antagonismo competitivo, as cores verde e amarelo a que se auto segregam, em trincheiras separatistas, a totalidade dos habitantes de Rodelas. Passado, porém, o dia da rivalidade pela preferência de uma das cores, voltam a reinar na cidade a ordem e o progresso, representados na faixa branca a perpassar o globo azul da bandeira republicana.” (KESTERING, 2023a, p. 183).

Rodelas respira a fundo esta disputa. A partida de futebol entre os dois partidos – são partidos mesmo, atravessou e apaixonadamente envolveu gerações. Um ou outro é o primeiro time do coração dos rodelenses, homens e mulheres, mesmo aqueles e aquelas que não gostam de futebol, não sabem como se cobra um lateral ou nunca ouviram falar em pênalti. O gostar de um e o detestar o outro começa na mais tenra idade. Alguns mais apaixonados afirmam que o rodelense nasce torcendo por uma das cores. (ARFER, 2017).

2.2.14 Os Educandários

Até o início da década de 1930, em Rodelas alfabetizavam-se as crianças pela ação pedagógica de hábeis mestres-escolas pagos pelas respectivas famílias que se cotizavam. Destacaram-se nessa arte os mestres: Lucas Evangelista de Almeida, José Pedro de Almeida, Manoel Rufino, Alice Cantarelli, Cabo Otílio, Vasco Oscar de Moura e Dulcina Cruz Lima.

Lucas Evangelista de Almeida, como mestre escola, entre outros, teve como aluno o Dr. José Alventino Lima. Não alcancei sua escola. Devia ser muito escasso o seu saber. Para trás dele não há memória. Vamos anotar que José Pedro de Almeida – Cazuzinha, avô de Lucas, foi um homem de boas letras e talvez ensinasse os próprios filhos, que todos eles sabiam ler, sendo os do primeiro casal – Lúcio e Saturnino – razoavelmente letrados. Na fazenda tínhamos, por esse tempo, o mestre Manoel Rufino, descido do Patamuté ou Barro Vermelho, que agrupava os meninos das vizinhas fazendas Nonô, Rapador, Barro Branco e Salinas, alguns do Moreira. Com a mudança dos fazendeiros para Rodelas, ele acompanhou os seus alunos, que aí, possivelmente somaram-se com outros. Deve ter começado pelos fins de 1929, durando pouco, pois em 1930 viria a professora Alice Cantarelli, não formada, mas bem preparada. Houve um ano

bonito, de escola moderna, com ensino de arte e poesia. Alice vinha de Itacuruba, em Pernambuco, havia cursado a escola normal, deixando-a antes de diplomar-se. Só ensinou durante um ano. Foi, sem dúvida, a precursora. Em 1931 seria a vez da Polícia Baiana na educação do povoado, representada na pessoa do mestre-escola – Cabo Otílio, integrante do destacamento. Parece que em 1932 foi Vasco Moura. Não me lembro de ter sido aluno de nenhum desses dois. Em 1933 seria a professora Dulcina Cruz Lima, a grande educadora de Rodelas, de quem [já falei] longamente. (FONSECA, 1996, p. 176-177).

2.2.14.1 Escola Rural de Rodelas

Com a supervisão de Manoel dos Santos, no entardecer da década de 1940, quando Eurico Gaspar Dutra era presidente do Brasil e Otávio Mangabeira, governador da Bahia, no Alto do Sabará construiu-se a Escola Rural de Rodelas⁴⁹. Ela foi o ponto de partida para a restauração e consolidação daquele antigo bairro.

Foi uma escola construída com capricho. O mestre de obra foi Ernesto Ricardo, o melhor da região. Veio de Floresta especialmente para isto. Foi construindo com rigorosa e frequentes tomadas de prumo das paredes internas e externas. Com tijolos especiais, carpinteiros especiais. Era tudo no capricho e na perfeição. A sala de aula era imensa, ampla e bem iluminada com a luz natural e ventiadíssima. (...)

⁴⁹ “[Manoel dos Santos] coordenou a construção, em 1947, e também, como se fora Banco ou Secretário, adiantou pagamentos quando da edificação do primeiro prédio escolar do Rodelas, por ele pleiteado junto a seu amigo e correligionário Governador Otávio Mangabeira, a quem ajudou a ser vitorioso, o primeiro prédio-escola, o mesmo que até agora teve quatro nomes, sendo seu primeiro nome Escola Rural de Rodelas, no Alto do Sabará.” (SANTOS, 2013, p. 20).

Foi o marco de um fantástico momento civilizador. Donas de casa o visitavam, aprendiam e seguiam os novos caminhos e os novos modelos de conforto e se encantavam. Alunos se embeveciam com as inovações chegadas à vila de Rodelas e sonhavam frequentá-la. (SANTOS, 2013, p. 72).

2.2.14.2 Centro Integrado Governador Luiz Viana Filho

Não se deu à Escola Rural, contudo, a atenção e o valor que ela merecia. Em função do descaso de políticos sucessores de Mangabeira, estava ela a ruir-se quando, por solicitação de João Justiniano da Fonseca, o Governador Luiz Viana, entre 1967 e 1969, a reconstruiu e adaptou-a aos novos tempos e às demandas educativas locais. Passou a chamar-se, então, Centro Integrado Governador Luiz Viana Filho. Nele implantou-se o curso ginásial e a escola normal de nível médio. Naquele educandário eu fui professor, em 1975 e 1976, quando Eufrosina Soares de Almeida era Diretora. (Fig. 212 a 214).

Figura 212 – Desfile de estudantes do Centro Integrado no Alto do Sabará



Fonte: Acervo fotográfico do autor (1975)

Figura 213 – Centro Integrado Governador Luiz Viana Filho



Fonte: Idalina Fonseca (2014)

Figura 214 – Eufrosina Soares de Almeida



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

2.2.14.3 Escola Normal Nossa Senhora do Rosário

O primeiro estabelecimento para ensino do segundo grau fundou-se em 1964, quando Manoel Moura era prefeito da cidade. Originalmente, quando se destinava ao ensino primário e ginásial, chamava-se Escola Estadual Osvalda Soares⁵⁰. Depois, quando se ocupou também da formação de professores, passou a reconhecer-se como Escola Normal Nossa Senhora do Rosário. Naquele educandário eu também fui professor, em 1975 e 1976, quando Maria Mazzarello Soares dos Santos era Diretora. (Fig. 215 a 218).

Figura 215 – Maria Mazzarello e Manoel Moura, pioneiros e parceiros



Fonte: Idalina Fonseca (2019), adaptada pelo autor

⁵⁰ “[O Colégio Nossa Senhora do Rosário] foi o primeiro ginásio fundado na região. Não havia ginásio em Itacuruba, Pernambuco, nem em Abaré, Macururé e Chorrochó, na Bahia. Sua primeira diretora foi Maria Mazzarello Soares dos Santos, recém-formada, que deixou de lado todos outros grandes sonhos para se dedicar a este seu sonho maior, que veio de sangue-amor de seu pai e vive em seu corpo-alma-coração.” (SANTOS, 2013, p. 79).

Figura 216 – Maria Mazzarello Soares dos Santos



Fonte: Meus Sertões (2018)

Figura 217 – Escola Normal Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2019)

A esse tempo Rodelas ainda vivia a era da escolinha funcionando em apertadas salas de aluguel. [Manoel Moura] construiu, em quatro salas de aula, um primeiro prédio escolar especificado para duas salas. Os recursos de

construção foram esticados para render o dobro. Havia urgência em realizar o sonho, jamais concretizado, de uma grande cidade. Aí instalou, em turnos diferentes, a Escola Estadual Osvalda Soares e o ginásio, depois **Escola Normal Nossa Senhora do Rosário** (grifo nosso), administrada pelo Instituto Rodelense de Educação Gratuita (IREG). (FONSECA, 1996, p. 228).

Figura 218 – Momento de descontração na Escola Maria do Rosário



Fonte: Idalina Fonseca (3013)

2.2.14.4 Escola Estadual Dulcina Cruz Lima

Quando Manoel Moura era prefeito, implantou-se também a Escola Estadual Dulcina Cruz Lima com duas salas de aula. (Fig. 219). Naquele educandário eu não fui professor, mas soube que em 1975, quando cheguei a Rodelas, era diretora a memorável Joana Lima Rezende. (Fig. 220).

Figura 219 – Escola Dulcina Cruz Lima



Fonte: Janda Marques *in* Idalina Fonseca (2015)

Figura 220 – Joana Lima Rezende



Fonte: Idalina Fonseca (2017), adaptada pelo autor

Em outubro daquele ano, investiu-se no cargo a professora Maria Socorro Soares de Almeida que continuou diretora até 1989. (Fig. 221).

Figura 221 – Maria do Socorro Soares de Almeida



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Soares de Almeida (2025)

2.2.15 Os Postos de Saúde

Na velha cidade havia dois postos de saúde. Um deles, implantado em 1944, destinava-se ao atendimento preferencial dos indígenas⁵¹ e o outro, construído quando Manoel Moura era prefeito, aos demais habitantes do município. (Fig. 222 e 223).

“Este novel [Posto Indígena Tuxá] P.I.T, fundado no ano passado, está situado à margem direita do Rio São Francisco, junto à vila do mesmo nome, no Estado da Bahia, com uma população de 212 indígenas”, registra o relatório anual de 1945, da 4ª Inspeção, da FUNAI no Recife. A fundação do posto vinha ao encontro de um antigo anseio dos caboclos de Rodelas, que buscavam, incessantemente, a proteção do Governo, para resguardar-lhes os direitos naturais, as tradições da raça, a cultura indígena que, embora bastante estilizada, em parte deturpada, faziam por manter. (FONSECA, 1996, p. 185).

Figura 222 – Posto dos índios Tuxá



Fonte: Cruz (2016 *apud* Kesting, 2023b, p. 27)

⁵¹ “Em meados da década de 40 do século passado, os Tuxá começaram a organizar, nesse local, “bailes indígenas”. Assim como no toré, nos poucos bailes que eram realizados no Posto Indígena especificamente para os *índios*, não era permitida a entrada de *morenos* e nem de *brancos*, segundo a memória social dos Tuxá.” (SALOMÃO, 2020, p. 102).

Figura 223 – Manoel Moura a orientar a construção do posto



Fonte: João Eudes Almeida Rodrigues *in* Idalina Fonseca (2020)

2.2.16 O Cemitério Municipal

Quando morei em Rodelas, o Cemitério Municipal localizava-se já no início da Avenida Manoel Moura. (Fig. 224). Antes daquela necrópole, diziam as pessoas mais velhas, houve duas outras. Uma delas, a primeira, situava-se no adro da antiga capela de São João Batista. Depois daquele campo sagrado dos mortos, dizia-se que Antônio Conselheiro teria implantado o Campo Santo dos caboclos, junto à aldeia⁵².

⁵² No final do Século [XIX], Antônio Conselheiro baixava em Rodelas. Tinha barba como os capuchinhos, como estes usava um longo batão, só diferente na cor, o que não os dessemelhava. Rezava como os padres, fazia penitência e pregava a penitência. Construiu um cemitério na aldeia, e já não era sem tempo, porque no único até então existente, ao lado da igreja, enterravam-se ossos sobre ossos – brancos índios e pretos, mamelucos e cafuzos, e já o rio havia uma vez invadido o campo santo, levando muitos restos humanos. O Conselheiro acertou em cheio com a necessidade local. O cemitério por ele construído passou a servir ao sepultamento dos mortos de toda a população, indistintamente, e só em 1956 Rodelas teria um outro cemitério, construído ainda na administração de Glória, pelo prefeito Amâncio Pereira, ampliado em 1964 pelo prefeito Manoel Moura.” (FONSECA, 1996, p. 160-161).

Figura 224 – Cemitério Municipal



Fonte: Idalina Fonseca (2017)

Ao fim da aldeia o cemitério que veio a substituir o da igreja, construído seguramente pelo Antônio Conselheiro, em uma de suas primeiras paradas na descida de Pernambuco, antes de fixar-se em Canudos, via Chorrochó. Esse Campo Santo, apesar de edificado em área da aldeia, servia a toda a população de Rodelas. Realmente nunca houve distinção na morte, sempre igual para todos. O cemitério anterior, obra dos missionários, também servia a toda a população. Quando se construiu um terceiro cemitério, assim continuou sendo, como o é, hoje, com o Campo Santo da Nova Rodelas. Em frente ao cemitério, um cruzeiro erguido sobre um mirante bastante elevado e espaçoso, ladeado de balaustrada, onde as pessoas costumavam ir a passeio nas tardes de fim de semana ou onde paravam no ensejo da visita a seus mortos. (FONSECA, 1996, p. 178-179).

2.2.17 Os Clubes

Na velha Rodelas nem tudo eram flores. Lá havia a chaga do preconceito que, qual ferida brava, persistia incurável em algumas famílias de origem portuguesa. Para que nas festas não se misturassem as duas castas antagônicas, construíram-se dois clubes sociais: um no centro da cidade, para os brancos, frequentado apenas por membros da elite local, e outro, na

periferia, para os morenos, desfrutado por famílias de raiz indígena e/ou negra⁵³. (Fig. 225 e 226).

Figura 225 – Clube dos brancos



Fonte: Idalina Fonseca (2021)

Figura 226 – Clube dos morenos



Fonte: Idalina Fonseca (2013)

⁵³ “[Os brancos] diziam que os *índios* ou *caboclos* cheiravam mal como o cari, peixe que habitava nas corredeiras do rio São Francisco, e que era particularmente apreciado pelos Tuxá. Já os *morenos* eram pejorativamente chamados de “raposos” ou “cabra”, e tratados sempre com desconfiança, muitas vezes sendo desqualificados ou atribuídos com qualidades negativas relacionadas a cor de sua pele. Embora os *morenos* tivessem uma maior aproximação com os *índios*, brigas aconteciam na antiga Rodelas entre indivíduos desses dois grupos. Já para os Tuxá e os *morenos*, os *brancos* eram associados a ganância, egoísmo, mentira e ambição.” (SALOMÃO, 2020, p. 104).

Ainda segundo os *índios* e *morenos*, existiam formas de segregação racial” em Rodelas, que não se apresentavam somente na distribuição espacial da população no povoado. Nas festas e bailes organizados pelos *brancos* em suas residências, que eram as melhores casas da cidade, não era permitida a entrada de *morenos* ou *índios*. Os *brancos* proprietários de terras, casavam-se entre si, muitas vezes entre primos de primeiro grau, para não se misturarem com os *índios* e *morenos*, e manterem as posses de suas terras na família. Já os *morenos*, donos do único clube social e recreativo do povoado, não permitiam a entrada dos *brancos* nas festas que promoviam, mas aceitavam a presença dos *índios*, uma vez que já existiam vínculos familiares entre alguns *índios* e *morenos*. (SALOMÃO, 2020, p. 101).

2.3 A Caatinga

Quando em Rodelas eu missionava, não havia mais os ricos curraleiros de quem a historiografia oficial fartamente se referira. Em lugar deles, eu encontrei pequenos pecuaristas que persistiam na criação de algumas vacas, dois ou três cavalos e muito bode. Eles não saíam das fazendas a não ser para fazer a feira semanal e participar das novenas a São João Batista, nas tradicionais festas juninas.

Quando iniciei a fazer o levantamento socioeconômico, com vistas a conseguir-se indenizar com justeza as propriedades e posses, comecei por fazê-lo no povoado de Itacoatiara, onde pequenos agricultores se dedicavam à agricultura irrigada. Lá eu tive o privilégio de conhecer as gravuras rupestres que despertaram em mim a curiosidade e o desejo de aprofundar o estudo sobre a pré-história do Submédio São Francisco. Entre as fazendas e os outros povoados que visitei, destacam-se: Zorobabé, Oiteiro, Jacó, Barro Branco, Salina, Barbosa, Salgado Caldeirão, Ezequiel, Caxauí, Quixaba, Jatobá, Penedo, Tapera,

Moreira, Olho d'Água, Várzea Grande. Encantei-me pelas riquezas naturais e pelo jeito Rodelas de ser. (Fig. 227).

Figura 227 – Sede da Fazenda Barro Branco



Fonte: Idalina Fonseca (2015)

2.3.1 Geologia

A litoestratigrafia de Rodelas constitui-se de: Formações Superficiais (1), rochas da Bacia Sedimentar de Tucano (2), Formação Tacaratu (3), Granitoides (4), Suíte Chorochó (5), Complexo Cabrobó (6) e Complexo Belém do São Francisco (7). (Fig. 228).

As rochas do Complexo Belém do São Francisco, Complexo Cabrobó, Suíte Chorochó e Granitoides formaram-se no Mesoproterozoico, entre 1,6 e um bilhão de anos⁵⁴.

⁵⁴ “No final do Mesoproterozoico nós temos o começo da separação do supercontinente pelo desprendimento da plataforma sul americana. Além de todos esses eventos geológicos, foi nesse período que se tem indício de um possível primeiro organismo capaz de realizar reprodução sexuada com a identificação de microfíamentos multicelulares de *Bangiomorpha pubescens* (uma alga vermelha) que nada mais é que o suposto primeiro eucarionte (células com núcleo). Ou seja, essa microalga pode ter sido o primeiro organismo eucarionte, multicelular e com reprodução sexuada.” (SCIENTIA ET FUTURAE, 2018).

Figura 228 – Esboço Geológico



Fonte: CPRM (2005, p. 6), adaptado pelo autor

As [rochas] do Complexo Belém do São Francisco constituem-se de ortognaisses tonalíticos ou granodioríticos, em geral migmatizados, migmatitos com mesossoma quartzodiorítico e tonalítico e restos de supracrustais. As do Complexo Cabrobó compõem-se por uma sequência metavulcanossedimentar de xistos, gnaisses, às vezes migmatíticos, com níveis de metaultramafitos, calcissilicáticas e mármore. A Suíte Chorochó possui augenortognaisses quartzomonzodioríticos a graníticos, localmente milonitizados. Os Granitoides compõem-se de ortognaisse diversos. (CPRM, 2005, p. 5).

As rochas da Formação Tacaratu formam a extremidade sul da unidade basal da Bacia de Mirandiba cujo epicentro é a região central do estado de Pernambuco. Elas se originaram no Paleozoico, entre 542 e 251 milhões de anos, quando os continentes ainda estavam agrupados na Pangeia⁵⁵. Constituem-se de grãos de arenito, finos, médios e grossos, subangulosos, arredondados e subarredondados. “Mostram uma coloração creme esbranquiçada, estratificação cruzada e, em muitos locais, principalmente próximo às falhas, apresentam-se silicificados e muito fraturados. (DANTAS; LIMA FILHO, 2007).

Grãos de quartzo, feldspatos e fragmentos líticos intensamente fraturados, dissolvidos e, às vezes, com aspecto milonitizados, além de bandas de deformação, são encontrados nas amostras localizadas próximo à zona de cisalhamento. (BATISTA; AZEVEDO; FRANCO NETO; SILVA; MOREIRA JÚNIOR; LIMA FILHO, 2022).

As rochas da Bacia Sedimentar de Tucano constituem-se de conglomerados; arenitos simples, finos e/ou calcíferos;

⁵⁵ “O Paleozoico inicia com o período marcado pela explosão da vida nos mares, segue com a diversificação da vida durante todos os períodos desta era, e encerra com a maior das extinções que ocorreram na história da Terra, resultante de um período de aquecimento global, o que levou a extinção de 95% da vida, sendo 96% das espécies marinhas e de 70% das espécies continentais, exterminando com o grupo das trilobitas, entre outros grandes grupos.” (GANDINI, 2025).

folhelhos simples e/ou carbonosos; siltitos simples e/ou laminados; calcários; calcilutitos simples, carbonosos e/ou calcíticos laminados e margas. (CPRM, 2005, p. 5). Elas ocorrem em cerca de 90% do território de Rodelas. Formaram-se no Mesozoico, entre 250 milhões e 65 milhões de anos.

O Mesozoico é especialmente conhecido pelo aparecimento, domínio e extinção dos dinossauros, é a “Era dos Dinossauros”. Quando esta Era começou, existia um único continente, o da Pangeia. O clima no interior do Pangeia era inicialmente árido, quente e seco, originando os grandes desertos arenosos, o que gerou depósitos de rochas de arenito, caracterizadas pela coloração avermelhada. (GANDINI, 2025).

Nessa bacia sedimentar, é comum encontrarem-se fósseis de animais e plantas, “incluindo formas aquáticas que remeteriam a ambiente marinho”. (SANTOS, 2018). Constatase a existência de ossos fossilizados nas proximidades de Zorobabé, sete quilômetros a sudeste da atual cidade de Rodelas. Ali as rochas da Bacia Sedimentar de Tucano se filiam à Formação Aliança do Grupo Brotas. Constituem-se de “arenitos finos a conglomeráticos e folhelhos, com intercalações de calcilutitos, arenitos e conglomerados. (CPRM, 2005, p. 5; Fig. 229).

Figura 229 – Localização do Grupo Brotas, Formação Aliança



Fonte: CPRM (2005, p. 5), adaptada pelo autor

Os fosséis localizam-se ao norte da Rodovia BA-210, a oeste da estrada vicinal de acesso às dunas de Zorobabé, às coordenadas UTM24L 530864, UTMN 9017716, 344 metros de altitude. (Fig. 230 a 236).

Figura 230 – Localização dos fosséis



Fonte: Google Earth (2025), adaptada pelo autor

Figura 231 – Paisagem local



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 232 – Paisagem local



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 233 – Paisagem local



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 234 – Fósseis



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 235 – Fósseis



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 236 – Fósseis



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Vários dos fósseis que lá se encontram sugerem vincular-se, de fato, à fauna e flora do Mesozoico. Outros, porém apresentam características que sinalizam pertencer a animais da megafauna do Pleistoceno. É muito provável que alguns deles sejam de preguiça gigante (*Eremotherium laurillardi*), contemporânea de grupos humanos pré-históricos, ancestrais do povo Rodelas, ocupantes originais daquele espaço⁵⁶. (Fig. 237 a 239).

Apresentando ampla distribuição paleobiogeográfica por quase todo território brasileiro, e América do Sul intertropical, o *Eremotherium laurillardi* pesava cerca de cinco toneladas e media aproximadamente 6 m em comprimento, alcançando quase 2 m de altura na posição quadrúpede. (CARTELLE, 2000 *apud* PAULO; BERTINI, 2013, p. 64).

Figura 237 – Ossos de *Eremotherium laurillardi* em Rodelas



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

⁵⁶ “A espécie mais comum de preguiça-gigante do Brasil é a *Eremotherium laurillardi*. Diferente dos bichos-preguiça que existem hoje, as pré-históricas eram terrestres. Com até 5 toneladas, elas andavam apoiadas nas 4 patas e ficavam “em pé” apenas para alcançar alimentos na copa das árvores.” (CRUZ, 2023).

Figura 238 – Osso de *Eremotherium laurillardi* em Rodelas



Fonte: Acervo fotográfico de Jeorge Rodrigues (2024)

Figura 239 – *Eremotherium laurillardi*



Fonte: Rodolfo Nogueira (2023 *apud* Cruz, 2023)

As Formações superficiais são depósitos coluviais ou eluviais que se formaram no Cenozoico⁵⁷. Constituem-se de conglomerado, areia, silte e argila inconsolidados. Eles jazem sobre as demais unidades geológicas. Concentram-se, porém, na extremidade nordeste do município, junto ao Lago de Itaparica.

Por jazerm na camada de sedimentos cenozoicos, é muito provável que alguns ossos das proximidades das dunas de Zorobabé realmente se vinculem à megafauna do Pleistoceno⁵⁸. Propõe-se, por isso, a realização de escavação arqueológica, com o intuito de encontrarem-se elementos que comprovem a associação desses animais com a vida e os costumes dos ancestrais pré-históricos do povo Rodelas.

O Nordeste Brasileiro possui um rico registro fóssil pleistocênico, juntamente com fontes de dados paleoambientais e arqueológicos, sendo desse modo uma região propícia ao estudo dos fatores que conduziram à extinção da fauna pleistocênica, como as mudanças climáticas ou a **presença humana por exemplo** (grifo nosso). Sítios paleontológicos inseridos no relevo cárstico, em depósitos de tanques e lagoas foram favoráveis à formação e preservação de fósseis de grandes e mega mamíferos pleistocênicos. (BÉLO, 2017, p. 7).

⁵⁷ “A Era Cenozoica começou há 65 milhões de anos e dura até o presente. Significa “vida nova” e também é conhecida como a Idade dos Mamíferos. É nessa era que surge o homem atual.” (TODA MATÉRIA, 2025).

⁵⁸ “No final do período conhecido como Pleistoceno, há pouco mais de 10 mil anos atrás, mais de uma centena de espécies de grandes mamíferos (megafauna), incluindo mamutes, preguiças-gigantes e tigres dentes-de-sabre, foram extintos ao redor do mundo. A principal exceção é o continente africano, onde grandes mamíferos ainda são relativamente comuns. Essas extinções coincidem com flutuações climáticas intensas e com a expansão das populações humanas e por esse motivo a maioria dos estudos sobre as extinções da megafauna do Pleistoceno teve como foco o efeito de mudanças climáticas e do homem.” (PIRES; KOCH; FARINA; AGUIAR; REIS; GUIMARÃES, 2015).

2.3.2 Vegetação

Pelos séculos de exploração curraleira, a vegetação sertaneja já não é mais a mesma dos primeiros tempos. Quando eu morei em Rodelas, já se haviam esgotado as fartas pastagens naturais que os pioneiros haviam conhecido. Ao gado e à miunça (caprinos e ovinos) ainda se oferecia: xiquexique, mandacaru, macambira, palma e capim de vazante que havia, em abundância, nas ilhas do São Francisco. (Fig. 240 a 252).

Figura 240 – A caatinga atual de Rodelas



Fonte: Wikiloc (2025)

Nas grandes secas, apelava-se para os cactos e as bromélias. No início, diz a memória local, queimava-se o xiquexique no campo e o gado se alimentava sem maiores dificuldades. Chegou a era de esgotar-se o xiquexique e passou-se para o mandacaru, que dependia de ser cortado e encoivarado, transportado para o curral, onde o gado mais fraco, que dependia da ração, era confinado. Em pouco mais foi a macambira, arrancada, encoivarada e transportada. Até esta, nos tempos atuais, já não existe para grandes manadas, diz-se, dá para salvar uma vaca caída, coisa assim. E a pecuária passou a ser de dezenas, apesar de se usarem a cultura da palma e da algaroba, algum capim na vazante de pequenos açudes. (FONSECA, 1996, p. 199).

Figura 241 – Xiquexique (*Pilocereus gounellei*)



Fonte: Santos; Edson-Chaves (2021)

Figura 242 – Queima de xiquexique para alimentar o gado na seca



Fonte: Cavalcanti (2013)

Figura 243- Mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*)



Fonte: Mascarenhas (2012)

Figura 244 – Queima de mandacaru para alimentar o gado na seca



Fonte: Tribuna da Bahia (2013)

Figura 245 – Macambira (*Bromelia laciniosa*)



Fonte: Uchôa (2025)

Figura 246 – Queima de xiquexique e macambira para o gado na seca



Fonte: Dinha Universo (2025)

Figura 247 – Palma forrageira (*Opuntia cochenillifera*)



Fonte: Leme (2022)

Figura 248 – Gado alimentado com palma



Fonte: Coelho (2021)

Figura 249 – Gado alimentado com palma



Fonte: EPAMIG (2018)

Figura 250 – Capim de vazante



Fonte: Giro do Boi (2022)

Figura 251 – Capim de vazante



Fonte: Gazeta Rural (2025)

Figura 252 – Capim de vazante



Fonte: Programa Cisternas (2017, p. 10)

3 HÁ MEIO SÉCULO

Em 1974 decidiu-se construir a barragem no lugar da antiga Cachoeira de Itaparica. Em 1975, quando cheguei a Rodelas, já se sabia que o lago a se formar inundaria partes substanciais dos territórios de sete municípios: Floresta, Petrolândia, Itacuruba e Belém do São Francisco, no estado de Pernambuco, Glória, Chorrochó e Rodelas, na Bahia. (Fig. 253). Falava-se que, ao todo, seriam cobertos 834 km², a exigir o deslocamento de 64 mil pessoas das quais 4.486 habitavam o município dos indígenas herdeiros do patrimônio cultural e ambiental de Francisco Pereira.

Em 1976, vivia-se já a angústia coletiva de não se saber para onde seria relocada a população. Naquele contexto de incertezas, iniciei o levantamento socioeconômico que se utilizou como referência para se reivindicar indenização justa e repararem-se os danos da relocação. A interpretar o sentimento da comunidade que muito bem estava a tratar-me, escrevi algumas linhas em versos minimalistas. A eles, à exaustão, recitavam-se nos educandários e, em paródia com a música Uirapuru, de Waldemar Henrique⁵⁹, com sofreguidão, cantavam-se, na igreja de São João Batista, nos clubes, bares e restaurantes. (Fig. 254).

Sou Nordesteiro. Sou Destemido.
Sou sertanejo, rodelense lutador (Bis).

Vivo lutando, pela vida a trabalhar,
Pra melhorar a minha sorte e a de meu filho.

⁵⁹ “Pianista, maestro e compositor de algumas das mais belas canções do repertório lírico brasileiro, como Uirapuru e Foi boto, sinhá, Waldemar Henrique (1905-1995) é considerado o mais talentoso compositor lírico da região Norte do país. Compôs cerca de 200 canções inspiradas no folclore amazônico, em lendas indígenas e nos ritmos nordestinos e afro-brasileiros.” (MÚSICA BRASILIS, 2025).

Encanto Rodelas

Eu quero apenas conquistar lugar ao sol
Pois para mim ele não mostrou seu brilho.

Andam falando de uma barragem que vem
Nos expulsar de nossa terra muito amada
Aonde iremos, fazem todos a pergunta
Mas a resposta ainda não foi encontrada.

Nossos lameiros que deixar teremos todos.
Angustiados nisso pensando vivemos.
Nossos cabritos, como serão transportados?
O que será de nosso gado não sabemos.

As ricas ilhas que as batatas forneciam
Serão cobertas pelas águas assassinas
Queremos ir pra onde ainda não se tenha
Bulido com as virgens águas cristalinas.

A Quixabeira em minha roça vai ficar.
Em sua memória eu devo repicar o sino.
Ela foi sempre minha melhor companheira.
Morrer nas águas é o seu triste destino.

Em nossas ruas onde a procissão passava,
Na festa de São João e Santa Sexta-feira,
Os surubins ali farão as suas camas,
Mesmo que o povo de Rodelas não o queira.

A Ingazeira onde os passeios eram feitos,
Onde brincávamos até um dia inteiro,
Ninguém por perto era verá em sua morte,
Ninguém que a assista em seu suspiro derradeiro.

No dia sete de setembro eu vou lembrar
Dos tempos bons, quando se fazia torcida,
Quando no campo o verde e o amarelo entravam
Para de todas fazer a melhor partida.

Encanto Rodelas

Mas o Serrote que de minha casa eu vejo,
Em prontidão ergueu-se logo, majestoso,
Para lutar contra essas águas perigosas.
Eu torço para que ele seja vitorioso.

Das casas de nossa cidade é a mais alta
A velha igreja que por nós foi construída.
Ela é simples, todos nós bem o sabemos,
Mas não queremos vê-la na água estar sumida.

Eu tenho pena de deixar a minha terra
Pois sei que nela hoje eu vivo sossegado.
Quando, mais tarde, eu contar para meus filhos,
Talvez eu chore com saudades do passado.

Meu pai é forte, era o que eu sempre pensava.
Eu não queria ver a minha mãe chorando.
Porém agora eu vejo a ele sempre aflito
E minha mãe eu vejo aos prantos soluçando.

Na hora certa de embarcar para a partida,
Adeus Rodelas eu direi muito tristonho.
Talvez com lágrimas nos olhos eu irei
De quando em vez recordar-te em meus sonhos.

Mesmo sabendo que para viver nasci,
Vivo morrendo um pouquinho todo dia.
Meu lenitivo é que na cruz também morreu
O oprimido Cristo Filho de Maria.

Mas, eu espero um dia na vida vencer.
Da morte o Cristo foi também o vencedor.
Eu só não quero que esse dia tarde muito.
Quero meu filho vitorioso lutador.

Encanto Rodelas

Figura 253 – Em 1975, quando cheguei a Rodelas



Fonte: Acervo pessoal do autor (2025)

Figura 254 – Em 1976, pelas ruas da cidade a cantar os versos



Fonte: Idalina Fonseca (1976)

4 AGORA RODELAS, EM ESPÍRITO E VERDADE

No dia 28 de dezembro de 2024, às antevésperas do cinquentenário de minha chegada a Rodelas, em sessão que realizaram na Câmara Municipal, os vereadores da nova cidade me outorgaram o título de cidadania. À Selma Gomes Tuxá, autora do projeto, e aos amigos que apoiaram e/ou se fizeram presentes ao evento, sou infinitamente grato.

A Câmara Municipal de Rodelas – Bahia, concede o título de Cidadão Honorífico Rodelense ao Senhor Celito Kesting, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao município. Selma Conceição Gomes Santos (Vereadora); Sílvio Romero Almeida de Carvalho (Presidente). (CÂMARA MUNICIPAL DE RODELAS, 28 de dezembro de 2024).

De coração, Ducilene e eu agradecemos especialmente à Vereadora Selma Gomes Tuxá e ao Presidente Sílvio Romero. Somos gratos também aos demais edis e a todos que se fizeram presentes ao evento.

O professor Celito Kesting agradeceu emocionado pelo Título de Cidadania Rodelense concedido pela Câmara de Vereadores. Em seu discurso, destacou que o reconhecimento simboliza sua identidade com Rodelas e sua profunda ligação com o povo Tuxá. Relembrou sua chegada à cidade em 1975, que marcou seu “nascimento para o Encanto Tuxá”, homenageando figuras marcantes da comunidade e exaltando a espiritualidade nativa. “Agora sou Rodelas, por direito, e Tuxá, de fato”, concluiu, agradecendo ao Encanto Maior, Tupã. (JOSÉLIA MARIA, 2024).

No dia 06 de março de 2025 estará a completar 50 anos minha chegada a Rodelas onde eu deveria permanecer por dois anos apenas. Ser Rodelas fez a mim toda diferença. Dois anos ampliaram-se para meio século e ampliar-se-iam para mil anos se Deus me concedesse o direito ao usufruto infinito da vida física terreal. Isso aconteceu porque, na cidade dos curraleiros

e do povo Tuxá algo extraordinariamente belo aconteceu em minha vida.

Naquela época, havia-se imposto aos nordestinos que quisessem melhor qualidade de vida, a eles e suas respectivas famílias, a necessidade de mudarem-se para o Sul e Sudeste. Muitas pessoas eu vi, nos dois anos que vivi entre os Tuxá, despedirem-se para migrar, compulsoriamente, à capital e outras cidades de São Paulo.

Eu fiz o caminho inverso. Minha família achava que era pura loucura minha aquela decisão de trocar o Sul pelo Nordeste, como se lá fosse, de fato, o paraíso terrestre e aqui, o diametral oposto dele. Hoje eu sei que foi o que de melhor eu poderia ter feito vida. Aqui eu descobri o quanto é confortável ser Rodelas, o quanto é bom ser Tuxá. A partir desse episódio, senti-me provocado a pesquisar as razões que promoveram meu despertar para o Encanto sertanejo, essencialmente nativo.

Sou eu o esquivo mandatário catarinense que, por ignorar recomendações eivadas de preconceito e menoscabar fazer-se boi de piranha, no Sertão de Francisco Pereira Rodelas, encontrou fartas razões históricas, antropológicas, genéticas, religiosas, sociológicas, políticas e culturais, para nele aprender a ser feliz, casar-se e constituir família. Para que, na esteira do tempo não se perca essa benfazeja história pessoal, registro e faço público meu encanto pelos negros, pardos e brancos que, ao longo dos séculos, o sistema colonialista empobreceu no Nordeste, marginalizam-se ainda hoje e discriminam-se no Sul e Sudeste do Brasil. Enfatiza-se o desvendar do contexto histórico, antropológico e arqueológico da Doce Lua, de nascença Massacará e herança cultural Tuxá, a iluminar as noites até então tenebrosas de minha existência. (KESTERING, 2023a, p. 146).

Diferentemente dos outros missionários que, para não se contaminarem com o jeito nordestino de ser, se deslocaram

em equipes muito bem estruturadas, eu me desloquei solitário, de mãos vazias e coração despossuído de estereótipos. Quando aqui cheguei, em frente à igreja de São João Batista fez-se a mim calorosa recepção. Com meus botões eu confabulei não merecer tamanha demonstração de afeto. De imediato, senti-me em casa.

Eu tinha uns quatorze anos. Hoje beiro os 63. Fazem décadas. A comunidade foi convidada a comparecer à igreja matriz, para participar de um grandioso evento. Nós fomos. Isso se deu à noite. Foi exatamente na frente da primeira igreja de rodelas, aos pés do padroeiro.

Quase todos os presentes ao evento sentaram-se ao chão. A festa acontecia, mas todos aguardavam, ansiosamente, o momento da surpresa. De repente, alguns jovens apareceram com uma caixa sobre dois barrotes. Puseram-na ao chão. Nós pensamos: é um grande e valioso presente. De fato, era.

Um dos coordenadores do evento nos perguntou o que conteria aquela caixa. Arriscamos muitas respostas. Nenhuma correspondeu. Não conseguimos acertar. De repente, alguém surgiu com uma tesoura. Cortou as largas fitas vermelhas com as quais se amarrava a caixa. Assim, ela se abriu. De dentro emergiu um jovem de cabelos compridos. Foi um susto para todos. Nunca antes tínhamos visto alguém chegar encaixotado. Houve uma salva de palmas e muitos risos. Àquele jovem em pé, firme, ainda dentro da embalagem uma jovem apresentou um ramalhete de lindas flores que a natureza havia caprichado fazê-las. Entregou-o ao jovem. Ao tocar o dito ramalhete, um espinho perfurou sua mão. As gotas de sangue que emergiram dela inspiraram-lhe na apresentação que fez, dirigindo a ela suas primeiras palavras. Ficamos com as imagens desse acontecimento. Em minha memória, guardo-as até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2025).

Em Rodelas hospedei-me na casa de Manoel Miguel que, durante as semanas, cultivava roça em Zorobabé. No final de cada hebdomadário, deslocava-se àquela cidade onde desfrutava o conforto da convivência com seus filhos. Fiz-me

dele o mais novo filho, herdeiro de seu afago. No primeiro momento que teve disponível, Gildete Soares de Moura, filha daquele amável agricultor, levou-me à Aldeia onde apresentou-me aos indígenas Tuxá. Foi assim que conheci a octogenária Cordolina. A velha cabocla me recebeu em sua modesta casa, na extremidade oeste da Rua dos Caboclos.

A índia anciã recebeu-me como se eu fosse seu filho, irmão de Maria e cunhado de Geraldo. Na ocasião, ela promoveu a realização de um Toré, durante o qual conclamou seus encantados a abrirem-me caminhos no território sagrado de seu povo onde eu ensaiava ser feliz.

Nunca esqueci sua feição segura, voz firme, personalidade forte e argumentação convincente, quando se referia a Zorobabé e Ilha da Viúva como terra dos encantos e reino dos encantados. Adotou-me como filho espiritual e, a pedido de Dona Noquinha, minha sogra, [anos mais tarde] abençoou meu casamento com Ducilene. Seu corpo dorme hoje no seio das areias quartzosas da nova cidade de Rodelas. Nos circuitos neurais de meu cérebro sobrevivem, porém, seus encantos e a memória de seus ancestrais. Amo a etnia Tuxá, ramo perene da grande Nação Procá. (KESTERING, 2023b, p. 29).

Naquele magnífico encontro, converti-me radicalmente. Substituí os princípios ortodoxos da carcomida religiosidade da Cristandade de Constantino, pela adoção da genuína espiritualidade indígena, cristalina como era na vivência das primeiras comunidades cristãs. Disse-me a anciã: Sei que você está a chegar como nosso mais novo missionário. Sinto-me no dever, contudo, de dizer-lhe que nós indígenas já sabemos o que é a vida e o que dela queremos. Adianto-me a lembrar que não pensamos do jeito de vocês, os brancos. O Deus a quem vocês adoram, mora nas alturas. Nosso Deus, Tupã, mora em nosso coração. É o encanto maior de nossa vida. É ele quem dá sentido ao existir e imprime sabor a tudo que fazemos. Nós vamos à igreja onde participamos dos rituais de vocês, para ficar de bem com a sociedade religiosa curreleira. Sabemos,

porém, que a religião de vocês se presta, tão somente, para encabrestar, escravizar pessoas. Nossa espiritualidade liberta.

As sinceras palavras da cabocla anciã provocaram-me a promover a celebração de missas e outros rituais litúrgicos, dentro da Aldeia, na Rua dos Caboclos, em frente à casa do Velho Vieira. Era ela, a sábia cabocla, quem coordenava a cantoria. Intercalava músicas sacras com hinos do autêntico Toré, herdado de seus ancestrais que, no Século XVII, em Zorobabé, com o franciscano Frei Francisco de Domfront haviam-se catequizado. Com voz forte, quase estridente, como caixa de ressonância de toda aldeia, entre outros cantos ela entoava: “Veio o índio do Amazonas. Ele veio pra trabalhar. Nós trabalhamos com fé em **Deus que é nosso Bom Pai, o Ar.**”

Alcides Modesto e eu, que coordenávamos as liturgias, convencemo-nos, então, que nada tínhamos a ensinar àqueles resilientes caboclos. Entendemos que o Deus deles, também nosso a partir daquele episódio, era e continua a ser, de fato, a cristalina fonte de toda vida. **É Ele, destarte, o Ar que respiramos.** Curvamo-nos, por isso, ao saber de Cordolina e à espiritualidade do povo Tuxá. Restava-nos, tão somente, solidarizarmo-nos com eles na busca por solucionarem-se seus corriqueiros, históricos e endêmicos problemas. Em plenitude entendemos que a máxima a pilotar o dia a dia dos Tuxá era a mesma que orientava a vida dos primeiros cristãos: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (JOÃO, 10, 10) e, “onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, estarei eu, no meio deles”. (MATEUS, 18, 20).

O encanto e a espiritualidade daqueles indígenas foram o motivo maior que fez plantar-me no Nordeste. Eles me fizeram compreender o motivo porque, quando em Canudos pretendeu implantar a Terra sem Males, Antônio Conselheiro se aconselhava com o povo Rodelas. Cordolina segredou-me que os Tuxá eram o braço direito daquele Pajé Açú. Seguiram-no até que, do peito daquele profeta se exauriu o AR, o sopro

vital. Quando o viram morto, por nada mais poderem fazer, frente ao sanguinário exército republicano etnocida, quais discípulos de Emaús (LUCAS, 24, 13-35), retornaram a sua aldeia de origem. Em dois dias de caminhada, transpuseram os 100 quilômetros dos territórios de Chorrochó e Macururé, para enfim chegarem à Ilha da Viúva onde, por temerem retaliação dos covardes republicanos golpistas, mantiveram-se por um tempo às escondidas.

Lembra-se que Antônio Conselheiro exprobrava os torpes ideais e métodos da Velha República. Desvirtuada do genuíno espírito positivista, em cristalino antagonismo aos princípios cristãos, no Brasil ela estava a implantar-se com o intuito de favorecer apenas as tradicionais oligarquias cafeicultoras e o famigerado coronelismo curraleiro. Lembra-se que Augusto Comte havia proposto o **Amor** como base, a **Ordem** como princípio e o **Progresso** como fim. Assim, a Guerra de Canudos se deu pela completa **ausência do Amor** na República que, por um golpe militar, estava-se a implantar nas terras brasis.

A propósito e em tempo, em pesquisa que há décadas eu faço, revelou-se me que o encanto por Rodelas não nasceu por acaso. Ele tinha raízes profundas na história de minha parentela. Foi tão somente a cristalina evidência da memória filogenética de minha família. Por oportuno, lembro que meu octavô Bernhard (Urso Forte) Kesting nasceu em 1622, próximo à fronteira atual da Alemanha com a Holanda, então pertencente Império Romano Germânico que Carlos Magno, no ano 800 da Era Cristã, havia implantado. Quando ele nasceu, digladiavam-se os católicos europeus contra os protestantes da Companhia das Índias Ocidentais.

Assim, os holandeses que, em 1624, invadiram a Bahia e, em 1630, a província de Pernambuco, eram desafetos de meus familiares da velha Prússia. Ao se instalarem nas litorâneas terras brasis, para se dedicar ao cultivo da cana e à comercialização do açúcar, promoveram escassez de

alimentos, mormente em Recife. Foi assim que as vilas litorâneas solicitaram ajuda dos 200 indígenas comandados por Francisco Rodela. Em síntese, os nativos de Zorobabé puseram-se a combater os desafetos de meu octavô paterno porque era similar o modelo de sociedade que ambos defendiam. No Velho mundo abraçava-se o ideal da convivência dos romanos com os bárbaros e, no Brasil, dos indígenas com os lusitanos de boa vontade. Quando encontrei Ducilene, aos recíprocos encantos físicos somou-se, destarte, o fascínio pelo modelo de sociedade que 200 Rodelas e meu octavô, sem se conhecerem, compartilhavam. Sou, por isso, grato aos Tuxá, ora representados pela vereadora Selma Conceição Gomes Santos e pelos caciques Ancelmo Conceição e Raimundo Nonato Brune, bem como, por receberem-me na aldeia mãe onde, desde o primeiro momento, senti-me irmão em espírito, encanto e verdade. (Fig. 255 a 258).

Figura 255 – Agradecimentos a Selma Conceição Gomes Santos



Fonte: Acervo pessoal de Selma Tuxá (2025)

Figura 256 – Cacique Ancelmo Tuxá e a Vereadora Selma Gomes Tuxá



Fonte: Ancelmo Tuxá (2024)

Figura 257 – Agradecimentos ao Cacique Ancelmo



Fonte: Ancelmo Tuxá (2024)

Figura 258 – Agradecimentos ao Cacique Raimundo Nonato



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

4.1 Parceiro na Reconquista de Zorobabé

É fato incontestável que, desde tempos imemoriais da pré-história, os ancestrais do Capitão Rodela e seus destemidos guerreiros habitavam a Ilha de Zorobabé. É imprudente, porém, propor que seu território de ocupação se limitasse àquele diminuto espaço insular⁶⁰. Para compreender a vida, a

⁶⁰ “A gente tem um elo realmente muito grande com **Zorobabé**. É tanto que historicamente pensar na territorialidade do povo Tuxá sempre se fala em **Zorobabé**. Se fala porque temos muitos Encantados que habitam a região e já pensando a espiritualidade, muitos guerreiros nossos foram enterrados em urnas ali na região e assim é um território que pra gente realmente tem uma força espiritual muito grande e por mais que a gente não possa futuramente utilizar aquela área para plantio, mas é uma área que pra pensar os nossos rituais, pensar no povo Tuxá em quanto pode crescer espiritualmente dentro de nosso regime, não dá pra descartar **Zorobabé**. É o lugar que realmente tem tudo pra dar grandes avanços ao povo Tuxá quanto a parte religiosa. (FABIO JUNTÁ, 2017 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 196).

cultura e as tradições deles demanda-se, destarte, ampliar os horizontes da territorialidade ⁶¹ e, em consequência, a abrangência da pesquisa e da reconquista que ora se faz. Sabe-se que os indivíduos e/ou grupos, tanto históricos quanto pré-históricos, utilizavam e interpretavam como sagrados, espaços bem mais amplos que os estreitos lugares em que se concentram artefatos e/ou restos físicos (anatômicos) ⁶². (BINFORD, 1982 *apud* KESTERING, 2021a, p. 52).

(...) ser membro de um lugar, viver uma territorialidade constante, cotidiana e sempre desafiadora, é ser membro de uma comunidade: é ser parte de um povo indígena, de uma comunidade tradicional que há séculos resiste ao esbulho de suas terras. **Viver a territorialidade, ser membro de um lugar, viver o lugar – ser o lugar – está vivamente relacionado com a terra sobre a qual se pisa, com a terra que se lavra, mas não depende apenas dela** (grifo nosso). Os Tuxá de Rodelas, por exemplo, mostram-nos claramente que a experiência étnica de um lugar permanece, mesmo que o registro fundiário em seu nome não exista há mais de três décadas. (DURAZZO, 2020, p. 52).

É notório que o Vale do Rio São Francisco sempre foi propício à ocupação humana, da pré-história aos dias atuais. A oferta de proteínas, água permanente e matéria prima para fabricação de instrumentos contribuíram e concorrem para a ocupação de suas ilhas e terrenos marginais adjacentes. Assim,

⁶¹ “O termo ‘territorialidade’ se refere ao modo de ocupação de determinada área por determinado grupo social e abrange práticas e conhecimentos ecológicos, histórico da ocupação, referências simbólicas e rituais, tipos de uso e manejo dos ambientes e dos recursos naturais, [inclusive a] existência de conflitos pela posse da terra e/ou por acesso a recursos naturais”. (TEMPESTA; NOLETO, 2015 *apud* DURAZZO, 2020, p. 53-54).

⁶² “O Povo Indígena Tuxá de Rodelas/BA viveu historicamente envolvido num ambiente favorável **entre as águas do Rio São Francisco e as matas das Caatingas do Semiárido** e adquiriu um rico conhecimento da flora e fauna dos ecossistemas (grifo nosso).” (PEREIRA, 2020, p. 140).

no contexto do Submédio São Francisco, sempre existiram quatro alternativas não excludentes de ocupação humana pré-histórica, colonial e pós-colonial: as dunas, os abrigos de pé de serra, os tabuleiros⁶³ e as várzeas.

Os sítios sobre tabuleiros eram espaços ecológicos destinados, principalmente, à captação de recursos, em especial da caça e da coleta, ou à obtenção de madeira para combustão e estruturas habitacionais. Alguns afloramentos nos tabuleiros eram utilizados como fontes petrológicas para trempes, pilões, almofarizes e elementos de sustentação de habitações. Em algumas áreas, onde os tabuleiros se aproximavam dos rios, formando barrancos, eles serviram também para instalação de moradias, acampamentos temporários ou, então, como local de oficina lítica. (ETCHEVARNE, 1989, p. 25 *apud* KESTERING; BEZERRA, 2015, p. 7).

Desde a proto-história que, pelos marcadores de memória, os Tuxá alcançam⁶⁴, até imemorráveis tempos pré-coloniais que os artefatos arqueológicos comprovam⁶⁵, além da ilha onde efetivamente habitavam, ao território de Zorobabé vinculavam-se a Barra do Rio Pajeú, na margem esquerda, e as

⁶³ “No tempo das cheias, eles [os índios] subiam pra caçar até que o rio baixasse. Eles trabalhavam na agricultura, na Ilha, mas enquanto isso não acontecia eles iam para as matas. Subiam as dunas, **entravam no Raso da Catarina pra procurar mel, murici, umbu e mari** (grifo nosso).” (RAIMUNDO FLEXIÁ, 2017 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 185-186).

⁶⁴ “É de lá que vieram os ancestrais, dizem, após uma cheia ter inundado a Ilha de Surubabel onde viviam. Refugiando-se à margem direita do rio, hoje território baiano, os antepassados viveram naquele lugar até algum tempo depois, começarem a subir o rio para as imediações do que hoje é a cidade de Rodelas.” (DURAZZO, 2020, p. 55).

⁶⁵ “Esse é um lugar sagrado pra nós porque aqui estavam vivendo os índios bravios. Os mais velhos sempre disseram que os antigos estavam aí. Com o dilúvio do Pajeú, antes da barragem, aqui os índios rodeleiros sempre estiveram” (PAJÉ ARMANDO APAKO, 2018 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 179).

dunas e adjacências, no lado direito do Rio São Francisco⁶⁶. Quando eu morei em Rodelas, ouvia os caboclos mais velhos a descreverem, com detalhes, a abrangência daquele sagrado território ancestral⁶⁷. (Fig. 259).

Figura 258 – Território de Zorobabé no Século XIX



Fonte: Halfeld (1860 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 182), adaptado

O território de *D'zorobabé* é para os Tuxá o lugar mais sagrado de sua ancestralidade. Para isso, o processo de auto cartografia garante para eles, aferir aspectos, desde a

⁶⁶ “No que tange à cronologia dos sítios dunares, o único marco de referência corresponde a 860 BP, ou seja 1090 D.C. obtido por datação radio carbônica de restos de carvão de uma das fogueiras do setor Paraíso (Sitio de Surubabel).” (ETCHEVARNE, 1992, p. 70).

⁶⁷ “A terra do Zorobabé, começava na boca do Pajeú, na Barra do Pajeú. (...) Esse terreno, era todo dos índios rodeleiros. Cansei de ver meu avô dizer. Esse terreno era todo dos índios. Pegava de um lado e do outro. Porque as ilhas eram tudo dos índios. A morada deles, antes da enchente, era na ilha de Zorobabé e na terra firme. A capelinha era lá, na ilha. Aqui era aldeia da terra firme, e ali era a ilha. Morava índio ali na ilha e morava índio aqui, na terra firme.” (PAJÉ ARMANDO APAKO, 2018 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 183).

memória ancestral presente, até a manutenção histórica do patrimônio cultural e da socio-biodiversidade ainda existentes no ambiente rio-caatinga onde estão inseridos. (SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 178).

Por sobressaírem-se na paisagem, as dunas eram o refúgio natural onde se abrigavam as antigas populações ribeirinhas, sempre que o Rio São Francisco inundava as ilhas e várzeas. (Fig. 260). A comprovar essa proposição, nas areias fósseis de Zorobabé cuja altitude alcançava aproximadamente 50 metros acima do nível do rio, encontraram-se sítios arqueológicos que se distribuíam nos setores do Paraíso e das Caatingas⁶⁸. No Setor do Paraíso, havia restos de antigos rituais de sepultamento⁶⁹. (Fig. 261 e 262).

Figura 260 – Dunas de Zorobabé

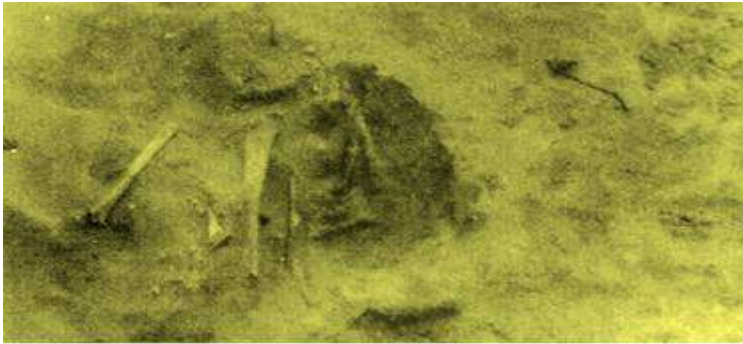


Fonte: Rafaela Araújo (2024 *in* Oliveira, 2024)

⁶⁸ “O Setor Paraíso apresentava condições favoráveis à instalação de um grupo humano: localização estratégica em um dos pontos mais altos, com ampla visão do rio e das ilhas, dos territórios além do rio e dos tabuleiros na caatinga; a permanência de grupos humanos pré-coloniais nesse local é evidenciada pela abundância de restos em superfície.” (ETCHEVARNE, 1992, p. 61).

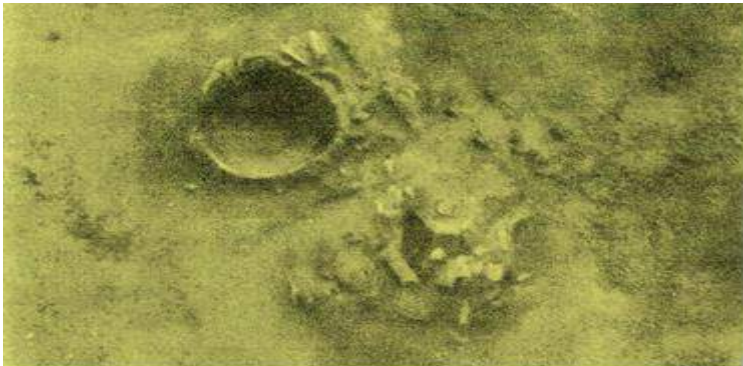
⁶⁹ Para os Rodelas Tuxá, os achados arqueológicos representam um “elo simbólico” que os une aos povos arcaicos. (MARQUES, 2008 *apud* SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 179).

Figura 261 – Restos de sepultamento com esqueleto quase completo



Fonte: Etchevarne (2002, p. 81)

Figura 262 – Restos de calota craniana e outros ossos



Fonte: Etchevarne (2002, p. 81)

A presença de enterramentos no setor Paraíso o diferencia e particulariza dos demais setores de Surubabel e, ainda, dos outros sítios dunares. Foram encontrados restos de 10 enterramentos, com graus de conservação diferentes, variando desde um conjunto de dentes e calota craniana até um esqueleto praticamente completo. Cabe ressaltar que, em conjunto, são os enterramentos os vestígios que alcançam maior profundidade: um deles a 30 cm, enquanto os demais encontravam-se a uma profundidade que variava entre 5 cm e 20 cm. (...)

Entre os enterramentos foram encontradas três fogueiras (concentrações de pequenos blocos de rocha, restos de carvão e mancha de areia queimada) que poderiam estar associadas a eles como parte de um ritual funerário.

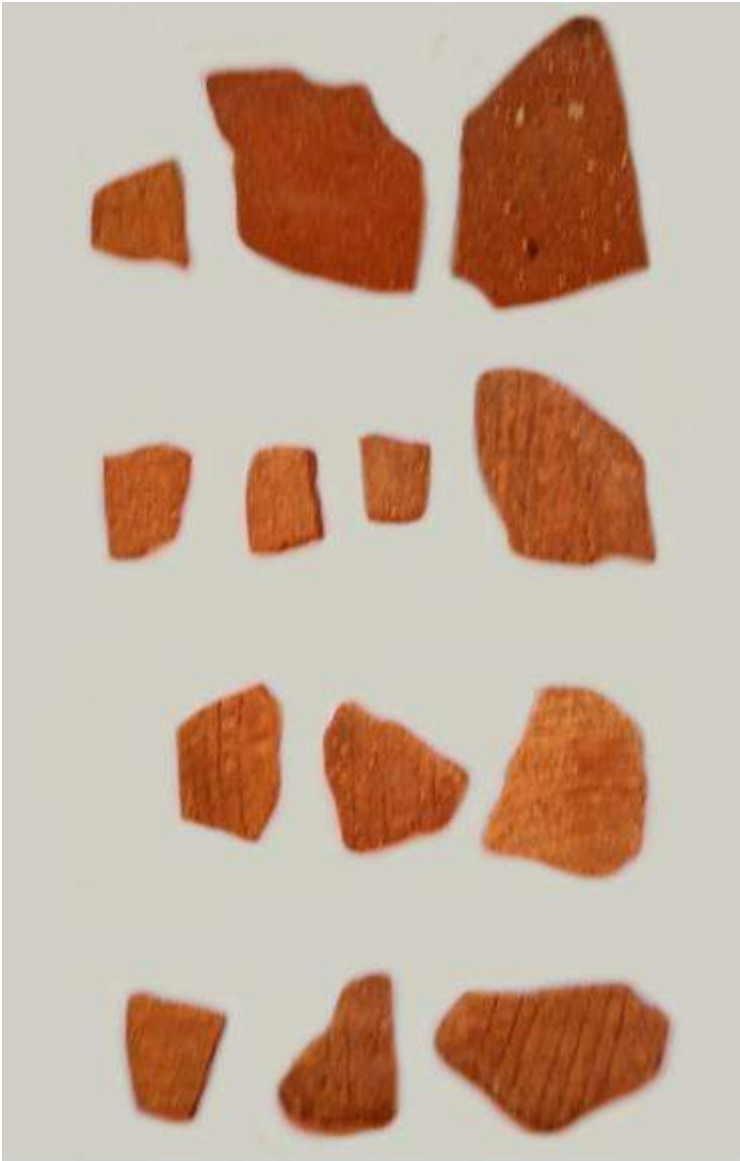
Os enterramentos e outros vestígios encontrados (estrutura de habitação, material lítico e cerâmico) permitem caracterizar o platô, como um local de múltipla funcionalidade. (ETCHEVARNE, 1992, p. 63 e 65).

Pela informação oral, a atestar que Francisco Rodela era bisneto de Zorobabé, nativo paraibano da Serra de Capaóba, que se destacou na guerra contra os Aimoré de Ilhéus e Porto Seguro, deduz-se ter havido vínculo cultural dos Rodelas com o povo daquelas plagas paraibanas. Entretanto, não se pode ignorar também que eles mantinham regulares contatos com os Tupinambá do litoral de Alagoas, Pernambuco, Sergipe e da Bahia. Os restos de cerâmica⁷⁰ e os artefatos líticos que nas dunas de Zorobabé se encontraram e ainda se acham provam terem compartilhado os mesmos atributos culturais. (Fig. 263).

Esses nativos habitavam desde o litoral até o “sertão” e se locomoviam por trilhas e caminhos (peabiru: em língua tupi, “pe” = caminho, “abiru” = gramado amassado) que cruzavam todo o território. Sabe-se que esses caminhos ligavam extensas áreas americanas, muito antes dos europeus conquistarem o continente, e que boa parte das estradas atuais, assim como ruas e avenidas, foram abertas sobre essas rotas antigas. (PAIVA, 2010, p. 4 *apud* KESTERING, 2024b, p. 98).

⁷⁰ “A cerâmica, especialmente, serviu como diagnóstico para se pensar que os povos que as produziram pertenceriam aos grupos ceramistas de origem Tupi [Tupinambá], que teriam se internado ao longo do São Francisco; ou, em melhor hipótese, a grupos sanfranciscanos tupinizados, ou seja, que teriam recebido sua influência no que se refere à tecnologia ceramista. De qualquer forma, com base nos vasilhames cerâmicos, pode-se atestar a presença de grupos consumidores de mandioca, haja vista a ocorrência de formas de recipiente apropriados para a preparação e o consumo deste tubérculo, como, por exemplo, os assadores”. (ETCHEVARNE, 2002, p. 67).

Figura 263 – Fragmentos de cerâmica, encontrados em Zorobabé



Fonte: Acervo de Rosalvo de Almeida (2024), adaptado pelo autor

Sabe-se que o povo Tupinambá, de antigas datas, praticava agricultura de subsistência. Assim, os Procá, ancestrais dos Rodelas, para manter suas famílias em estilo semelhante, realizavam-nas nos lameiros do Submédio São Francisco.

Havia entre eles, principalmente nos grupos ligados ao tronco Tupinambá, o milenar costume de cultivarem pequenas caixaras onde empregavam rudimentares práticas agrícolas tradicionais. Cultivavam mandioca, milho, batata-doce, cará, feijão, amendoim, tabaco, abóbora, urucum, algodão, cuia, cabaça, pimenta, abacaxi, mamão, erva-mate, guaraná, caju e pequi. (RIBEIRO, 1995, p. 32 *apud* KESTERING, 2021a, p. 137-138).

Dentre as culturas agrícolas, destacava-se a preferência pelo cultivo e consumo da mandioca, costume esse que, tanto no sertão quanto no litoral, perdura até os dias atuais. Essa é a razão porque, nas dunas de Zorobabé sobressai a ocorrência de trituradores com marcas impressas pelo uso intenso, no processo de esfarelar ou moer os tubérculos. A corroborar essa prática, encontram-se também alguns almofarizes ou pilões em matacão. É comum encontrarem-se também, em menor quantidade, porém, outros artefatos líticos como: tembetás, machados polidos, lascas, raspadores, *chopper* e *choping tool*. (Fig. 264 a 273).

Figura 264 – Tembetás



Fonte: Etchevarne (2002, p. 86), adaptado pelo autor

Figura 265 – Tembetás



Fonte: Etchevarne (2002, p. 86), adaptado pelo autor

Figura 266 – Almofarizes em mactação e lâminas de machado polido



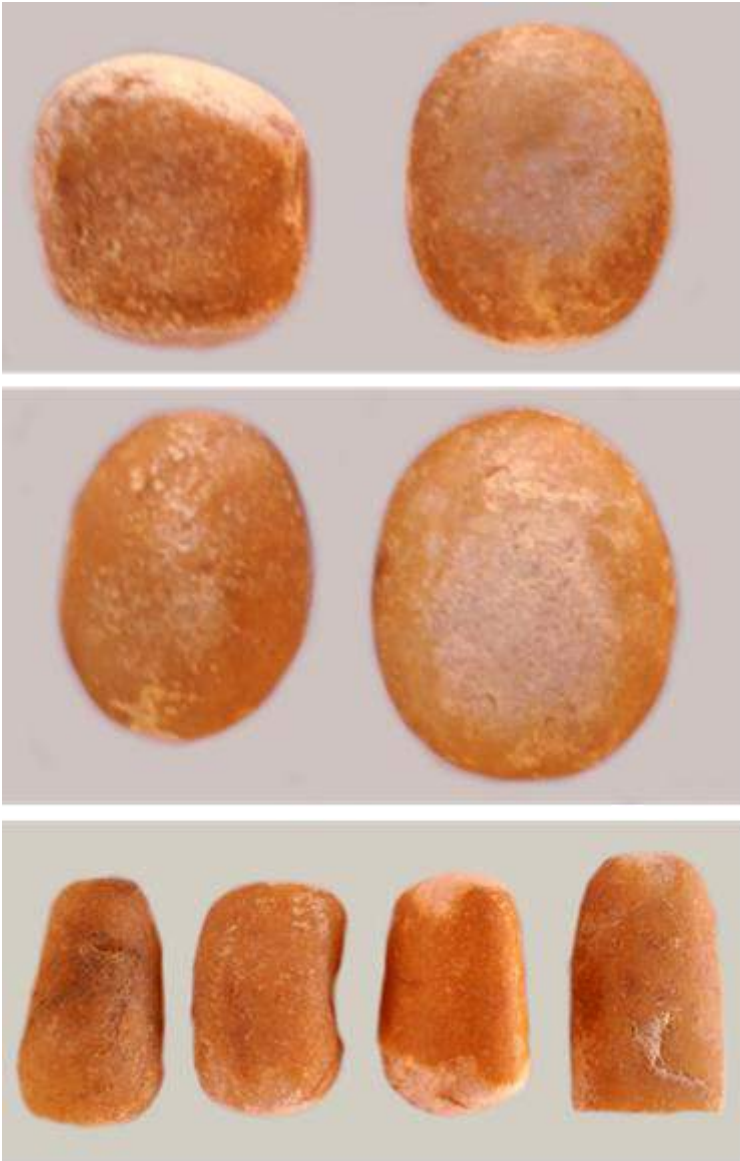
Fonte: Acervo de Rosalvo de Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 267 – Trituradores com marcas de uso



Fonte: Acervo de Rosalvo Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 268 – Trituradores com marcas de uso



Fonte: Acervo de Rosalvo Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 269 – Artefatos líticos diversos



Fonte: Acervo de Rosalvo Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 270 – Artefatos líticos diversos



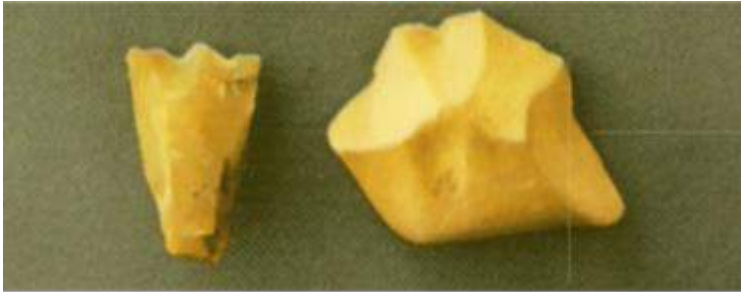
Fonte: Acervo de Rosalvo de Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 271 – Artefatos líticos diversos



Fonte: Acervo de Rosalvo de Almeida (2024), adaptado pelo autor

Figura 272 – Raspadores



Fonte: Etchevarne (2002, p. 84), adaptado pelo autor

Figura 273 – Raspadores

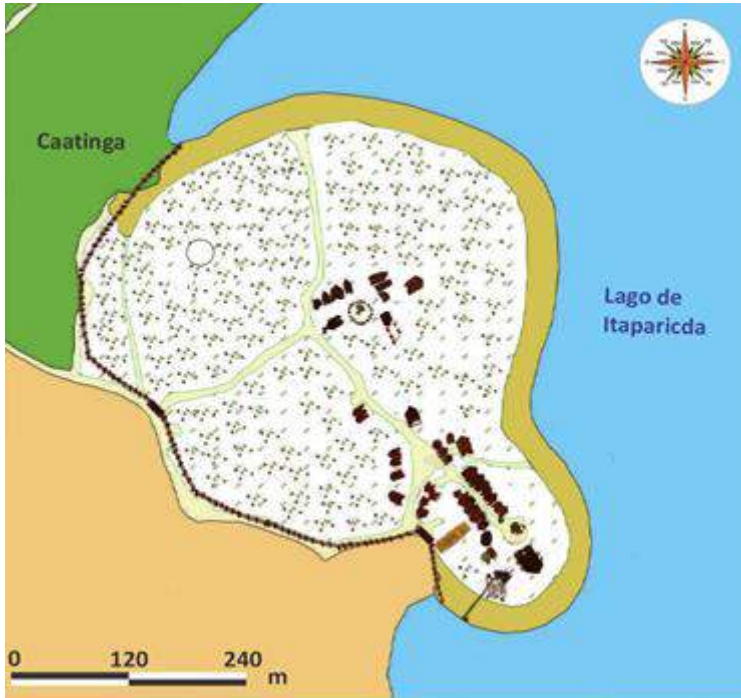


Fonte: Etchevarne (2002, p. 85), adaptado pelo autor

Observe-se que o território indígena vinculado à ilha de Zorobabé não se limitava ao estreito horizonte das dunas fósseis em que se fez a autodemarcação. Essa ação simbólica objetivou, tão somente, garantir aquele núcleo sagrado, o coração dos Tuxá, sem perder de vista sua efetiva ampliação quando se sensibilizarem os órgãos oficiais⁷¹. (Fig. 274 a 291).

⁷¹ “Ocorre que *D’zorobabé*, como já mencionado é o território mais sagrado da cosmologia Tuxá, considerada a “Aldeia Vó” desse Povo, está localizada em uma região de uma riqueza ecológica única resultante do encontro entre a Caatinga e a foz do rio Pajeú, afluente do São Francisco, que das margens pernambucanas, geram a sedimentação que resulta na grande área de dunas

Figura 274 – Território de Zorobabé, definido pela autodemarcação



Fonte: Souza; Tomás; Santos 2020, p. 205), adaptado pelo autor

Figura 275 – Território de Zorobabé



Fonte: Prefeitura Municipal de Rodelas (2025)

nas margens da Bahia. A singularidades paisagísticas, e o conjunto de achados arqueológicos, despertam a necessidade de proteção ao patrimônio, disputada com banhistas e turistas em geral, que também fazem uso do local.” (SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 192).

Figura 276 – Mayra Apako em defesa do território de Zorobabé



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 277 – Dorinha Jurum Cá Arfer em defesa do território ancestral



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 278 – Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 279 – Cacique João Batista em defesa do território sagrado



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 280 – Cacique Raimundo Nonato Flechiá a defender o território



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 281 - Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 282 – Dipeta Brune Flechiá em defesa de Zorobabé



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 283 – Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 284 - Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 285 - Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 286 - Autodemarkação



Fonte: Bonfim; Campos *in* Carvalho (2017)

Figura 287 – Cacique Sandro Hawati Jurum em defesa do território



Fonte: Souza (2018)

Figura 288 – Pajé Tim Juntá, em defesa do território de Zorobabé



Fonte: Souza (2018)

Figura 289 – Fabio Juntá em defesa do território de Zorobabé



Fonte: Souza (2018)

Figura 290 – Barracão dos Tuxá no território auto demarcado



Fonte: Rafaela Araújo (2024 *in* Oliveira, 2024)

Figura 291 – Efetiva ocupação do território auto demarcado



Fonte: Oliveira (2024)

As historiografias sobre os indígenas do Nordeste, cujas lacunas também não dão conta de elucidar os relatos micropolíticos dos povos que, ameaçados e acuados por todo um aparato oficial e social de ocupação, **foram gradativamente perdendo suas terras e vendo seu território reduzir ao longo dos tempos** (grifo nosso). O modo de intervenção do Estado brasileiro nos territórios indígenas acirrou inúmeros conflitos sociais e territoriais de natureza irreversível. (SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 184).

Zorobabé é o território onde os Rodelas conectam o passado submerso com seu futuro incerto. É o que restou do sonho de conquista da Terra sem Males. É onde querem materializar sua organização política, em busca do direito ao usufruto de vida plena.

D'zorobabé é mais que um território, é o que os liga na força de seus ancestrais, é o que alimenta sonho, e mantém seus valores espirituais. **É a dívida mais crucial das esferas públicas para com um povo brutalmente usurpado** (grifo nosso). É a significação da perpetuação da identidade cultural, expressões, ritos, sons e natureza que os sustentam na garantia da presente e das futuras gerações. (SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 197).

É verdade que, pela Constituição Federal de 1988, conquistou-se a garantia do respeito aos direitos das populações nativas. É notório, contudo, que, na prática, a República das Oligarquias do Brasil, implantada por um golpe militar, continua a subjugar, ameaçar as comunidades indígenas ao extermínio, ao expurgo compulsório e/ou à invisibilidade, de forma símil ao que faziam os curraleiros.

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988 *apud* OLIVEIRA, 2020, 222).

Na qualidade de cidadão Rodelas, nascido para o Encanto Tuxá em 1975 e oficialmente reconhecido pela Câmara Municipal em 2024, presto hoje, mais do que sempre, minha identitária solidariedade, na luta pelo reconhecimento e pela ampliação do território de Zorobabé. Com a luz de Tupã a mostrar os apropriados caminhos, a memória dos ancestrais a reabastecer nossa congênita coragem, homens e mulheres de boa vontade a disponibilizarem seus ombros amigos, certamente replantaremos nela a semente da Terra Sem Males. Nele edificaremos o Centro de Memória Rodelas, rochedo de nossa identidade. Pela repatriação dos artefatos que nossos avoengos confeccionaram e/ou utilizaram, ainda dispersos pelos centros de pesquisa das universidades que realizaram trabalhos de salvamento ou sob custódia de particulares, outorgaremos a eles o direito de descansarem em paz, no reino dos encantados⁷².

⁷² “O repatriamento não é história. É vida para nós. Vida é isso aqui [a mostrar um cachimbo]. Nós não sabemos a quantidade de anos, porque, quando meu pai, que hoje tem 73 anos, entendeu da história de nosso povo, ele já conhecia isso aqui. (...) É algo que está voltando para nós. É algo de nosso povo, de nossos avós, bisavós. (SOCORRO TUXÁ, 2006 *apud* MARQUES, 2008, p. 300-301).

Com relação ao repatriamento, o que a gente vem discutindo com nossa comunidade, isso não de hoje, mas de algum tempo, [é] o que representa esse repatriamento, qual a importância dele. Ah, vamos querer esse repatriamento simplesmente porque queremos que voltem esses artefatos para dentro da comunidade e isso pertenceu a nossos antepassados? Ou vai ser algo mais profundo? Ouvindo vários depoimentos dos mais velhos, digo como pessoa, como liderança jovem de meu povo, o repatriamento para nosso povo simboliza o recontar de nossa história, simboliza a reafirmação enquanto povo, simboliza o dizer que nós existimos, estamos a existir e permaneceremos existindo enquanto povo, enquanto comunidade. Então, vai muito mais além do que um artefato, algo que pertenceu aos antepassados. Vem das entranhas daqueles que conseguiram colocar aquilo embaixo do chão, conseguiram fazer com que aquele material pudesse ficar até hoje, como disse o Cacique Bidu, o Pajé Armando, nossos mais velhos, Antônio Vieira. Eles cavavam suas sepulturas e deixavam ali, para dizer que ali eles viveram, ali eles habitaram, para que, quando as gerações mais jovens chegassem, pudessem declarar que aquilo era nosso. (SANDRO TUXÁ, 2005 *apud* MARQUES, 2008, p. 295).

Em relação aos direitos originários, lembra-se que, nos primórdios da história de Rodelas, reconheciam-se como território indígena todas as ilhas e caatingas margeantes da Bahia e Pernambuco, desde o Rio Pajeú, em Itacuruba, até a Ilha de Assunção, em Cabrobó. (FONSECA, 1996, p. 27).

Por oportuno, lembra-se que, pela carta de concessão da Sesmaria que, em 1651 se fez a Padre Antônio Pereira e seu sobrinho Garcia d'Ávila II, as terras até então consideradas dos nativos, por decreto real da Coroa Portuguesa, integraram-se ao latifúndio dos sesmeiros e às fazendas dos arrendatários curraleiros. Ignorou-se a soberania dos indígenas. Vetou-se lhes o sagrado direito de continuarem a ocupar as ilhas, margens e os matos da caatinga.

(...) hei por bem, e lhes faço em Seu Real nome dar de sesmaria a terra que contém a sobredita Carta, que dela lhes havia passado, **que é toda a terra que se achar, desde a primeira cachoeira, que o Rio São Francisco faz** [Paulo Afonso], **por ele acima até ultrapassar a última aldeia dos Caririguaçus** [Rio Salitre], **com as ilhas, pontas, enseadas, pastos, matos e água, que a dita terra em si tiver** (grifo nosso). (...) (JOÃO RODRIGUES DE VASCONCELOS E SOUZA *in* ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA, Seção Colonial, 1813, 602, caderno 3 *apud* FONSECA, 1996, p. 25-26).

Nas entrelinhas daquele fatídico documento escondia-se a semente da usura colonialista que, ao plantar-se no Submédio São Francisco, os Rodelas que haviam expulsado os holandeses das terras brasis, de imediato não perceberam. Poucos anos depois, porém, ao produzir seus primeiros frutos de sabor amargo ao paladar indígena, em 1678, reconheceu-se que era altamente tóxica aos grupos nativos.

O coronel Dias de Ávila, sob pretexto de que o rei de Portugal lhe havia doado todas as terras devolutas do rio de São Francisco, a fim de as povoar com rebanhos, para o serviço das cidades da Bahia e de Pernambuco, desejava apoderar-se, e na realidade se apoderou, do que o rei excetuava formalmente nas provisões que o contemplavam. **De sorte que ele espalhava rebanhos não somente de um, como do outro lado do rio, em terra firme, mas também punha cavalos nas ilhas em que os índios se haviam refugiado, cedendo-lhe tudo o mais para poderem viver em paz** (grifo nosso). (...) e como sobreviesse uma grande seca, esses cavalos, já muito incômodos para os índios, obrigando-os a cercar suas lavouras, e estando premidos pela fome, forçavam as melhores cercas e tudo devoravam. (NANTES, 1706 *apud* LIMA SOBRINHO, 1979, p. 60).

Fato é que João de Alencastro, Governador Geral do Brasil no período de 22 de fevereiro de 1694 a 03 de julho de 1702, de imediato procurou apaziguar os inflamados ânimos, tanto dos nativos que estavam a perder suas terras quanto dos

curraleiros que as estavam a invadir. Para concretizar seu plano de pacificação, em atendimento às exigências de missionários mediadores⁷³, ele autorizou a demarcação de terras destinadas a três aldeias administradas por catequizadores jesuítas⁷⁴.

O Governador João de Lencastro colocava nestes termos a situação física das referidas aldeias:

I – Para a Aldeia de Achará, situada na ilha do mesmo nome (Achará, Axará, Acará – grafam-se as três denominações indistintamente), sinalava a ilha de Achará, sede da Aldeia, a ilha das Éguas, a ilha de Uxucu e a ilha de Caburé, e mais uma légua em quadra de terra firme, do lado da Bahia, a ser demarcada imediatamente defronte da ilha de Achará.

II – Para a Aldeia de Rodelas à qual se anexava a aldeia de Arnhipó, sinalava as ilhas de Jetinã, Vacayuviri, Viri Pequeno, Pedra e Araticu, e mais uma légua em quadra de terra firme do lado da Bahia a demarcar-se imediatamente defronte da ilha de Jetinã.

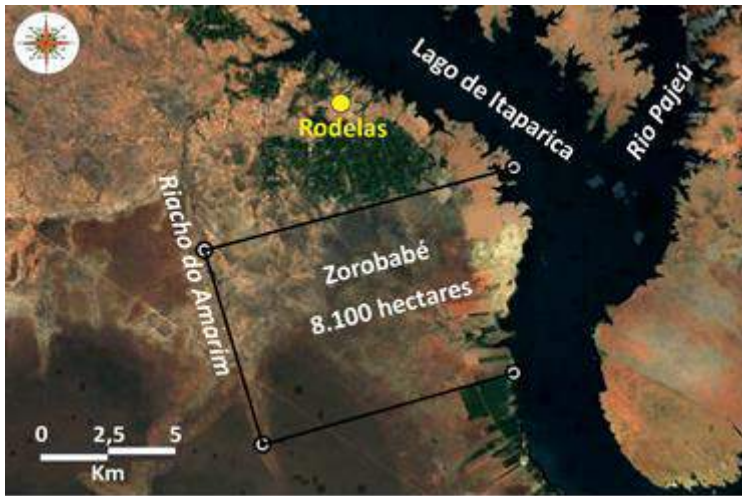
III – Para a aldeia do Sorobabé, situada na ilha do mesmo nome, à qual se anexava a aldeia de Caruruz, sinalava essa mesma ilha e das ilhas adjacentes, e mais uma légua e meia em quadra de terra firme do lado da Bahia, a demarcar-se em frente à ilha de Sorobabé (grifo nosso). (FONSECA, 1996, p. 33).

⁷³ “O apostolado missionário teve início nos dois centros principais: Rodelas e Aracapá. No primeiro nasceram Axará, Caruru e Sorobabé (estes dois foram incorporados num só aldeamento, denominado nos documentos como Caruru no Sorobabé)”. “A Aldeia de Rodelas era formada por seis ou sete ilhotas, entre as quais Jetinã, a maior, e Araticu. Nelas viviam os setecentos índios catequizados para os quais os missionários pediam uma légua quadrada de terras às margens do rio do lado da Bahia”. (REGNI, 1988, p. 209 e 214 *apud* FONSECA, 1996, p. 39).

⁷⁴ “[A autorização da] demarcação de terras para as aldeias administradas pelo Centro Missionário de Rodelas acabou causando a expulsão dos padres jesuítas [em 1696] pela gente da Casa da Torre, porque [eles e os índios] quiseram dar-lhe execução.” (FONSECA, 1996, p. 33).

Com base no decreto do governador João de Alencastro, além das ilhas onde os Rodelas cultivavam pequenas caiçaras de lameiro, o território de Zorobabé abrangia 8.100 hectares da caatinga baiana. Feita sua adequação aos dias atuais, ter-se-ia um polígono cuja fronteira oeste seria o Riacho do Amarim, onde se localiza a sede da Fazenda Inveja. (Fig. 292).

Figura 292 – Território Zorobabé, conforme João de Alencastro



Fonte: Google Earth (2025), adaptado pelo autor

A Casa da Torre e os curraleiros descumpriram o decreto do Governador Geral do Brasil. Como represália àquele ato normativo, em 1696, expulsaram os missionários que estavam solidários na exigência de sua demarcação para efetiva ocupação indígena⁷⁵. Os efeitos da insubordinação se sentiram durante o Império e mantiveram-se na República dos Coronéis.

⁷⁵ “Os missionários jesuítas administraram as aldeias de Rodelas até julho de 1696, quando foram expulsos pelos donos das terras, na decisão das “Mulheres da Torre”, Leonor Pereira Marinho, viúva de Francisco Dias d’Ávila, e Catarina Fogaça, viúva de Vasco Marinho Falcão.” (FONSECA, 1996, p. 91).

Como medida de segurança do índio contra a fúria possessiva do conquistador, que buscava acumular léguas sobre léguas de chãos próprios, não deixando um metro ao nativo, o governo previa a reserva de área suficiente para as casas e roças do índio. Partia, para o estabelecimento dessa reserva, de princípio reconhecida oficialmente de que as terras pertenciam a seus moradores – os indígenas. Pura balela. **Deu-se o aldeamento do índio manso, mas a terra necessária à subsistência jamais lhe foi demarcada** (grifo nosso). Outra era a realidade, a da força do poder econômico – e a determinação legal, de destinação da terra ao índio, veio-se renovando sem cumprimento, por bem três séculos. (REGNI, 1988, p. 124 *apud* FONSECA, 1996, p. 91 e 92).

Não é demais lembrar que a demarcação do território que se destinava aos Rodelas se deu no contexto do Brasil Colonial, quando o poder dos curraleiros e dos prepostos da Casa da Torre se sobrepunha às competências do Governador Geral do Brasil e do próprio Rei de Portugal. Apesar de se haver demarcado, com cruces, os vértices das poligonais, não se reconheceram as respectivas soberanias sobre os territórios⁷⁶. Sem direito a qualquer defesa, expulsaram-se sumariamente os missionários⁷⁷. De forma similar, no contexto atual, empresas governamentais, não governamentais, e de economia mista, como era a Companhia Hidrelétrica do São

⁷⁶ O Padre Felipe Bourel, superior da Missão de Rodelas, ao receber a determinação do Padre Provincial para executar a ordem do Senhor Geral, que por sua vez cumpria lei emanada da Coroa, espalhou cruces de demarcação das terras sinaladas aos índios de suas aldeias. Primeiro as terras sinaladas à Aldeia de Acará, no dia 19 de julho [de 1696], em seguida as da aldeia de Curumbabá, no dia 21, depois a Aldeia de Zorobabé, no dia 24. (SERAFIM LEITE, 1945 *apud* FONSECA, 1996, p. 97-98).

⁷⁷ “Assim foi. O Padre Felipe Bourel teve informação de um seu conhecido, que os curraleiros se reuniram na casa do sargento-mor Antônio Gomes de Sá, decidindo não derrubar as cruces, mas expulsar os Padres.” (FONSECA, 1996, p. 98).

Francisco (CHESF), repetem a nefasta prática da exclusão dos indígenas que o sistema colonialista plantou no Brasil.

A história da colonização no São Francisco apresenta lances ‘sui generis’. Sendo todas as terras entregues a uma única família, o chefe desta era o suserano. O rei estava longe e sua voz diluía-se em muitas vozes intermediárias, tornando-se quase um mito o poder real. Aqui, mandava e desmandava o Chefe da Casa da Torre, coronel de ordenanças do governo, comandante das tropas armadas, que ele próprio selecionava e remunerava, cabendo ao governo somente conceder o título da oficialidade. Os que ocupavam o solo, faziam-no por arrendamento. E como rendeiros do feudo, estavam obrigados a acompanhar o senhor, se não em pensamento, porque este é imperscrutável, pelo menos em palavras e obras, participando inclusive de suas guerras – compromisso de vassalo. Os padres missionários eram obrigados por lei a por o índio manso a serviço da guerra de conquista contra os irmãos. (FONSECA, 1996, p. 94).

É notável que Francisco Pereira Rodela, mais que o próprio governador⁷⁸, de pronto se opôs ao acintoso descumprimento do decreto que definia o território destinado à subsistência indígena. Apesar de sua idade, que beirava os cem anos, pôs sua intrépida coragem em defesa do território Zorobabé e à proteção dos missionários. Ele bem sabia que aquele território fazia jus ao benefício que ele e seus 200 guerreiros haviam conquistado ao Brasil quando, nas Alagoas das Ribeiras do São Francisco, em 1639 expulsaram os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais. Foi dissuadido, porém, pelos próprios evangelizadores, a aquietar-se, conter sua ira e indignação.

Eram os brios e a dignidade do velho herói da guerra contra os holandeses, guerreiro tantas vezes provado nas lutas do Piauí, ao lado dos Ávila, agora em defesa de seus padres. Honra ao índio Francisco Rodela, honra aos índios da aldeia de

⁷⁸ Parecia até que o rei não era rei, como sustentava o refrão popular. (FONSECA, 1996, p. 97).

Rodelas, que não expulsaram seus missionários, como o fizeram os das outras. Antes, tentaram defendê-los. **Não convinha, entretanto, o derramamento de sangue e os missionários contiveram o velho cacique** (grifo nosso). (FONSECA, 1996, p. 99).

Quando em 1988, relocou-se a população de Rodelas, ignorou-se a história e a memória dos guerreiros Rodelas ancestrais. Antes, pelo contrário, buscou-se apagá-las, para não se indenizar com dignidade a aldeia indígena Tuxá. Dessa forma, como no período colonial, os membros da Casa da Torre desrespeitaram o decreto governamental de João de Alencastro, na República Nova do Século XX, sob o regime militar, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) menoscabou o sagrado direito dos povos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupavam.

Situados à margem direita do Rio São Francisco no município de Rodelas - BA, o Povo Tuxá é um símbolo da logração de um território usurpado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF que inundou todo seu território tradicional com a construção da barragem de Itaparica - UHE Luiz Gonzaga no ano de 1988. Por causa disso, sofrem uma das maiores rupturas ecológicas, criando tramas, que os obrigaram a sujeitar-se às redistribuições de grupos e terras, o que acirrou ao longo dos tempos diversos conflitos sociais, culturais, territoriais e interétnicos. Os Tuxá, historicamente, sofreram o [processo ou os] movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, como fenômeno de rearticulação político- organizativa interna de recuperação de seu território tradicional. (SOUZA; TOMÁS; SANTOS, 2020, p. 174).

Como rochedo a sustentar a luta pelo reconhecimento do território de Zorobabé, é imprescindível, destarte, a implantação do Centro de Memória Rodelas, para não deixar que pereça o espírito guerreiro dos ancestrais. Com material rústico e aproveitamento de jazidas locais, nele haverá espaços destinados ao acondicionamento e apresentação do acerco

arqueológico, às práticas rituais e à recepção de pesquisadores e turistas. (Fig. 293 a 299).

Figura 293 – Centro de Memória Rodelas a se edificar no território



Fonte: André Nazaré (2018 *apud* Mendes, 2020)

Figura 294 – Fachada



Fonte: Mendes (2020)

Figura 295 – Fachada



Fonte: Mendes (2020)

Figura 296 – Setorização



Fonte: Mendes (2020), adaptado pelo autor

Figura 297 – Área de *camping* para recepção de turistas



Fonte: Quilombo Calunga (2018 *apud* Mendes, 2020)

Figura 298 – Refeitório para pesquisadores e turistas



Fonte: Mendes (2020), adaptado pelo autor

Figura 299 – Refeitório para pesquisadores e turistas



Fonte: Mendes (2020)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora Rodelas, oficialmente reconhecido pela Câmara Municipal do território Tuxá, apraz-me lembrar que, ao nascerem, os humanos se apresentam à vida, como entidades ou seres. Coordenados pela memória filogenética, essencialmente egoísta, guiam-se pelas necessidades básicas da sobrevivência física. Compraz-me propor que a mente humana se constitui também de ego. Agrada-me compreender que o Ego é a representação da vida, orquestrada pelo Espírito, conforme explicava o Galileu Sonhador: Quem quiser ajudar a construir o Reino de Deus, trate de nascer de novo. Ao que Nicodemos perguntou: Como se faz para nascer pela segunda vez? (JOÃO, 3, 1-21).

Era esse princípio basilar da vida que Sócrates, o filósofo grego (470 - 399 A.C) vivia a defender. Ele propunha, então, que a função dos professores era ser parteiros, isto é, auxiliares na tarefa de conduzir à luz o Espírito dos educandos. Ora, se o professor é parteiro de ideias, a escola necessariamente é a maternidade, onde os humanos nascem para a representação do Ego, da Identidade, do Espírito ou do Encanto. É nela que o *Homo sapiens* se faz personalidade. Edifica-se como personagem, capacita-se e credencia-se a fazer história. É assim que, na reconquista do território de Zorobabé, as crianças Tuxá nascem para o Encanto nativo e ensaiam seus primeiros passos na construção da Terra Sem Males.

A retomada de Zorobabé diz muito sobre o desejo de se autoconhecer, de se autoafirmar e, a partir daí, se transformar para transpor limites de sua união [seu vínculo] com a comunidade, para o bem dela própria.

É algo que as crianças que estão integradas pelos pais, no processo de autodemarcação, além do que é ensinado na escola, com as disciplinas específicas que trabalham a questão

cultural, conseguem despertar-se para o permanente pertencimento a nossa etnia, a nosso povo.

O povo Tuxá é enfraquecido [pelo cansaço], por muitas vezes lutar sem resultados, muitas vezes questionar o governo sobre nossas necessidades, necessidades básicas para o povo indígena como é a terra. Nós utilizamos a terra para além de obter recursos financeiros, para além de conseguir nosso alimento. Ela faz parte de nossa tradição. A terra propicia a vida.

Então, são muitos anos [mais de três décadas] que nós presenciamos essa luta. São muitos anos que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) não se posiciona, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) também não se posiciona, a Prefeitura Municipal, entra uma gestão sai outra gestão e a situação do povo Tuxá não muda. (...) Nós temos um quadro muito crítico quanto à questão do pertencimento. Assim, esta atitude de auto demarcar nosso território, sem a participação direta do governo, sem a participação direta dos políticos municipais, sem a participação direta do Estado, sendo uma ação única e coletiva do Povo Tuxá da Aldeia Mãe, ela nos referenda, nos fortalece. Cada dia que nós estamos aqui, a cada espaço que a gente conquista, cada metro que nós conseguimos demarcar é o que nos fortifica. (MAYRA APAKO in CARVALHO, 2017).

Lembro que os indígenas de raiz Kariri e Tupinambá, distribuídos pela região Nordeste do Brasil, atribuíam nomes aos *kurumim*, somente depois que eles nasciam para o Encanto, o Espírito ou a Identidade. Tinham eles que revelar sua personalidade, realizarem algum feito significativo. Se fosse inédita ou extraordinariamente relevante sua realização, seus nomes passavam a representar todo grupo. Assim, os guerreiros Procá, comandados por Francisco Pereira, na guerra contra os holandeses reconheceram-se Rodelas. As crianças que efetivamente participam na conquista do reconhecimento do território de Zorobabé despertam-se guerreiros do Povo Tuxá.

Incultos e/ou pessoas de má fé, renascidos para o espírito das trevas, dirão de mim, por certo, o que, ao longo da história, fartamente disseram os colonizadores a respeito dos Tuxá. Já no Século XIX, mais precisamente em 1862, apressavam-se alguns missionários e muitos curraleiros a dizer que em Rodelas não havia mais índios. Deles também se dizia haverem-se harmonizado com o sistema colonialista curraleiro. Falava-se que se haviam aculturado.

De reorganizar a aldeia, ocupou-se por cinco anos, a partir de 1857, o padre Luiz de Gúbio. (...) Finda a reorganização considerou-se desobrigado e retornou ao Convento da Piedade em 12 de outubro de 1862. Seria o último missionário capuchinho em Rodelas. **Encarregado de visitar a região sanfranciscana e ver a situação das aldeias, ofereceu um julgamento simples: a população genuinamente indígena era muito reduzida, as aldeias constavam apenas nos mapas e nos decretos de nomeação de administradores locais. A catequese propriamente dita já não existia nem valia a pena reorganizá-la** (grifo nosso).

Quase dois séculos de iniciadas, com muitas dificuldades embora, as missões haviam operado seu resultado e deviam estar realmente esgotadas. Os índios – os que restaram, poucos – estavam aculturados. Podiam incorporar-se à sociedade. Era a sua opinião. Restava acolher no seio da sociedade a sobra dessa gente. Opinou muito bem. Em Rodelas, por exemplo, fora assim. Dera-se o extermínio da população indígena e a aculturação das sobras. As missões estavam esgotadas. Salvaram uns poucos, bem ou mal os introduziram nos caminhos da religião a cujo serviço vieram. **Estavam aculturados os que restaram** (grifo nosso). (FONSECA, 1996, p. 159).

O mesmo espírito colonialista curraleiro das trevas prossegue. Para apropriar-se do que por direito congênito nativo lhes pertence, insiste-se em afirmar, hoje em dia, que os indígenas se exterminaram ou aculturaram-se. Persiste-se em negar-lhe

o direito de evoluírem, do mesmo jeito que, para sobreviverem fazem todos os grupos sociais⁷⁹.

Em um país incapaz de resguardar os direitos dos povos originários, as populações indígenas e suas terras reconhecidas e já demarcadas continuam sofrendo localmente as investidas de todos aqueles que desejam explorar seus territórios e suas mentes: garimpeiros, mineradoras, madeireiras, grileiros, pecuaristas, missões religiosas, em um pacote desenvolvimentista que tem utilizado da violência para agredir e matar pessoas indígenas em diferentes partes do Brasil. (SOUZA, 2020, p. 11).

Não obstante os contratempos, a luta do Povo Rodelas continua⁸⁰. **Ainda bem.**

⁷⁹ “Os povos indígenas hoje estão tão distantes das culturas neolíticas pré-colombianas quanto os brasileiros atuais, da sociedade portuguesa do Século XV, ainda que possam existir, nos dois casos, pontos de continuidade que precisam ser melhor examinados e diferencialmente avaliados.” (OLIVEIRA, 2004 *apud* MARQUES, 2008, p. 308).

⁸⁰ “Vamos, vamos meus caboclos da tribo do Acoroá,
Vamos, vamos meus caboclos da tribo do Acoroá,
Oi, os caboclos são irmãos, vamos trabalhar.
Oi, os caboclos são irmãos, vamos trabalhar.
Ah reina, reina. Ah, reina hô.
Ah reina, reina. Ah, reina hô.” (CACIQUE RAIMUNDO NONATO FLECHIÁ *in* CARVALHO, 2017).

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. **Patronos da Academia Brasileira de Música**. 2025. Disponível em: <https://abmusica.org.br>. Acesso: 13 fev 2025.

ALMEIDA, Geraldo Gustavo de. **Zorobabé**. 2025. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br>. Acesso: 12 jan 2025.

ALMEIDA, Rosalvo. **Depoimento exposto em mensagem no Whatsapp**. 2025. Disponível em: <https://web.whatsapp.com>. Acesso: 05 mar 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO (ANAÍ). **Os Povos Indígenas na Bahia**. 1981. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>. Acesso: 16 abr 2025.

ARFER, João Batista da Cruz de S. **Cidade Submersa**. 2017. Disponível em: <https://meussertoes.com.br>. Acesso: 08 jan 2025.

_____. **Rivalidade**. 2017. Disponível em: <https://www.meussertoes.com.br/2017/10/10>. Acesso: 23 fev 2025.

_____. **De Rodelas direto para Salvador**. 2023. Disponível em: <https://blogdafeira.com.br>. Acesso: 20 fev 2025.

BATISTA, Zenilda Vieira; AZEVEDO, João Vicente Calandrini; FRANCO NETO, Emmanuel; SILVA, Sônia Maria Agostinho da; MOREIRA JÚNIOR, Carlos Alves; LIMA FILHO, Mário Ferreira. **Petrografia e evolução diagenética dos arenitos da Formação Tacaratu, Bacia de Mirandiba, Nordeste do Brasil**.

Estudos Geológicos, v. 32, nº 1, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br>. Acesso: 02 mar 2025.

BÉLO, Pétrius da Silva. **Extinção e interação homem - megafauna no final do Pleistoceno e início do Holoceno, nos estados de Pernambuco e Piauí, Nordeste do Brasil**. 2017. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geociências da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br>. Acesso: 03 mar 2025.

CALMON, Jorge. **Um Exemplo de Boa História Local**. Prefácio em FONSECA, João Justiniano da. **Rodelas: curraleiros, índios e missionários**. Salvador – BA: Edições Gráficas, 1996.

CÂMARA MUNICIPAL DE RODELAS – BAHIA. **Título de Cidadania Rodelense**. 2024.

CARVALHO, Nilma. **D’Zorobabé Autodemarcação Tuxá**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 06 abr 2025.

CAVALCANTI, Nilton de Brito. **Consumo de Xiquexique por Caprinos no Semiárido da Bahia**. 2013. Disponível em: <https://imbuzero.blogspot.com>. Acesso: 10 abr 2025.

CENTRO DE TRABALHO INDÍGENA (CTI). **Povo Tuxá da Terra Indígena D’Zorobabé na Bahia sob risco de despejo**. Centro de Trabalho Indígena (CTI), 2018. Disponível em: <https://trabalhoindigenista.org.br>. Acesso: 14 abr 2025.

COELHO, Elianderson Oliveira. **Engorda do Gado com Palma e Torta de Algodão**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 11 abr 2025.

COMPANHIA DE PESQUISAS DE RECURSOS MINERAIS (CPRM). **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea Diagnóstico do Município de Rodelas – Bahia.** Salvador: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br>. Acesso: 01 mar 2025.

CRUZ, Jaíne Quele. **Gigante e Peluda: conheça preguiças pré-históricas de cinco toneladas que construíram a maior paleotoca do Brasil.** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso: 12 mar 2025.

CUNHA, Clemilton. **O São João da Velha Rodelas: um reencontro com nossa história.** 2019. Disponível em: <https://www.rodelas.ba.gov.br>. Acesso: 10 jan 2025.

DANTAS, José Robinson Alcoforado; LIMA FILHO, Clóvis Ático. **Síntese da Geologia de Pernambuco.** Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). 2007. Disponível em: <https://www.dnpm-pe.gov.br>. Acesso: 03 mar 2025.

DINHA UNIVERSO. **Relembrando aqui no Nordeste como se alimentava o gado na seca, queimando xiquexique e macambira.** 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 11 abr 2025.

DOMINGUES, Joelza Ester. **Primeira Invasão Holandesa, Salvador, Bahia.** 2025. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br>. Acesso: 13 jan 2025.

DURAZZO, Leandro. **Mapas Sociais e a Cartografia do Passado: memórias topográficas dos Tuxá de Rodelas – BA.** Vivência, nº 52; p. 84-103, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br>. Acesso: 09 fev 2025.

_____. Ilhas da Memória, Memória das Ilhas: histórias ao longo do tempo e à margem do Rio. *In*: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 71-136, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 15 mar 2025.

EDINHO. **A Formação do Município de Rodelas**. 2011. Disponível em: <https://edinhorodelasbahia.wordpress.com>. Acesso: 08 jan 2025.

EPAMIG. **Palma Forrageira: alternativa para o Semiárido mineiro**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 11 abr 2025.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. **Sítios dunares do sub-médio São Francisco, Bahia, Brasil**. *Journal de la Société des Américanistes*, N S. Paris, t. 78, n. 71, p. 57-71. 1992. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso: 16 mar 2025.

_____. **Ocupação Humana em uma Região do São Francisco – Bahia**. *Clio Arqueológica*, p. 61-88, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br>. Acesso: 05 abr 2025.

FLECHIÁ TUXÁ, Antônia; CRUZ TUXÁ, Felipe. Eu vi dois peixinhos: o reencontro do Povo Tuxá com suas águas encantadas. *In*: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 21-38, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 09 mar 2025.

FLICKR. **Pescador do Rio São Francisco**. 2025. Disponível em: <https://www.flickr.com>. Acesso: 28 mar 2025.

FONSECA, Idalina Maria. **Rodelas – BA: cultura, memória e identidade**. Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso: 29 dez 2024.

FONSECA, Gabriel. **Os Sonhos de Amor e Paz de João Justiniano da Fonseca**. 2016. Disponível em: <https://direitoetc.wordpress.com>. Acesso: 11 jan 2025.

FONSECA, João Justiniano da. **Rodelas: curraleiros, índios e missionários**. Salvador – BA: Edições Gráficas, 1996.

GALDINO, Antônio. **Rodelas, 60 Anos: o que Paulo Afonso e Rodelas têm em comum?** 2022. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 10 jan 2025.

GANDINI, Rosana. **Era Paleozoica**. Infoescola. Geografia. 2025. Disponível em: <https://www.infoescola.com>. Acesso: 02 mar 2025.

_____. **Era Mesozoica**. Infoescola. Geografia. 2025. Disponível em: <https://www.infoescola.com>. Acesso: 02 mar 2025.

GAZETA RURAL. **Conheça a agricultura de vazante, uma opção de cultivo para o período seco**. 2025. Disponível em: <https://globoplay.globo.com>. Acesso: 15 abr 2025.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2025.

ÍNDIOS TUXÁ DA NAÇÃO PROKÁ, DO ARCO, FLECHA E MARACÁ, MALAKUTINGA TUÁ. **As Caravelas Passam: Os Tuxá**

de Rodelas reafirmam sua identidade étnica e seu pertencimento ao território D’Zorobabé. 2017. Disponível em: <https://apiboficial.org>. Acesso: 14 abr 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Itacuruba.** 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso: 15 jan 2025.

JOSÉLIA MARIA. **Professor Celito Kesting recebe Título de Cidadão Rodelense e celebra conexão com o povo Tuxá.** 2024. Disponível em: <https://joseliamaria.com>. Acesso: 04 mar 2025.

KESTERING, Celito. **Sou Nordestino Destemido, Sertanejo Rodelense Lutador.** Poesia não publicada. 1976.

_____. **Reencontro Vida.** Pedro e João Editores. São Carlos, 2019a.

_____. **Patrimônio Amoipirá Tupinambá.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2021a.

_____. **Baianos Tatauí warum nicht?** São Carlos: Pedro e João Editores, 2023a.

_____. **Cidadãos Tatauí.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2023b.

_____. **Encanto Bugre-Tapuia.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2024a.

_____. **Resilia Sentocé.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2024b.

KESTERING, Celito; BEZERRA, Alvandyr Dantas. **Relatório Parcial do Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da Mina Vermelhos, em Juazeiro – BA**. Instituto Habilis, 2015.

LEME, Concelina Cácia. **Utilização da Palma Forrageira na Alimentação Bovina**. 2022. Disponível em: <https://blog.mfleiloes.com.br>. Acesso: 11 abr 2022.

LIMA, João de Sousa. **Rodelas – Bahia: imagens antigas e históricas**. 2017. Disponível em: <https://joaodesousalima.blogspot.com>. Acesso: 15 abr 2025.

MARQUES, Juracy. **Cultura material e etnicidade dos povos indígenas do São Francisco afetados por barragens: um estudo de caso dos Tuxá de Rodelas, Bahia, Brasil**. 2008. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso: 16 jan 2025.

MASCARENHAS, Raimundo. **Mandacaru vem sendo a última alternativa para alimentação do gado**. 2012. Disponível em: <https://www.calilanoticias.com>. Acesso: 10 abr 2025.

MENDES, Janaína Maria Torres. **Projeto Arquitetônico do Memorial Tamoquim**. Secretaria Municipal de Turismo da Prefeitura Municipal de Sobradinho – BA. 2020.

MEUS SERTÕES. **Adeus Rodelas**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 23 jan 2025.

MOITINHO, Fábio. **Estes três capins vão bem em áreas alagadas. Saiba quais são**. 2022. Disponível em: <https://girodoboi.canalrural.com.br>. Acesso: 15 abr 2025.

MÚSICA BRASILIS. **Waldemar Henrique**. 2025. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br>. Acesso: 06 mar 2025.

NASCIMENTO, Valdomiro. **As Belezas de Rodelas: “o Município de Rodelas, um jovem de 61 anos”**. 2023. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 08 jan 2025.

NANTES, Pe. Martinho de. **Relação de uma Missão no Rio São Francisco**. 1706. In: LIMA SOBRINHO, Barbosa (Tradução e Comentário). São Paulo – SP: Companhia Editora Nacional, 1979. Disponível em: <https://etnolinguistica.wdfiles.com>. Acesso: 30 mar 2025.

OLIVEIRA, Geovana. **Indígenas lutam por terra em risco de desertificação no Semiárido**. Folha de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>. Acesso: 15 abr 2025.

OLIVEIRA, Luiza Kelly Assis de. A imperícia do Poder Judiciário Brasileiro no Caso de Reintegração de Posse do Território de D’Zorobabé. In: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das Águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 137-172, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 27 mar 2025.

PAULO, Pedro Oliveira; BERTINI, Reinaldo José. **Registro de Eremotherium laurillardi (Megatheriidae, Xenarthra) e Stegomastodon Waringi (Gomphotheriidae, Proboscidea) no acervo do museu de história natural do Instituto do Trópico**

Sub-úmido da PUC/ Goiás, Goiânia. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Porangatu, v. 2, n. 1, p. 63-76, 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br>. Acesso: 12 mar 2025.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O Nordeste é só seca?** Brasil Escola. 2022. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-nordeste-so-seca.htm>. Acesso: 30 jan 2025.

PEREIRA, Nilma Carvalho. **Território, Memória e Identidade do Povo Indígena Tuxá de Rodelas/Ba e Efeito Barragem em sua Dinâmica Socioambiental e Cultural.** In: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das Águas do Opará.** Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 137-172, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 14 mar 2025.

PIRES, Mathias M.; KOCH, Paul L.; FARIÑA, Richard A.; AGUIAR, Marcus A. M. de; REIS, Sérgio F. dos; GUIMARÃES, Paulo R. **Pleistocene megafaunal interaction networks became more vulnerable after human arrival.** *Biological Sciences*. 2015. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org>. Acesso: 12 mar 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GLÓRIA. **História.** 2025. Disponível em: <https://sai.io.org.br>. Acesso: 23 jan 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RODELAS. **São João 2019 é na Terra do Coco.** 2019. Disponível em: <https://www.rodelas.ba.gov.br>. Acesso: 10 jan 2025.

_____. **Zorobabé.** 2025. <https://www.rodelas.ba.gov.br>. Acesso: 06 abr 2025.

PRESTES, Elly. **O Sertão que Virou Mar**. 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 21 jan 2025.

PROGRAMA CISTERNAS. **Modelo da Tecnologia Social de Acesso à Água**. Número 5. 2017. Disponível em: <https://www.mds.gov.br>. Acesso: 15 abr 2025.

RESEARCHGATE. **Rodelas e Municípios vizinhos**. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 02 fev 2025.

REIS, Luiz Fernando Pinto dos. **Guerra dos 30 Anos: Entenda causas, fases e consequências**. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br>. Acesso: 13 jan 2025.

SALOMÃO, Ricardo Dantas Borges. Uma Etnohistória do Submédio São Francisco. *In*: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das Águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 71-136, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 09 mar 2025.

SANTOS, João Bosco Soares dos. **Manoel dos Santos: o Delmiro Gouveia dos Sertões de Rodelas**. Salvador: Editora do Colégio Anglo, 2013.

SANTOS, Mônica. **Fósseis da “Era dos Dinossauros” são encontrados no Nordeste baiano em atividade de campo da UNIVASF**. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2018. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br>. Acesso: 03 mar 2025.

SANTOS, Thaíla Vieira Alves dos; EDSON-ALVES, Bruno. **A Importância dos Cactos Presentes na Flora da Caatinga**. 2021. Disponível em: <https://www.jornalpraca.com.br>. Acesso: 10 abr 2025.

SCIENTIA ET FUTURAE. **Mesoproterozoico e Neoproterozoico**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso: 02 mar 2025.

SERVIÇO DE APOIO JURÍDICO DA BAHIA. **Povo Tuxá sofre ameaça de remoção de seu território tradicional Dzorobabé, em Rodelas – BA**. 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org>. Acesso: 14 abr 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Maurício de Nassau**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso: 13 jan 2025.

SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de. **Ecologia Sonora Tuxá**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 15 abr 2025.

SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de. Prefácio. *In*: SOUZA André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. (Org.). **Povo Tuxá das Águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 11-14, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 07 mar 2025.

SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS Alzeni de Freitas; SANTOS, Juracy Marques dos. D’Zorobabé: um etnomapa da autodemarcação Tuxá. *In*: SOUZA, André Luís Oliveira Pereira de; TOMÁS, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy. **Povo Tuxá das Águas do Opará**. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Paulo Afonso – BA: SABEH, p. 173-212, 2020. Disponível em: <https://www.sabeh.org.br>. Acesso: 16 mar 2025.

TODA MATÉRIA. **Era Cenozoica**. 2025. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br>. Acesso: 02 mar 2025.

TRIBUNA DA BAHIA. **Nova Fátima: seca devasta animais, provoca redução de leite e êxodo rural.** 2013. Disponível em: <https://www.calilanoticias.com>. Acesso: 10 abr 2025.

TUXÁ, Ancelmo. **Mensagem de Natal.** 2024. Disponível em: <https://web.whatsapp.com>. Acesso: 24 dez 2024.

TUXÁ, Felipe. **Os Tuxá de Rodelas e as Ilhas do Rio-Mar: buscando justiça entre mundos submersos.** 2023. Disponível em: <https://debatesindigenas.org>. Acesso: 09 fev 2025.

TV CAATINGA. **Memória Sertão: Igreja de São João Batista de Rodelas.** 2018. Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 09 fev 2025.

TV RIBEIRINHOS DO SÃO FRANCISCO. **São João Batista, padroeiro da cidade de Rodelas – BA.** 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso: 08 jan 2025.

_____. **O Sertão que virou mar.** 1988. Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso: 22 fev 2025.

UCHÔA, Maurício. **Caatinga: o berço resiliente das plantas que alimentam e curam.** 2025. Disponível em: <https://cearaselvagem.com>. Acesso: 11 abr 2025.

WIKILOK. **As melhores trilhas em Rodelas, Bahia (Brasil).** 2025. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com>. Acesso: 03 mar 2025.

YOUTUBE. **Decurião: o comandante destemido da cavalaria romana.** 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 10 fev 2025.

APÊNDICE

Manifesto do Povo Tuxá Rodelas⁸¹

Rodelas, 05 de outubro de 2017.

O Povo Tuxá de Rodelas, vem pelo presente, através do seu Conselho Tuxá da Aldeia Mãe formado por suas famílias de origem, aqui representados pelos Indígenas, a saber: 01- Mayra Apáko; 02- Mayra Arfer/Anália; 03- Genicélia Jurum – Marcelina, 04- Elton Fábio Juntá, 05- Irapuã Xurichanã – Libana, 06- Sérgio Luiz Arfer/Cunca Aribá, 07- Quitério Arfer – Auréliano, 08- Anátalia Padilha, 09- José Alvani Cataá, 10- Bruno Flechiá, 11- Carlos Zahaty Jurum/Vieira e por seus caciques João Batista – Dotor (Juntá), Manoel Eduardo – Bidú Arfer, Uilton Arfer/Anália, Ancelmo Xurichanã-Libana, Antônia Flechiá e pelo cacique Mirlene Xurichanã – Libania do Grupo Manoel Valério de Oliveira e do cacique Raimundo Flechiá do Grupo Tuxá das Margens do São Francisco, em conjunto com os demais Indígenas Tuxá que residem em Rodelas, que foram inseridos na luta através de seu Clã familiar, para informar aos filhos e habitantes de Rodelas, ao Território Itaparica e aos dirigentes do Estado Brasileiro de Direito, tendo como intuito de externar a nossa indignação frente à nota Pública de repúdio que foi organizada, defendida e veiculada nas redes sociais pelo Secretário da Agricultura e Meio Ambiente – SEAMA, da Prefeitura Municipal de Rodelas o Senhor Marcos Davi Meneses Lima.

O Senhor Secretário, revelou em sua ação, ser uma pessoa despreparada para traquejo da coisa Pública, agindo de maneira particular, colocando os seus interesses pessoais

⁸¹ Índios Tuxá da Nação Proká, do Arco, Flecha e Maracá, Malakutinga Tuá.

acima dos direitos do Povo Tuxá, adotando uma estratégia, colonizadora, preconceituosa e com um discurso comprado, vendeu as mesmas ideias do agronegócio e da Bancada Ruralista do Congresso Nacional, bancada essa, que tem atuado de maneira radical (valorizando mais um pé de soja do que propriamente os filhos da Mãe Terra) contra os Direitos das Populações Tradicionais e Indígenas.

Entendemos que a justiça é a salvaguarda dos governantes, ela é precursora da ordem e da paz, por essa razão, não aceitamos que seja propagado um falso discurso, cheio de vícios e erros, para tanto, é preciso elucidar alguns fatos e desmistificar as suposições apresentadas pelo Senhor Secretário, que de alguma maneira induz os cidadãos de Rodelas a se levantarem contra um Povo Indígena Originário do lugar, que são os primeiros habitantes de Rodelas, dessa forma, destacamos nessa nota as seguintes considerações, a saber:

a) O Povo Tuxá da Aldeia Mãe, consagra de maneira mais objetiva o seu processo pelo pertencimento ao Território D’Zorobabé no ano de 2003, quando solicitaram através de documento oficial a Universidade Estadual da Bahia – UNEB, o repatriamento dos achados arqueológicos (urnas funerárias, aribés, potes, colares, tembetás, pontas de flechas...), esses achados foram escavados e retirados a pedido da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, através da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, esse fato ocorreu antes do enchimento do lago de Itaparica. As lideranças Tuxá preocupadas com o resguardo de sua história ancestral, resolveram trabalhar na busca de criar um memorial de sua própria história, e com isso, trazer à tona, a verdade ocultada, invisibilizada, calada, reprimida sobre quem é o verdadeiro dono do Território Sagrado D’Zorobabé. Esse processo tramita até hoje via acompanhamento pela UNEB.

b) No mês de outubro no ano de 2008, foi realizado na Aldeia Tuxá Mãe, o primeiro encontro dos Povos Indígenas da Bahia,

denominado E-14, nesse evento as principais lideranças Indígenas do Estado, realizaram um ato ritualístico em celebração pela União dos Povos Indígenas, em um toré coletivo na praia de D'Zorobabé, consagrando assim o primeiro manifesto em apoio aos Tuxá pelo seu Território, que na contemporaneidade é reclamado pelos seus herdeiros Tuxá de Rodelas, caracterizando um marco na história do Povo.

c) A primeira ocupação (retomada) do Povo Tuxá da Aldeia Mãe, realizada no Território D'Zorobabé, ocorrida após o enchimento do lago, foi realizada no mês de janeiro do ano de 2010, de maneira pacífica e dialogada. O Povo se organizou efetuando a construção de pequenas malocas nas margens do Rio São Francisco – Praia de D'Zorobabé, uma oca foi erguida para abrigar as famílias que estariam permanecendo no local. Durante cinco meses os Tuxá conseguiram permanecer mobilizados na área, buscando reverter à decisão do Ex-prefeito Municipal que teria enviado para a Câmara de Vereadores de Rodelas, um projeto para tombar a Terra de D'Zorobabé como Terra Pública do Município, os Tuxá se fizeram presentes em uma sessão da Câmara de Vereadores no mês de março de 2010, e reclamaram o direito ao Território, após as manifestações realizadas pelos Indígenas que estavam presentes a caráter na audiência. O Presidente da Câmara de Vereadores deu o seu testemunho, informando que o seu pai dizia, que: a Capela construída na Terra de Surubabel foi erguida pelos Indígenas de Rodelas, dessa forma, esse projeto foi arquivado. No mês de abril de 2010, a FUNAI se posicionou favorável a constituir o Grupo de Trabalho – GT, para identificar e delimitar o Território Tuxá de D'Zorobabé, colocando o pleito para ser realizado até o ano de 2012.

d) Várias ações foram realizadas pelo Povo Tuxá da Aldeia Mãe, após a primeira retomada, como: viagens a Brasília, ao Ministério Público Federal de Paulo Afonso e na 6ª Câmara de Revisão de Justiça, Povos Indígena e Minorias Étnicas do

MPF/PGR, reuniões com a Coordenação de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas – CGID e com a Diretoria de Proteção Territorial – DPT da presidência da FUNAI em Brasília. O povo Tuxá resolveu despertar em um novo levante por sua afirmação indenitária e pela história de sua origem que está ligada diretamente ao Território D’Zorobabé, dessa forma, em 2014 o Juiz Federal, obrigou através de decisão judicial que a FUNAI constituísse um Grupo de Trabalho – GT, para Identificar e Delimitar o Território D’Zorobabé do Povo Tuxá, aplicando a norma vigente do Decreto presidencial nº 1.775, de 08 de janeiro de 1996, que estabelece os trâmites que são necessários ser efetivado em um processo de demarcação e delimitação das Terras Indígenas em consonância com o artigo 231 da Constituição Federal, nesse mesmo ato, o referido Juiz, suspendeu qualquer ato administrativo ou de inversão de recursos Públicos na Terra de D’Zorobabé, recomendando a SESAI e a FUNAI, que a atenção assistencial para os Índios não Tuxá, que estão habitando no lugar, fosse realizada fora da área em questão, para não caracterizar a sobreposição do direito ao usufruto Territorial do Povo Tuxá de Rodelas, porém essa decisão, até hoje não foi acatada por nenhum dos poderes envolvidos como: FUNAI/UNIÃO, Município de Rodelas e Governo do Estado da Bahia.

e) Diante da omissão da FUNAI/UNIÃO, e dos órgãos envolvidos, no dia 31 de junho do ano em curso, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região, conforme documento em anexo, sentenciou a União e a FUNAI a cumprir com o processo de Identificação e Delimitação da Terra Tuxá do Território de D’Zorobabé ou Surubabel, cabendo os órgãos FUNAI, Governo da Bahia, SESAI, Município de Rodelas, se posicionarem perante a sentença que foi transitada e julgada pelo Tribunal de forma a evitar qualquer tipo de contravenção.

f) Tendo como único objetivo de dar celeridade na aplicação da sentença, o Povo Tuxá da Aldeia Mãe, se organizaram e

resolveram fazer a sua auto demarcação, congregando com todos os Tuxá de Rodelas, foi eleita uma área estratégica que fica de frente, com a Ilha de D’Zorobabé e com a capela que foi erguida pelos antigos Índios Kroderas/Rodelas/Tuxá, essa referida área simboliza o reencontro com o passado, com a ancestralidade, com o sagrado que é inerente à origem do Povo Tuxá, dessa forma, não podemos aceitar que essa área venha a ser configurada como terra meramente produtiva. A aldeia erguida pelos Tuxá da Aldeia Mãe, não fará agressão significativa ao meio ambiente, pois o espaço que está sendo utilizado é para a construção de algumas moradias que será feita de acordo com os Clãs dos Tuxá, no tocante de quatro barracas por cada clã, somado a isso, temos que recordar e/ou informar ao Secretário Municipal da Agricultura e Meio Ambiente do Município de Rodelas e às entidades que apoiaram o mal fadado documento contra a autodemarcação da Terra Mãe dos Tuxá, que o local da ocupação em questão, é configurado com Área de Proteção Ambiental Permanente – APP, como está prevista no Novo Código Florestal, dessa forma, não pode ser caracterizada como área produtiva, logo o Povo não está sobrepondo direito de ninguém, por essa razão, os Tuxá estão pedindo apoio aos parentes Indígenas Pancararu, que se comprometeram em doar através de sua organização denominada Tronco Velho, muda de arvores nativas da mata ciliar do São Francisco e do Bioma Catinga para que os Indígenas Tuxá possam corrigir o passivo ambiental existente na área.

Apelamos pelo bom senso dos nossos opositores, que insiste em negar o pertencimento do Povo Tuxá com o Território D’Zorobabé, usando de argumentos provocativos para denegrir o nosso processo de autodemarcação, tentando com isso abrir um abismo entre os Tuxá e a população de Rodelas, recordamos em tempo, que antes de tudo somos Indígenas de Rodelas, cabendo à gestão municipal agir com imparcialidade

e defender os interesses de todos, coisa que não vem acontecendo, o que temos são posicionamentos que denunciam os interesses contrários ao nosso pleito, e baseado em interesses individuais, já que a área de sequeiro de nosso município está concentrada na mão de poucos, dessa forma o Povo Tuxá irá denunciar as autoridades competentes sobre as afirmações levianas que foram apresentadas pelo Secretário Municipal de Agricultura, e caso essas afirmações sejam reiteradas pelas entidades que subscreveram a Nota de Repúdio em questão, também deverão responder à justiça por calúnia e difamação feitas a um Povo que vem lutando historicamente de maneira honrosa pelo **Direito de Existir como Povo Indígena, pelo Direito constitucional a seu Território D’Zorobabé.**

Externamos que os limites de nossa Mãe Terra, serão concretizados a partir de um estudo criterioso que será realizado por pessoas idôneas ouvindo a população local. Portanto, caso outras afirmações adversas ao que aqui está posto, venham a ser feitas sobre o tema em questão anunciamos que a responsabilidade recairá sobre quem assim o fizer.

Na certeza de sermos compreendidos e que esse nosso manifesto possa ajudar a esclarecer os fatos, reiteramos o nosso compromisso para a manutenção da praia de D’Zorobabé como área de lazer para todos, porém não abriremos mão de sermos respeitados frente o pertencimento do Território D’Zorobabé ao Povo Tuxá.

Saudações Indígenas!

Respeitosamente,

CONSELHO TUXÁ DA ALDEIA MÃE – COTAM:

01- Mayra Gomes dos Santos – Apáko;

02- Mayra Arfer/Anália;

03-Genicélia Jurum – Marcelina;

- 03- Elton Fábio Juntá;
- 04- Irapuã Xuríchanã – Libana;
- 05- Sérgio Luiz Arfer/Cunca Aribá;
- 06- Quitério Arfer – Auréliano;
- 07- Anatólia Padilha;
- 08- José Alvani Cataá;
- 09- Bruno Flechiá,
- 11- Carlos Zahaty Jurum/Vieira

CACIQUES DA ALDEIA MÃE:

- João Batista dos Santos – Dotor Juntá;
- Manoel Eduardo – Bidú Arfer;
- Manoel Uilton dos Santos – Arfer/Anália;
- Ancelmo da Conceição – Xurichanã/Libana;
- Antônia Oliveira de Assis Brune – Flechiá;
- Mirlene Campos de Oliveira – Xurichanã /Libania;
- Grupo Manoel Valério de Oliveira
- Raimundo Nonato dos Santos – Flechiá;
- Grupo Tuxá das Margens do São Francisco.

Nota de Apoio à Comunidade Tuxá⁸²

Nós, da comunidade Tuxá de Rodelas-Ba, e demais subscritores, pedimos apoio ao nosso Povo Tuxá, ao mesmo tempo que reiteramos nossa preocupação frente aos processos de ataques e ameaças aos direitos territoriais, por parte dos fazendeiros locais.

O processo de disputa territorial se intensificou em 2018, quando esta comunidade foi vítima de uma decisão de liminar de reintegração de posse, expedida pelo juízo estadual de Chorrochó/BA, tendo a comunidade conseguido reformar a decisão, por meio de recurso no Tribunal de Justiça da Bahia.

É importante registrar que o direito da comunidade indígena Tuxá de Rodelas ao procedimento de demarcação do território tradicional Dzorobabé já foi reconhecido em Sentença proferida pela Justiça Federal no âmbito de Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal, que determinou a instauração do procedimento de demarcação, e a imediata constituição do Grupo Técnico de que trata o Decreto n. 1775/1996 (que regula o procedimento de demarcação de terra indígena).

No momento atual, a coisa ganha outro sentido, a comunidade tomou conhecimento de novo deferimento da liminar de reintegração de posse do território D'Zorobabé, no âmbito da Justiça federal, contrário à autodemarcação dessa comunidade no seu território, sem a devida observância dos preceitos fundamentais que garantem a permanência tradicional do Povo Tuxá na sua área tradicional.

Essa decisão deverá permanecer temporariamente suspensa, em razão da decisão do Ministro do Supremo Tribunal Federal

⁸² Serviço de Apoio Jurídico da Bahia.

Edson Fachin, deliberada em 06/05/2020, a partir do Recurso Extraordinário 1.017.365, que determina a suspensão nacional dos processos de reintegração de posse e de anulação de demarcação de terras indígenas, até o término da pandemia da COVID-19 ou do julgamento final do RE 1.017.365, o que ocorrer por último.

A luta pelo território D’Zorobabé é fruto da reorganização da comunidade indígena Tuxá de Rodelas – população originária que foi vítima da inundação de parte do seu território pela construção da barragem de Itaparica, expressiva da atuação irresponsável e genocida do Governo do Estado e da CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco). Desde então, a autodemarcação se tornou o principal instrumento do Povo Tuxá para reafirmar o pertencimento ao seu território, área de proteção permanente – APP, espaço que preserva a origem, espiritualidade e os achados arqueológicos que resguardam a história ancestral da comunidade.

A decisão de liminar de reintegração de posse é mais um processo de violações de direitos fundamentais, constitucionais e consuetudinários que o Povo Tuxá vem enfrentado frente ao Estado, fazendeiros locais e grandes projetos do sistema do mercado-brasileiro, e é de suma importância o apoio dos sujeitos comprometidos com a defesa dos direitos historicamente conquistados.

Nesse sentido, a liminar de reintegração de posse também contradiz a decisão já proferida pela mesma Justiça Federal, que reconhece o direito da comunidade ao procedimento de demarcação do território e à imediata constituição do GT.

Paralelo a liminar, existe uma discussão importante que será decidida em breve pelo STF, a RE 1.017.365, o julgamento do Marco Temporal para demarcação de terras indígenas que tem como finalidade principal determinar qual data deve ser observada para que aconteça a demarcação de um território

indígena, tocando diretamente o caso Tuxá e trazendo sérias consequências para as demais populações indígenas do Brasil.

Simultaneamente, pedimos que a Fundação Nacional do Índio-FUNAI, a partir do uso de suas atribuições, dê continuidade no procedimento administrativo de demarcação desse território principalmente no que tange ao retorno do Grupo Técnico – GT especializado, anteriormente já designado, fazendo com que o GT retorne às suas atividades e assim possa concluir os trabalhos de identificação e delimitação fundiária.

Eu sou um peixe, mas das águas que eu venho tem muito mais.
Ayrumã Tuxá, Serviço de Apoio Jurídico da Bahia.

Subscritores:

Conselho Tuxá da Aldeia Mãe – CONTAM. (Fig. 300);
Serviço de Apoio Jurídico da Bahia- SAJU/UFBA;
Núcleo de Estudos sobre Etnicidade (NEPE/UFPE);
Cátedra Dom Helder Câmara de Direitos Humanos da Unicap;
Conselho Missionário Indigenista – CIMI Regional Leste, assinado através do seu Coordenador Haroldo Heleno;
Grupo de Estudo Direito, Justiça e Terra (FDFB);
Grupo Tortura Nunca Mais da Bahia.
Vida Brasil;
Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe – REPROTAI;
Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação - OPARÁ/UNEB;
Movimento indígena da Bahia – MIBA;
Associação dos professores indígenas do Norte e Oeste da Bahia - APINOBA;
Núcleo Bahia da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia – ABJD;
Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais - AATR;
Patrícia Navarro de Almeida Couto, professora Universidade estadual de Feira de Santana, coordenadora do ANJUKA -
Centro de memória dos povos indígenas do Nordeste;

Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido – REFAISA;

Associação Comunitária Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho – AMEFAS;

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA;

Juspopuli Escritório de Direitos Humanos;

Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares – RENAP;

Instituto Popular memorial de Canudos – IPMC;

Renato Athias, antropólogo (NEPE/UFPE);

Núbia Maria de Melo e Silva – Socióloga/Sanitarista;

Daniel Maranhão Ribeiro – graduando em Direito/UFPE;

Sara da Nova Quadros Côrtes - Advogada e Professora Adjunto III da Faculdade de Direito/ UFBA;

Julio Cesar de Sá da Rocha, Professor Direito da UFBA.

Figura 300 – Indígenas Tuxá da Aldeia Mãe



Fonte: Serviço de Apoio Jurídico da Bahia (2021)

ANEXOS (Fig. 301 a 314).

Figura 301 – Gratidão especial a Ducilene, guerreira Tuxá-Massacará



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 302 – Agradecimentos aos vereadores Selma e Sílvio Romero



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 303 – Agradecimentos aos vereadores



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 304 – Caciques Ancelmo Conceição e Raimundo Nonato Brune



Fonte: Acervo Fotográfico do autor (2024)

Figura 305 – Com Antônia Rosa, Mislene e Maria Inácia



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 306 – Fala do Cacique Ancelmo



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 307 – Agradecimentos aos vereadores



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 308 – Fala do Cacique Ancelmo



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 309 – Agradecimentos a Selma Gomes Tuxá



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 310 – Com Benedito, Ancelmo, Ducilene e Selma



Fonte: Acervo do autor (2024)

Figura 311 – Com Luciano Peixinho



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 312 – A família a prestigiar



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 313 – Com Benedito, Ancelmo, Ducilene, Mislene e Inácia



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2024)

Figura 314 – Com Selma Tuxá, Diego Amando e Heitor



Fonte: Acervo do autor (2024)



No dia 06 de março de 1975 chegou à velha cidade de Rodelas um jovem missionário catarinense de ancestralidade prussiana. Incumbia-se ele de solidarizar-se com os nativos ribeirinhos na busca por soluções aos problemas que o Lago de Itaparica ocasionaria, quando se fechassem as comportas da barragem que se planejava implantar junto à cidade de Petrolândia - PE. Igual fazem os sertanejos, ele bebeu água do São Francisco. Encantou-se pela cidade curraleira e pelo jeito Tuxá de ser. No seio de nossa aldeia, despertou-se Rodelas. Descobriu a espiritualidade indígena e exercitou-se na arte de ser feliz. Hoje reconhece-se membro de nosso povo. Parabéns!

Selma Gomes Tuxá
Rodelas - BA

